

COLEÇÃO
AUSTREGÉSILO DE ATHAYDE



ACADEMIA BRASILEIRA
DE LETRAS



ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS

Cardeal Lucas Moreira Neves

TRADUÇÃO DO FRANCÊS

Cardinal Moreira Neves

Entretiens avec François Vayne

Éditions Parole et Silence, 2003

 ENTREVISTA COM
FRANÇOIS VAYNE

TRADUÇÃO DE
Laís Medeiros Garcia de Lima
João Bosco de Castro

Rio de Janeiro 2006

COLEÇÃO AUSTREGÉSILO DE ATHAYDE

Antonio Carlos Secchin (Coordenador)

Alberto Venancio Filho

José Murilo de Carvalho

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS

Diretoria de 2006

Presidente: *Marcos Vinícios Vilaça*

Secretário-Geral: *Cícero Sandroni*

Primeira-Secretária: *Ana Maria Machado*

Segundo-Secretário: *José Murilo de Carvalho*

Diretor Tesoureiro: *Antonio Carlos Secchin*

PUBLICAÇÕES DA ABL

Produção editorial e Revisão

Nair Dametto

Assistente editorial

Monique Mendes

Projeto gráfico

Victor Burton

Editoração eletrônica

Estúdio Castellani

Capa

Comemoração do Jubileu Áureo Sacerdotal (09.07.2000). Missa solene na Basílica N.ª Sr.ª do Pilar, em São João del Rei, concelebrada com Dom Eugenio (RJ) e Dom Serafim (MG), 51 bispos e centenas de padres de dioceses do Brasil

Catlogação na fonte:

Biblioteca da Academia Brasileira de Letras

-
- 255 Neves, Lucas Moreira, 1925-2002
N425e Entrevista com François Vayne / Cardeal Lucas Moreira Neves ;
tradução de Laís Medeiros Garcia de Lima [e] João Bosco de Castro
Teixeira ; [apresentação de Tarcísio Padilha] ; prefácio e introdução
de François Vayne. – Rio de Janeiro : ABL, 2006.
xxvi, III p. : fot. ; 21 cm. – (Coleção Austregésilo de Athayde, 25)
ISBN 85-7440-091-2

I. Neves, Lucas Moreira, 1925-2002 – entrevista. 2. Igreja Católica. 3. Ordem dominicana. I. Padilha, Tarcísio (apres.). II. Vayne, François (pref. e intr.). III. Academia Brasileira de Letras. VI. Título. V. Série.

Agradecimentos

A Eduardo Campagnani,
sacerdote brasileiro da diocese de Bauru,
por sua amizade, sua oração e seus conselhos.

A Martine Korpál, por sua preciosa colaboração.

Sumário

Apresentação <i>Tarcísio Padilha</i>	xi
Prefácio	xvii
Introdução	xxiii
A criança de São João del Rei	I
O frade pregador	9
Padre no Rio, Bispo em São Paulo	33
Um brasileiro no Vaticano	43
Arcebispo de Salvador – Bahia	57
Primaz do maior país católico do mundo	69
Presidente da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil	95
Prefeito da Congregação dos Bispos, Servidor da Igreja Universal	I03
Carta ao Presidente da Academia Brasileira de Letras	I09



Apresentação


~ “*De luce vigilo*” (desde a aurora
estou vigilante)

TARCÍSIO PADILHA*

A passagem do Cardeal Lucas Moreira Neves pela terra dos homens marcou, de modo indelével, milhares de pessoas que com ele conviveram e às quais distribuiu munificentemente a sua mensagem de amor a Deus, à Igreja, ao próximo, no mesmo amplexo de significativa dimensão espiritual.

Sua vocação religiosa foi precoce. Desde cedo, o menino de São João del Rei tinha seu olhar voltado para a missão sacerdotal. Um frade dominicano, Frei Sebastião Tausin, autor de um livro sobre Bergson e S. Tomás, lhe inspirou os passos para a decisão de se integrar à família de São Domingos de Gusmão, a famosa Ordem dos Pregadores.

Manifestou prioritária preocupação com a formação dos leigos. Para atingir tal *desideratum* foi assistente da Ação Católica, do Movimento Familiar.

*  Membro da Academia Brasileira de Letras, Presidente do Centro Dom Vital e da Sociedade Brasileira de Filósofos Católicos.

Tive o privilégio de conviver com ele. Muitas conversas, recíproca confiança, vidas paralelas de pessoas da mesma geração.

Certa feita, Dom Lucas, Ruth, minha esposa, e eu almoçávamos somente os três no Vaticano. O clima era fraterno e mal sabíamos que, momentos adiante, o grande amigo seria colhido por forte crise de saúde que o levou a ser internado num hospital. Passei toda a semana a buscar notícias suas, falando-lhe diariamente e ele a me tranquilizar. E agora que ele se foi, um vazio luminoso me acompanha: o vazio de sua ausência e a luz de seu exemplo e de seu calvário vivido com a esperança dos santos. Suplantando a distância geográfica que nos separava, falava-lhe ao telefone para saber de sua saúde e, num certo dia, a voz frágil prenunciou o fim próximo.

Cabe-me, como seu amigo de toda uma vida, escrever algumas palavras para dizer o quanto vale penetrar nos refolhos do espírito do grande Príncipe da Igreja, que deixou para os pósteros um radioso percurso.

Recordar a vida de quem se foi definitivamente pressupõe o valor do ser humano que partiu ou o afeto que a ele nos ligava. No caso do eminente Cardeal Lucas Moreira Neves, os dois aspectos estão presentes em minha visão de seu percurso e na amizade que nos uniu ao longo de décadas.

Tenho sempre presente que de nada vale a lembrança dos mortos a não ser para lhes seguir os exemplos. Isto porque, na esteira de Max Scheler, discernimos os modelos e os chefes. Um abismo os separa, conquanto em numerosos casos a magnitude histórica dos chefes pareça sobrelevar a consistência dos modelos. Os chefes, de um modo geral, são cultuados mais amiudadamente quando no exercício do poder político ou econômico. Os modelos perduram através dos tempos, mesmo que nos separe um hiato alongado e já tenham concluído o seu percurso. Permanecem em nosso intelecto, pela avaliação positi-

va de que fazemos de seu desempenho, e em nosso coração pelo fervor que suas vidas vincaram a nossa, qual inspiração duradoura que cultivamos docemente. Dom Lucas nos legou um exemplo edificante de religioso, de intelectual e de cidadão.

O livro que ora apresentamos nasceu de um profícuo diálogo com o saudoso Príncipe da Igreja nos idos de 1989, em Lourdes, quando o Cardeal Lustiger, arcebispo de Paris, sugeriu a François Vayne que procurasse conhecer Dom Lucas. O estímulo para aproximar-se do famoso cardeal brasileiro gerou uma rica autobiografia que nos retratou com precisão os passos de D. Lucas em seus quase setenta e sete anos de existência fecunda e exemplar.

De família pobre, Dom Lucas viveu uma pobreza contente, para me valer de expressão do Papa João XXIII. Daí o sorriso acolhedor que o abria para o próximo e constituía mesmo sua marca registrada.

Ele era o fruto do encontro de raças diversas, pelo que poderia ser considerado um europeu, um africano ou um americano. Tinha um pouco de todas essas etnias. É uma modalidade de riqueza que certos povos dificilmente reconhecem e que mesmo explica a abertura aos brasileiros que percorrem espaços distantes do nosso país nos dias que correm. Dom Lucas cita, a propósito, as palavras penetrantes do Papa Pio XII: “A Igreja Católica não se identifica, de modo algum, com a cultura ocidental; aliás, ela não se identifica com cultura alguma, mas está disposta a fazer aliança com qualquer uma.”

Depois de certa peregrinação religiosa em mais de um centro religioso, Dom Lucas optou pelos dominicanos, fascinado pela harmonia entre recolhimento e pregação, sempre lastreada em São Domingos, o fundador da Ordem.

Após seus estudos filosóficos em São Paulo, Dom Lucas parte para a França, a fim de completar sua formação no famoso centro dominicano de Saint-Maximin.

A biografia do grande pregador dominicano prossegue num contínuo aprimoramento intelectual e espiritual, mercê do convívio com mestres do porte de um Padre Labourdette e da penetração no pensamento de Simone Weil e de Gustave Thibon e, mais adiante, de Jacques Maritain. Catarina de Sena e Teresa de Ávila, além do Cura D’Ars, eram santos de sua predileção. Santa Maria Madalena estará também presente na devoção de Dom Lucas. “É uma santa próxima dos pobres pecadores, que somos todos nós; e a devoção para com ela vai de par com a devoção a Santa Teresinha do Menino Jesus, apóstola, também esta, da ternura e da misericórdia de Deus para com este mundo”, sublinha o Cardeal.

Depois de estudos acurados e de consistente formação espiritual na Europa, Dom Lucas retorna ao Brasil, cabendo-lhe dirigir a revista *Mensageiro do Santo Rosário* durante oito anos. Seu contato com jovens universitários era constante e o interesse pelo teatro marcou esse período da vida de Dom Lucas. Passou a trabalhar no Movimento Familiar Cristão durante treze anos, do que resultaram dois de seus livros.

Aos quarenta e dois anos é sagrado bispo pelo Cardeal Agnelo Rossi, em São João del Rei, na mesma igreja em que foi batizado.

Ascenderá ao cardinalato aos 62 anos para assumir a Arquidiocese de Salvador, como Cardeal-Arcebispo Primaz do Brasil. Momentos difíceis para a Igreja herdados por João Paulo II. Nesta fase da vida da instituição-maior do Ocidente, Dom Lucas foi sempre importante conselheiro intelectual e mesmo espiritual, havendo pregado retiro para o próprio Papa.

Teve início o seu vínculo com a Cúria Romana, como coordenador do Conselho dos Leigos, integrante do Comitê da Família, secretário da Congregação dos Bispos, de que se tornaria presidente. Na derradeira missão que lhe foi confiada manteve contatos amiudados com João Paulo II, de quem se tornou conselheiro inseparável. Daí emergiram

cogitações sobre o seu nome como um possível sucessor do grande Papa. O que explica a exigência de Dom Lucas de que este livro somente viesse a ser publicado após a sua morte. Uma decisão de fina sensibilidade.

Dom Lucas viveu a mensagem cristã em sua profundidade, chegando a extremos de se expor a críticas por seu empenho em dialogar, em buscar a conciliação, sem prejuízo da firmeza de atitudes reclamada por circunstâncias excepcionais, como foi o caso de suas duras críticas à mídia pelo desrespeito a certos valores éticos.

É relevante assinalar sua atividade pastoral, mesmo quando pesadas responsabilidades na Cúria Romana poderiam tolher-lhe o dinamismo.

Jamais abdicou de sua função de pregador. E sua presença era reclamada para pregar retiros aqui e em toda a Itália nos longos anos em que lá viveu.

Visitava-o com freqüência sempre que convocado pelo Pontifício Conselho para a Família, a que eu pertencia com minha senhora. Ao cabo de quase dez anos de atividades nesse dicastério, passei a conviver com Dom Lucas mais freqüentemente, já então vice-presidente daquele ministério da Cúria Romana. E pude participar dos debates e sentir de perto sua agilidade mental e sua elevada espiritualidade.

Integrou várias instituições culturais, como a Academia Brasileira de Letras, o PEN Clube do Brasil e a Academia Brasileira de Filosofia. Telefonava-lhe para mantê-lo atualizado no tocante às atividades da ABL bem como no atinente ao nosso país, que ele sempre amou, fiel às belas tradições cívicas das Minas Gerais.

Como presidente da Conferência Nacional dos Bispos Brasileiros, o ilustre Cardeal sempre deu preferência ao diálogo olho no olho do que à retórica midiática e assim pôde profligar medidas oficiais no âmago do poder.

Vasta cultura humanista, haurida na fonte dominicana e opulenta na trilha vaticana, Dom Lucas legou-nos livros com ensaios sobre temas atuais dissecados com penetração e vazados em estilo clássico.

Agora, cabe-me abrir a porta que conduzirá os leitores ao próprio Dom Lucas e o convívio será certamente enriquecedor.

Prefácio

~ Uma inexaurível caridade para com os pobres

Sua Eminência o Cardeal Lucas Moreira Neves morreu, em Roma, no dia 8 de setembro de 2002. O saudoso cardeal, Prefeito emérito da Congregação dos Bispos e Presidente emérito da Comissão Pontifícia para a América Latina, nascera em São João del Rei (MG), no dia 16 de setembro de 1925. Ordenado sacerdote em 9 de julho de 1950, foi eleito Bispo titular da Igreja de *Feradi Maior*, no dia 9 de junho de 1967, e nomeado Bispo auxiliar do Arcebispo de São Paulo. Foi sagrado Bispo no dia 26 de agosto do mesmo ano. No dia 15 de outubro de 1979, foi nomeado Secretário da Congregação dos Bispos e promovido a Arcebispo. No dia 3 de janeiro de 1987, foi transferido como Bispo Titular para a sede arquiépiscopal de *Vescovio* e, no dia 9 de julho do mesmo ano, para a Igreja Primacial do Brasil, em Salvador – Bahia. Foi feito Cardeal pelo Papa João Paulo II por ocasião do Consistório de 28 de junho de 1988, com o título dos santos Bonifácio e Alexis. No dia 25 de junho de 98, o Santo Padre o nomeou Prefeito da Congregação dos Bispos. Foi, então, transferido como titular para a Igreja de Sa-

bina-Poggio Mirteto, mantendo, “*in commendam*”, o título dos santos Bonifácio e Alexis.

As exéquias do Cardeal Lucas Moreira Neves foram celebradas na presença do Santo Padre, na quarta-feira II de setembro de 2002, na basílica vaticana. Durante a Missa fúnebre, o Papa João Paulo II pronunciou a seguinte homilia.

1. “*In laudem gloriae gratiae suae.*” (Ef I, 6). *As palavras do apóstolo Paulo, que escutamos durante a segunda Leitura, constituem uma síntese acabada e eloqüente de toda a existência de nosso venerável irmão, o querido Cardeal Lucas Moreira Neves, a quem iremos dar o último adeus. Ele mesmo tinha escolhido essas palavras de São Paulo para início de seu testamento espiritual, redigido na quinta-feira santa do ano 2000, reconhecendo nelas a inspiração e iluminação interior que o tinham acompanhado ao longo de toda sua existência. Ele escrevia: “In laudem gloriae... que essas palavras de São Paulo, que me servem, durante quase sessenta anos, de inspiração espiritual, sirvam-me, igualmente, de inspiração no momento de comparecer diante de Deus. Eu desejo, profundamente, que nesse momento se concentre e atinja seu ponto culminante toda a minha ação de graças à Santíssima Trindade.”*
2. *Tendo entrado muito jovem para a Ordem dos Frades Pregadores, conservou, durante toda sua vida, um profundo apego à sua vocação e à sua identidade de filho espiritual de São Domingos. No supracitado testamento, ele confiava: “Amei essa vocação com paixão” e prosseguia: “Espero morrer permanecendo plenamente fiel à essência da vocação dominicana.” Sua vocação religiosa enriqueceu-se, e exprimiu-se de maneira magnífica, no intenso ministério sacerdotal, inicialmente ao lado dos estudantes católicos, depois na animação do “Movimento familiar cristão”, assim como entre os intelectuais, os jornalistas e, sobretudo, os artistas do teatro e do cinema.*

Como Bispo auxiliar de São Paulo, fez-se estimado pelas notáveis qualidades do espírito e do coração, pela sua sensibilidade pastoral, pela sua inexaurível caridade para com os pobres, particularmente para com “seus” meninos de rua... Em razão dessas qualidades, ele foi chamado a assumir encargos sempre mais importantes.

A Igreja, os leigos, o sacerdócio, o serviço petrino, as associações juvenis e os movimentos eclesiais foram dos temas mais caros ao Cardeal Lucas Moreira Neves, aprofundados e expostos em inumeráveis ocasiões. A esse propósito, como não lembrar os exercícios espirituais que ele pregou no Vaticano, em 1982, dos quais todos gostaram pelo profundo sopro espiritual e eclesial que os invadia?

3. *Lucas Moreira Neves retorna ao seu querido Brasil, na qualidade de Arcebispo da sede primacial de Salvador – Bahia, enriquecido pelo serviço prestado à Cúria romana em favor de toda a comunidade católica. Depois de tê-lo introduzido no Colégio cardinalício, eu o chamei novamente a Roma, em junho de 1998, para lhe confiar o cargo de Prefeito da Congregação dos Bispos, o que ele manteve até setembro de 2000, quando, por razões de saúde, solicitou fosse exonerado.*

Exatamente durante esses longos anos marcados pela doença, sua incessante colaboração em favor de seus irmãos tornou-se, em certo sentido, mais eficaz, em virtude da íntima união com o Senhor Jesus. É o próprio Cardeal Neves quem o confessa, em expressões mais reservadas, ciente de estar revelando um dos pontos mais íntimos e delicados de sua alma. “Custa-me muito, de um ponto de vista natural, e à simples razão humana, mas numa perspectiva de fé e de obediência à Vontade de Deus, render, igualmente, graças pela doença.” E ele dá a razão mais profunda dessa atitude de fé: “Conforta-me a certeza de que, com este sofrimento, entrei em comunhão com a Paixão de Cristo, vivi, sobre a terra, uma parte do purgatório e colaborei, mais que com toda pregação, para a redenção de meus irmãos.”

4. *É exatamente essa visão de fé que nos ajuda a viver, intensamente, o triste momento do desprendimento da vida terrestre de nosso irmão querido. A dor pelo desaparecimento de sua venerável pessoa, grande dom concedido à Igreja e à sociedade civil, é minorada pela esperança da ressurreição, fundada na própria palavra de Jesus, escutada no Evangelho. “Sim, esta é a vontade de meu Pai: que todo aquele que vê o Filho, e nele crê, tenha vida eterna, e eu o ressuscitarei no último dia” (Jo 6, 40). Face ao mistério da morte, tudo parece irremediavelmente perdido para o homem que não tem fé. É a palavra de Cristo que, então, ilumina o caminho da vida e confere valor a cada um de seus momentos. Jesus Cristo é o Senhor de nossa vida, ele veio para “que eu não perca nenhum daqueles que Ele (o Pai) me deu” (Jo 6, 39).*

Foi, precisamente, nesse horizonte de fé que nosso querido irmão viveu sua existência, totalmente consagrada a Deus e ao serviço dos irmãos, em particular dos mais pobres, tornando-se, assim, uma testemunha dessa fé corajosa que se fia cegamente de Deus.

5. *“Scio quod Redemptor meus vivit” (Jó 19, 25). No grande silêncio em que está envolvida a morte, eleva-se, cheia de esperança, a voz do crente antigo: “Jó implora a saúde dos vivos, na qual cada acontecimento humano encontra seu sentido e fim.”*

“Videbo Deum meum, Quem visurus sum ego ipse et oculi mei conspecturi sunt” (Jó 19, 26-27) afirma o texto sagrado, deixando entrever, ao término da peregrinação terrestre, o vulto misericordioso do Senhor. Foi à procura desse vulto de Deus que se consagrou o último pensamento do Cardeal Neves, que quis concluir seu testamento espiritual exprimindo um último desejo: “Sobre minha tumba, gostaria que se escrevesse somente a palavra do salmo: Vultum tuum, Domine, quaesivi”. E nós cremos, à luz da fé, que nosso venerável e querido irmão contemple já, revelado na glória do paraíso, esse vulto misericordioso do Cristo, que ele buscou na esperança ao longo de toda sua vida terrestre.

Isso é o que pedimos, de modo particular, à Santíssima Virgem Maria, Rainha da Esperança, agora que nós confiamos à terra os despojos mortais do Cardeal Lucas Moreira Neves.

Que a Santa Virgem Maria queira acolhê-lo em seus braços maternos e conduzi-lo à contemplação do vulto santo de seu Filho Jesus, em meio aos corações em festa dos anjos e santos, por toda a eternidade. Amém!

Introdução

“Sobre os teus muros, óJerusalém, coloquei guardas; eles não se calarão, nem de dia nem de noite.” (Js 62, 6)

No mês de agosto de 1989, em Lourdes, França, o Cardeal Lustiger, arcebispo de Paris, conversa comigo a respeito de seu amigo o Cardeal Lucas Moreira Neves, Primaz do Brasil e Arcebispo de Salvador – Bahia; e convida-me a estar com ele, quando de sua passagem por Paris. Eu acabara de escrever um artigo no diário *A Cruz – O Fato*, em que apresentava um padre francês da *Fidei Donum* (o dom da fé), que estava em missão no Brasil e que criticava as nomeações episcopais que vinham sendo feitas nesse país, particularmente aquela de Monsenhor Moreira Neves para a Arquidiocese de Salvador – Bahia. Desejando saber mais sobre Monsenhor Lucas Moreira Neves, pessoa aparentemente controversa, aceitei ir até ao Arcebispado de Paris, durante o inverno de 1989, para um primeiro contacto com o Primaz do Brasil. Vi, então, aparecer, nos salões da rua Barbet de Jouy, um homem com o rosto iluminado por um grande sorriso e cujos traços lembravam tipos de vários povos da terra. Monsenhor Lucas Moreira Neves parece se situar na fronteira de todas as civilizações, sem pertencer, especificamente, a nenhuma delas.

A figura do Apóstolo Paulo, o apóstolo das nações que se fez “tudo para todos...” veio-me à lembrança. Dei-me conta, imediatamente, de que estava diante de um “homem de Deus” e um grande servidor da Igreja, uma personalidade profética e atraente, verdadeiramente única, no seu gênero. Propus-lhe ir a Lourdes para a festa de II de fevereiro, que se aproximava. Ele aceitou e entregou-me suas passagens de avião para que eu providenciasse a troca de roteiro. Fiz isso com a ajuda de Marie Hélène Mathieu, do OCH (Office Chrétien des Handicapés), que tinha convidado o Cardeal para uma conferência em Paris sobre o tema “A vida, encontro de dois amores”. O Bispo de Tarbes e Lourdes propôs ao Cardeal Lucas Moreira Neves presidir às celebrações de II de fevereiro, aniversário da primeira aparição da Virgem Maria a Bernardete. O Arcebispo de Salvador aceitou o convite e presidiu às cerimônias com dignidade e um senso missionário extraordinários. Fiquei, cada vez mais, interessado no perfil do Primaz do Brasil, que lembrava um pouco Pacelli (Pio XII).

Ele tinha certa ternura pastoral, que caracterizava Montini (Paulo VI) e a força de expressões que tocam diretamente ao coração, coisa de que Wojtyła (João Paulo II) tem o segredo... Convidei o Cardeal para ir até minha casa, a fim de apresentá-lo à minha família. Conversamos muito e descobri que esse Dominicano, formado na França, no convento de Saint-Maximin, teve como confessor meu diretor espiritual, o Padre Joseph-Marie Perrin... Não faltava mais nada para que nos tornássemos amigos. Despedimo-nos com um “abração” brasileiro no aeroporto de Pau, até onde o acompanhei. Eu via partir este discípulo de Jesus Cristo, vindo do Novo Mundo. Levava consigo, debaixo dos braços, para sua rádio diocesana, velhos discos que eu tinha recuperado em Lourdes. Veio-me o impulso interior de desejar rever esse apóstolo, dedicado, totalmente, ao serviço de um mundo novo...

Reencontramo-nos em Roma, em outubro de 1990, durante o Sínodo dos Bispos, que tratava do Sacerdócio e de cujo tema o Cardeal Lucas Moreira Neves era relator. Descobri, então, outras facetas de sua personalidade: sua poderosa inteligência, suas qualidades de síntese e sua grande capacidade de trabalho. Ele convidou-me para ir ao Brasil, particularmente à sua diocese, quando da ida do Papa, um ano após o Sínodo. Em outubro de 1991 recebeu-me em sua casa e me deu a oportunidade de seguir, bem de perto, a visita do Santo Padre a Salvador – Bahia, a primeira cidade fundada no Brasil, aquela de onde partiu a evangelização do país, que se tornou a maior nação católica do mundo.

Mantivemos correspondência, regularmente; e, em fevereiro de 1993, no Colégio Pio Brasileiro em Roma, eu me dispus, durante uma semana, a colher o testemunho apostólico desse homem que os brasileiros chamam, familiarmente, de “Dom Lucas”. Eu presentia, na verdade, que, um dia, seria necessário revelar, amplamente, o modo pelo qual se tramou a obra de Deus em sua vida, para melhor compreender uma página da história da Igreja que se escreve, sob nossos olhos, no alvorecer do terceiro milênio. No dia 4 de agosto de 1993, Dom Lucas presidia, em Ars, a festa de São João Maria Vianney; e, no outono do mesmo ano, em Lisieux, presidia, igualmente, a festa de Santa Teresinha. No início de 1994, ele estava em Paray-le-Monial, para ordenar novos padres. Nós nos reencontramos nesses lugares de graça. Foi assim que, pouco a pouco, nasceu a presente obra, que Lucas Moreira Neves concordou em publicar após sua morte. Tendo sido seu nome incluído entre os *papabili*, ele não queria contribuir para antecipar nada, por respeito para com João Paulo II, de quem ele foi, até o fim, precioso colaborador e amigo fiel. Nossos encontros, que datam, sobretudo, de 1993 e 1994, foram retomados durante o ano de 1998, mas, em seguida, interrompidos em razão dos problemas de

saúde de Dom Lucas. Ele partiu para o “outro mundo” no dia 8 de setembro de 2002, festa da Natividade de Maria. As pessoas que estavam à sua cabeceira recitavam o rosário e, no quarto mistério glorioso, aquele da Assunção, ele abriu os olhos, olhou ao longe, depois expirou. Dom Lucas continua ainda sua missão apostólica ao lado de santa Teresa de Lisieux, “Doutora do Amor”, que foi sempre tão cara a seu coração.

Roma, 28 de janeiro de 1993,
na festa de Santo Tomás de Aquino.
Lourdes, 8 de dezembro de 2002,
na festa da Imaculada Conceição.


A criança de São João del Rei

Dom Lucas, sua história começa num dia de outono de 1925, na hora do Angelus...¹

De fato, nasci em São João del Rei, numa quarta-feira, no dia 16 de setembro de 1925, ao meio-dia e meia, exatamente. Meus pais tinham perdido um filho, ao nascer, após o acidente que minha mãe sofrera. Por isso então fui o segundo filho. Meu pai chamava-se Telêmaco. Seu bisavô era natural de uma pequena cidade do Arquipélago dos Açores. Minha mãe chamava-se Margarida. Quando eu vim ao mundo, ela tinha 25 anos e meu pai 27.

Seus pais o consagraram a Nossa Senhora de Lourdes, poucos dias após seu nascimento. Por que eles tinham tal devoção?

Fui batizado no dia 5 de outubro de 1925. Era costume, então, consagrar a criança a Nossa Senhora. E meus pais assinavam a revista

¹  O jornalista que entrevista Dom Lucas é francês. Eis porque ele se refere à estação do outono, embora falasse do mês de setembro, que para nós é final de inverno e começo de primavera.

do Rosário, fundada pelos dominicanos. Eles quiseram que eu fosse batizado na igreja de Nossa Senhora do Rosário, diante de uma reprodução da Gruta de Lourdes, colocada no fundo da igreja. Esse acontecimento, de ordem espiritual, marcou minha vida, profundamente. Eis por que acho bom realizar este livro com o senhor que, no momento destas conversações, é o responsável pelo Jornal de Lourdes. Quarenta e seis anos após meu batismo, fui sagrado Bispo na praça da igreja do Rosário. Não foi no seu interior, pois ela é muito pequena para acolher tal celebração.

Seus pais pertenciam à Ordem Terceira Dominicana?

Em nossa cidade não havia os Frades Pregadores. Mas meus pais recebiam a revista editada por eles, revista da qual, mais tarde, fui diretor. Lá havia os franciscanos e minha mãe pertencia à Ordem Terceira de São Francisco de Assis. Francisco e Domingos viveram na mesma época, sob o influxo do mesmo sopro evangélico. Eles foram canonizados por seu amigo o Cardeal Hugolin, que se tornara Papa sob o nome de Gregório IX.

Seu pai e sua mãe tinham algum trabalho?

Minha mãe era professora. Ela deu aulas sobretudo num bairro da cidade, onde moravam numerosos imigrantes italianos, muito pobres, que cultivavam suas próprias hortaliças. Esses imigrantes italianos falavam português, é verdade; mas, entre si, falavam o dialeto napolitano, de suas origens. Meu pai foi sapateiro até aos quarenta anos. Depois ele trocou de profissão: foi ser bibliotecário municipal de São João del Rei. Ele era muito culto e amava muito a música. Por isso, não obstante ter sido sapateiro e, depois, bibliotecário, ele dirigiu uma orquestra sacra da cidade. Meu irmão, José Maria, que fez doutorado

em música na Sorbonne, há mais de vinte anos sucedeu a meu pai à frente da orquestra...²

O senhor ouviu falar francês na sua infância?

Minha mãe tinha estudado num colégio de São João del Rei, das Irmãs da Caridade, as Vicentinas. Aí ela tirou o diploma em 1920. As Irmãs da Caridade eram francesas. Mamãe, então, aprendeu algumas noções de francês. Mas, na verdade, nunca falou fluentemente essa língua. Ela sabia frases decoradas, que lhe permitiam manter uma pequena conversação. Foi assim, através das Irmãs da Caridade e da minha mãe, que despertou em mim o desejo de aprender a língua que eu tanto amo. A 2 de julho de 1987, dez dias antes de ser nomeado Arcebispo de Salvador – Bahia, recebi, em Roma, por parte do Governo francês, a Legião de Honra (Légion d’Honneur). Recordei, então, no discurso que pronunciei, que, muito embora não tivesse jamais trabalhado para a França, eu considerava aquela “roseta” como uma resposta ao grande amor que, desde a minha mais tenra infância, eu tenho pelo seu país. Os primeiros textos franceses que li foram as *Cartas de São Vicente de Paulo*. Depois, o *Diário de um Pároco de Aldeia*, de Georges Bernanos. Lembro-me, claramente, daquelas palavras tão profundas das últimas linhas desse *Diário*: “A graça das graças é se esquecer... é amar, humildemente, a si próprio, como a qualquer dos membros sofredores de Jesus Cristo.” Primeiro estudei francês no seminário, aluno que era dos Padres Lazaristas. Depois, com os dominicanos, antes de vir estudar teologia no Convento de Saint-Maximin, no Var, no Sul da França, onde aprendi tanto junto ao túmulo de Santa Maria Madalena, testemunha privilegiada da Ressurreição.

2 ☞ O Prof. José Maria Neves faleceu a 27 de novembro de 2002. Hoje a referida orquestra, que se chama Ribeiro Bastos, é dirigida por uma das irmãs de Dom Lucas, a maestrina Maria Stella Neves Valle.

Como seus pais se comportavam um com o outro e com relação ao senhor?

Meus pais eram muito religiosos. Fiéis aos sacramentos da Igreja e à oração conjugal. Seu comportamento cristão nos edificava e nos fazia crer no sentido forte da palavra. Meu pai dirigia a orquestra e costumava dizer: “Aquele que canta reza duas vezes.” Íamos todos juntos à missa dominical e, freqüentemente, também durante a semana, com minha mãe. Tenho uma lembrança inapagável: aquela de, sobretudo no inverno, me levantar às 4h e 30 da manhã, para ir à missa com mamãe. Fazia frio. Nossa cidade fica no alto. Não tínhamos bastante agasalho, mas o céu estrelado era tão belo. A vida de meus pais era difícil. Minha mãe tinha um filho a cada dezoito meses, aproximadamente. Depois de mim, ela teve nove filhos nascidos vivos, dos quais uma filhinha morreu em tenra idade. Ela teve, também, três abortos vividos penosamente, por falta de médico. Meu pai, sapateiro, ganhava pouco e precisava alimentar doze pessoas... Faltava-nos o pão, não, porém, a alegria. Não se comia sempre com fartura, mas ninguém sofria, tanto era o que nos sentíamos amados.

As famílias vizinhas eram semelhantes à sua?

Sim, mas, depois, as coisas mudaram bem. As famílias, àquela época, tinham muitos filhos. Nós vivíamos na periferia da cidade. Brincávamos na rua com bola feita de pano, de papel ou de pedaços de barbante... Éramos pobres, mas de uma “pobreza contente”.

O que o senhor quer dizer, precisamente, com a expressão “pobreza contente”?

Angelo Roncalli, Visitador Apostólico na Bulgária, depois Delegado Apostólico na Grécia, escrevendo à sua família, lembrou a “pobreza contente” na qual ele viveu sua infância. Uma vez feito Papa, com o

nome de João XXIII, ele, regularmente, fez alusão a essa simplicidade de vida que era marcada pela alegria. Os pobres sabem cantar, dançar e rir. Eles são abertos aos outros e partilham, facilmente, o pouco que têm. É essa a “pobreza contente”.

Que tipo de criança era o senhor?

Eu amava companhia. Criado numa família numerosa, aprendi bem cedo o sentido da comunidade. Muito comunicativo, não era nada taciturno. Minha saúde nunca foi muito boa, mas não era, tampouco, uma criança frágil.

O senhor conversava muito com seus pais?

Nós tínhamos um respeito muito grande por nossos pais e pouca intimidade com eles, como todas as crianças daquele tempo. Eu era muito ligado a meu avô, que eu chamava de “padrinho”. Ele gostava de marcenaria e fabricava brinquedos... Às vezes me dava alguma moeda.

O senhor teve algum grande sofrimento na infância, alguma ferida?

Não. Nós vivíamos, intensamente, nossa situação de crianças, sem ter acesso ao mundo dos adultos. Não havia televisão e o rádio era pouco escutado. Os adultos não nos introduziam nos meandros dos problemas do mundo. Não tive nenhuma ferida que deixasse cicatrizes, nem ferida mortal. Algumas vezes, meus pais atribuíam a mim uma falta que um de meus irmãos tinha cometido. Isso me custava muito choro...

No decorrer de sua infância, que contribuição sua vida familiar deu ao seu percurso de padre, de bispo e de servidor da Igreja universal?

Nós somos todos modelados pelas experiências vividas durante a infância. Para mim, o fato de ter sido o mais velho de dez filhos, marcou

meu caráter. A presença, cheia de amor, de meu pai e de minha mãe no lar, foi uma sorte; e eu avalio a importância disso melhor ainda agora, após anos de experiência na ação pastoral. Eu me lembro de um jovem do Rio, que orientei espiritualmente, que aceitava com dificuldade a paternidade divina, por causa da experiência negativa de seu pai terrestre. A presença atenta de meu pai permitiu-me acolher, interiormente, o mistério da paternidade divina e, assim, vivê-la realmente. Meus pais me transmitiram não somente a vida, mas também a fé; e eu não posso esquecer o fervor com o qual eles rezavam. Toda noite vinham ambos nos abençoar, antes de dormirmos, e nossa pobre casa parecia iluminada por essa bênção.

O senhor fala de sua família como sendo uma família muito simples, muito pobre; um de seus primos, entretanto, vindo da grande burguesia brasileira, foi eleito presidente da República do Brasil...

Era um primo distante. Nossas famílias não se freqüentavam, quando eu era criança. Ele descendia, como eu, daquele bisavô vindo dos Açores e que se casou com uma brasileira de São João del Rei. Tancredo Neves era quinze anos mais velho que eu. Quando o conheci, ele já era um brilhante advogado e começava sua carreira política, que o levaria à Presidência. Morreu antes de ser empossado.

Como o senhor vive essa diversidade de origens que se refletem em suas feições? O senhor parece situar-se na fronteira de todas as civilizações, sem pertencer, especificamente, a nenhuma...

Meu pai descendia de portugueses instalados nos Açores. Pelo lado de minha mãe, eu tenho sangue africano, pois o avô do pai dela era um escravo negro. Será que ele vinha de Angola, da Guiné, da Nigéria ou de Benim? Eu não sei, mas tenho certa inclinação por Benim, antiga Daomé... O bisavô da minha mãe, esse escravo africano, talvez tenha

recebido de seu patrão o nome Moreira. Os proprietários, geralmente, davam seus nomes aos escravos. Embora a escravatura não tenha sido abolida no Brasil senão em 1888, uma lei mais antiga, dita do “ventre livre”, permitia que os filhos de escravos, a partir de tal lei, não fossem mais escravos. Por minha avó materna, conforme dizem na família, eu tenho uma ascendência espanhola. O nome Neves vem de meu pai, Moreira de minha mãe. Eu vivo muito bem essa diversidade de origens, que faz misturarem em mim os sangues de diversos povos e faz ressoar em meu coração o apelo de muitas civilizações. Sou, ao mesmo tempo, europeu, africano, americano... É uma riqueza e, como homem de Igreja, tento ser um homem universal. O Brasil foi constituído segundo um processo de equilíbrio entre os antagonismos. Pio XII dizia que “a Igreja Católica não se identifica, de modo algum, com a cultura ocidental; aliás, ela não se identifica com cultura alguma, mas está disposta a fazer aliança com qualquer uma”.

O senhor sabe o significado do nome de sua família?

Uma convenção, ao mesmo tempo espanhola e portuguesa, difundida nos países conquistados pela Espanha ou por Portugal, requer que os esposos conservem seus dois nomes paternos para fazer o nome da família. O nome paterno de minha mãe, Moreira, significa “amoreira”. Dizem que os judeus, que imigraram para o Brasil, tomavam os nomes de árvores... Então, é possível que eu tenha alguma ascendência judia, mas é provável, também, que se trate do nome do proprietário do bisavô de minha mãe, escravo africano; não se sabe bem... Neves, o nome paterno de meu pai, quer dizer “neve” (cujo plural é “neves”). Talvez um de meus antepassados tenha nascido a 5 de agosto, festa de Nossa Senhora das Neves. Acontecia, antigamente, de dar à criança o nome do santo festejado no calendário, no dia de seu nascimento....

Qual a característica de São João del Rei, sua terra natal?

É uma cidade pequena, de 50.000 habitantes, situada no Estado de Minas Gerais: “as minas gerais”. Um embrião da cidade formou-se em 1713; tornou-se cidade em 1838, com a construção da igreja principal. São João del Rei é uma cidade colonial, característica do Estado de Minas Gerais. Pessoas que vinham de São Paulo em direção ao norte, para explorar os minérios, sobretudo o ouro e as pedras preciosas, fundaram essa pequena cidade. Essas pessoas eram chamadas de “bandeirantes”, porque seguiam as bandeiras e marchavam quase em procissão. Vinham a São João del Rei procurar, sobretudo, ouro. São João del Rei é, agora, a quarta cidade de Minas.

Por que sua cidade leva este nome: São João del Rei?

O Rei não vivia no Brasil; vivia em Portugal. E o primeiro núcleo da cidade, tendo se formado em 24 de junho, recebeu o nome do santo comemorado naquele dia... Como outras cidades do século XVIII, fundadas pelos caçadores de ouro no Estado de Minas – que é maior que a França – São João del Rei possui magníficas igrejas. Um célebre arquiteto-escultor, Antônio José de Lisboa, desenhou essas igrejas. Ele esculpiu as imagens numa pedra muito suave e muito resistente: a “pedra-sabão”, que não se reduz a pó e mantém-se intacta, apesar dos ataques do tempo. Só a partir de 1960 é que São João del Rei tem uma catedral e um bispo.

O frade pregador

Quando surgiu no senhor o apelo à vida religiosa, pela primeira vez?

Eu atribuo meu primeiro desejo de ser padre ao ambiente familiar em que fui envolvido. O apelo à vida religiosa, propriamente dita, veio depois. Nossa cidade contava com muitos padres, franciscanos e diocesanos. Os padres visitavam nossa casa regularmente. Eles viviam lá e sua presença era muito importante para nossa vida coletiva. Meus pais tinham um grande respeito pelo padre. Um dia, minha mãe repreendeu, com vigor, uma de suas amigas que usou um termo inadequado para falar de um padre da cidade que, aliás, veio a morrer. Eu fiquei muito impressionado com essa observação de minha mãe. Um de meus tios entrou para o seminário, antes de mim, e seu compromisso me fez refletir. Nossa paróquia era muito animada e dava, a cada ano, ao menos três padres à Igreja. Um dia, saindo de uma cerimônia de ordenação, eu disse a minha mãe: “Sou eu que, um dia, serei padre.” Eu tinha dez anos... Ela não me influenciou; no entanto, fui para o seminário logo que pude, na idade de 13 anos.

Como o senhor viveu esse afastamento do lar, indo para o seminário?

A viagem era longa até chegar ao seminário menor de Mariana, que era dirigido pelos lazaristas. Passavam-se nove meses seguidos no seminário; depois, três meses de férias. O seminário foi minha segunda família. Guardo uma lembrança muito boa do superior que, mais tarde, se tornou Bispo e morreu aos 90 anos de idade. A carta mais bela que recebi, quando João Paulo II me nomeou Cardeal, em junho de 1988, foi dele. Era a carta de um verdadeiro pai para seu filho. A paternidade espiritual dos lazaristas contou muito em minha vida. Antes de entrar para o seminário menor, aos 13 anos, eu tinha estado no ginásio que os franciscanos holandeses dirigiam em São João del Rei. Essa experiência de dois anos no ginásio, permitiu-me entrar, diretamente, no segundo ano de seminário menor. Fui nomeado regente, encarregado de ajudar os superiores na disciplina e orientação. Pequena responsabilidade, que durou quatro anos, e que contribuiu para minha formação. Do seminário menor eu guardo esta convicção: o padre é “um outro Cristo” e ele deve viver à altura dessa graça, desse dom recebido. Eu posso morrer até centenário, mas não me esquecerei dessa elevada idéia sobre o padre, que me foi transmitida no seminário menor.

A forma de vida dos franciscanos do ginásio não o atraiu?

Todos os franciscanos do ginásio eram holandeses. Eu achava, ingenuamente, que precisava ser holandês para ser franciscano. Então, entrei para o seminário menor para me tornar padre diocesano. Um padre, vigário de minha paróquia, que cantava muito bem, influenciou, indiretamente, na minha vocação. Do mesmo modo o pároco, que eu vi morrer de ataque cerebral, pouco antes de eu partir para o seminário. Foi ele quem se encarregou da minha inscrição.

Por que o senhor optou pela vida dominicana, após cinco anos de seminário diocesano?

O Padre Tauzin, falecido em Bordeaux, no outono de 1993, é quem está na origem de minha vocação dominicana. Estando já há quatro anos no Brasil, ele falava muito bem o português, quando chegou em minha cidade, em 1938, aos 31 anos de idade. Ele tinha vindo pregar um retiro espiritual para adultos na minha paróquia. Eu era co-roinha, encarregado de ajudar o pregador. Ele era de pequena estatura, mas seu hábito, todo branco, me impressionou. “Eu quero ser dominicano”, disse-lhe. Ele prometeu me inscrever no seminário menor de Mariana. Mas enviou-me do Rio, onde vivia com sua comunidade, a *Vida de São Domingos*. Durante os cinco anos de seminário me correspondi com padre Tauzin. Eu não falava senão de São Domingos e dos dominicanos! Os lazaristas tiveram que ter muita paciência comigo: é verdade que eu amava muito também São Vicente de Paulo, o fundador deles... Sou feliz por ter tido, mais tarde, como bispo auxiliar, em Salvador – Bahia, um lazarista.

Não houve qualquer ranger de dentes, quando o senhor trocou o seminário diocesano pela Ordem dos Frades Pregadores?

Sim, certamente. O Arcebispo ficou bem descontente, considerando o que a diocese havia gasto com minha formação. Ele, muito conservador que era, não aprovava a renovação litúrgica assumida, então, pelos dominicanos. A filosofia de Jacques Maritain, expressa no “humanismo integral” e da qual o Padre Tauzin era um incondicional adepto, terminou por descontentar aquele Arcebispo. Ele, contudo, aceitou que eu entrasse para o noviciado dominicano, em São Paulo, no ano de 1944, sem que precisasse reembolsar a diocese. O Padre Tauzin era, então, superior da pequena comunidade dominicana em Belo Horizonte.

Em Lourdes, via fax, eu soube da morte do Padre Tauzin, ocorrida em outubro de 1993. Como o senhor reagiu a essa notícia?

Recebi a notícia com uma emoção profunda, feita de afeição e gratidão para com esse irmão de pequena estatura, de inteligência penetrante e de viva sensibilidade, que me encaminhou para a vida dominicana. É a esse pregador que devo a graça de ter visto nascer em mim a decisão incontida de me tornar dominicano, decisão que se tornou efetiva quando recebi o hábito na Ordem, a 6 de março de 1944, após os estudos secundários no seminário de Mariana. Frei Sebastião Tauzin era da província dominicana de Toulouse, a qual tinha aberto uma missão no Brasil, no fim do século XIX. Enviado ao Brasil, ele fortaleceu a presença da Ordem, no Rio, com sua atuação no campo da filosofia. Especialista em Henri Bergson – sua tese de láurea tinha sido sobre esse filósofo – Frei Sebastião foi convidado a pronunciar conferências e a participar de debates a respeito desse autor. Ele se engajou, também, na viva polêmica em torno do pensamento de Maritain sobre o cristianismo e a política... Após ter aberto uma casa em Belo Horizonte, Frei Sebastião foi nomeado vigário provincial, destacando-se por seu cuidado pelas vocações, o que se deu também com a abertura do seminário em Juiz de Fora. Quando foi instalada a província dominicana no Brasil, ele foi seu primeiro provincial. Voltou ao seu país em 1956. Aí foi, por duas vezes, provincial. Certa vez eu o encontrei em Lourdes, pouco tempo após minha sagração episcopal; ele me abraçou chorando, vertendo lágrimas de pura alegria. Encontrei-o, de novo, cinco anos antes de sua morte. Octogenário, com a saúde abalada, possuía total lucidez e a memória fresca como em seus verdes anos. Como poderia ele imaginar que um coroinha de 13 anos haveria de ser o maior beneficiário daquele retiro para adultos, pregado por ele, em São João del Rei, no ano de 1938?

O que o seduziu na vida de São Domingos?

Fascinou-me a harmonia entre recolhimento e pregação, vivida com profundidade por São Domingos. Conheci numerosos frades dominicanos que entraram para a Ordem por causa de Santo Tomás de Aquino. De minha parte, foi São Domingos que me cativou. Pregara a verdade e fazer frente às heresias: esse aspecto da vida dos primeiros dominicanos me seduziu. “Ele se dedicava com todas as forças, com um zelo ardente, a angariar, para Cristo, tanto mais almas quanto possível. Tinha em seu coração uma ambição surpreendente e quase inacreditável pela salvação de todos os homens”, conta Jourdain de Saxe, cronista de São Domingos e que foi não só seu discípulo, mas seu sucessor.

O historiador Michelet quis fazer de São Domingos o fundador da Inquisição...

Nada mais falso! O primeiro tribunal da Inquisição, organizado pela Igreja para julgar os hereges, data de 1231. Ora, Domingos morreu em 1221... É verdade que nem todos os religiosos da Ordem tiveram a doçura evangélica do fundador. Nascido por volta de 1170, em Castille, Domingos de Caleruega foi um homem de Deus, servidor da Palavra de Deus... Fundador da Ordem dos Pregadores, em 1215, em Toulouse, contribuiu para o esplendor do Evangelho numa época de revolução cultural, social e religiosa. Sob muitos aspectos, o século XII se aproxima do século XX e o projeto de Domingos conserva uma maravilhosa atualidade. Domingos queria que seus irmãos estivessem presentes lá onde o mundo se constrói. Tomás de Aquino resumiu bem o espírito da Ordem: “Contemplar e partilhar com os outros aquilo que se contemplou”...

Como Domingos de Caleruega tornou-se “São Domingos”

Ele tinha passado a juventude estudando, em Valência. Tornou-se, depois, cônego da catedral de Osma, vivendo com outros companheiros em torno de seu bispo, na observância da regra de Santo Agostinho. Um dia, em que ele acompanhava o bispo de Osma, Dieguo, a caminho da Dinamarca, fez uma parada em Toulouse... Aí Domingos descobriu que a Igreja não tinha mais crédito e que uma seita atraía muitos cristãos. Enfrentando o catarismo, Domingos se pôs a pregar o Evangelho. Escutando-o, mulheres, por primeiro, se converteram. Ele as instalou em Fanjeaux, uma fortaleza da adversária, numa encruzilhada de caminhos, chamada Notre Dame de Prouille. Era o ano 1206. Apoiado por Foulques, bispo de Toulouse, Domingos continuou a pregar, a jejuar, a fazer penitência, atormentado por esta questão: “O que será dos pecadores?” Outros discípulos tendo se juntado a ele em 1215, Domingos vai ao encontro do Papa Inocêncio III, no Concílio de Latrão, em Roma. Nessa ocasião é possível que Domingos tenha se encontrado com Francisco de Assis. Inocêncio III queria reformular a Igreja e seu sucessor, Honório, confirmou o carisma da nova Ordem dos Pregadores.

Domingos, juntamente com seus irmãos, praticou a oração litúrgica e silenciosa, o jejum, a obediência, a partilha dos bens e o estudo, adaptando a regra canônica de Santo Agostinho às exigências apostólicas da Ordem nascente. No dia da Assunção de 1217, em Prouille, Domingos resolveu enviar os frades em missão pelo mundo inteiro... “o grão dá o fruto se o disseminamos e apodrece se permanece amontoado”. Domingos, na esperança de ir pregar aos sarracenos, deixou até a barba crescer... Indo de um convento a outro, Domingos foi acometido de doença mortal em 1221, na idade de 50 anos, em Bolonha. O Cardeal Hugolin celebrou suas exéquias. Posteriormente, tendo se tornado Papa

Gregório IX, canonizou Domingos que, por toda parte, tinha se manifestado, em palavras e atos, como um homem do Evangelho.

A Ordem Dominicana chegou muito tarde ao Brasil...

Foi preciso esperar até 1881 para que os dominicanos chegassem a este grande país de origem lusitana. Os dominicanos portugueses tinham dado prioridade às Índias. Três dominicanos da província de Toulouse foram chamados, em 1878, pelo Bispo do Rio, Dom Pedro. Um deles morreu de febre amarela. O outro caiu doente... Essa primeira expedição, pois, fracassou. Três anos depois, o padre lazartista que tinha sido encarregado de receber os dominicanos no Rio foi nomeado bispo de uma diocese brasileira, duas vezes maior que a França, e que não contava com sequer um padre. Ele escreveu uma carta pungente ao provincial de Toulouse, pedindo-lhe para enviar os dominicanos ao Brasil. “A vida é muito dura, é necessário trabalhar muito, mas aqui não existe a febre amarela”, escrevia ele. O provincial aceitou e os dominicanos chegaram ao Rio no dia 31 de outubro de 1881. Um jovem dominicano brasileiro, o Padre Vicente de Mello, ofereceu sua vida para que a Ordem crescesse no Brasil. Ele era do Rio, tinha estudado no Colégio Latino-Americano em Roma, mas, depois, entrou para a Ordem e fez o noviciado em Toulouse. Ele não pôde retornar ao Brasil: morreu no convento de Salamanca, no dia 1.º de novembro de 1881, aos 27 anos, na manhã seguinte à chegada dos dominicanos ao Rio. Desta cidade os frades se embrenharam pela floresta brasileira... Foi um período heróico, mas a semente deu frutos, muitos frutos.

Como o senhor viveu os anos de noviciado e de filosofia em São Paulo?

A Europa estava em guerra e nós não podíamos ir a Saint-Maximin. Foi necessário improvisar um lugar em São Paulo. Os ofícios

eram solenes. Nós éramos poucos e admirávamos aqueles velhos missionários franceses, com seus hábitos de lã, apesar do calor, e que pregavam o Evangelho até o limite de suas forças... Penso, especialmente, em Dom Du Noday e Dom Tomás, bispos dominicanos do norte do Brasil, que vinham nos visitar no convento onde estudávamos. A exemplo desses missionários, procurávamos ser fiéis à observância monástica, herança da província dominicana de Toulouse. Jejuávamos regularmente. Eu, contudo, me resguardei dos excessos em matéria de mortificação. Os padres-mestres nos apresentavam os excessos como tentações...

Quando o senhor deixou o Brasil para ir para o convento dominicano de Saint-Maximin, no Var?

Parti para a França em 1947, após o noviciado dominicano e os estudos de filosofia, realizados em São Paulo. Eu tinha 22 anos. Os navios não eram de boa qualidade, sobretudo após a guerra. O *Formouse*, navio no qual embarquei, tinha sido vendido pela França à Argentina. Ele levava a bordo Dom Luís-Maria Galibert, bispo missionário em Mato Grosso. Seu testemunho me é inesquecível. Fizemos escala em Dakar e chegamos ao Havre após três semanas de viagem.

O senhor, então, partiu para Saint-Maximin em 1947.

Quais são suas lembranças desses primeiros contactos com a Europa de pós-guerra?

Desembarcando no Havre, pude calcular os estragos causados pela guerra. O ambiente era um tanto apocalíptico. Eu devia passar três dias em Paris, mas uma greve geral me forçou a ficar lá duas semanas. Fui ao Instituto Católico e minhas discussões com diversos padres me entusiasmaram, principalmente aquelas com o Padre Carré, célebre

dominicano que se tornou meu amigo. Em Paris, por ocasião da abertura dos cursos no Instituto Católico, vi o Cardeal Suhard, que eu admirava tanto. Eu tinha lido, no Brasil, tudo que ele havia escrito. E não conseguia tirar os olhos dele. Estava de tal modo deslumbrado com sua personalidade que nem notei, a seu lado, a presença de Monsenhor Roncalli, núncio apostólico em Paris que, eleito papa doze anos mais tarde, aos 77 anos, chamou-se João XXIII... Após duas semanas parisienses, ricas em entusiasmos para o pequeno brasileiro que eu era, consegui pegar um trem para Toulouse, na esperança de, em seguida, ser encaminhado para Saint-Maximin... Em Toulouse conheci o Cardeal Saliège. Era muito franzino, mas luminoso de inteligência, companheiro da libertação e figura proeminente do episcopado francês pelo seu eminente papel na resistência espiritual à ocupação nazista. Frequentei alguns cursos no Instituto Católico de Toulouse antes de entrar, finalmente, no convento de Var. Isso só se deu graças a um irmão dominicano que nos levou de carro, com a permissão do provincial. As condições da viagem foram penosas: o combustível estava racionado, economizávamos os tíquetes. A chegada a Saint-Maximin, numa noite de inverno, permanece gravada, fortemente, em minha memória. Assisti ao ofício da noite em honra da Imaculada Conceição, tratando de fazer o reconhecimento dos padres presentes, cujos nomes me eram, discretamente, soprados ao ouvido pelo Frei Philippe, o brasileiro que me havia acolhido. O prior da época era o Padre Lauzière, um santo homem que está, agora, em Toulouse.

Quem foram seus mestres em Saint-Maximin?

O Padre Labourdette, professor de Teologia Moral, que foi para mim um verdadeiro mestre. Ele não tinha alunos, tinha discípulos... Em matéria de Sagrada Escritura, o padre Dumeste, que sabia fazer re-

viver as páginas do Antigo Testamento de modo extraordinário. Com ele, a História Sagrada tornava-se uma história atual... a gente terminava por ler nela a nossa história, descobrindo o traço de Deus na nossa própria vida. Aprendi muito, igualmente, com o Padre Philippon, grande mestre da vida espiritual. Falta citar o padre-mestre de Saint-Maximin: o Padre Henri Rousseau, que era da família do célebre pintor. Dando uma olhada para o passado, digo que eu teria podido aproveitar mais dos ensinamentos que nos foram dados no Var...

Eu tive a alegria de ter por guia espiritual, em Marselha, o Padre Perrin, um dominicano que o senhor conheceu bem. Pode nos falar um pouco sobre ele?

O Padre Perrin era meu confessor extraordinário. Ele vinha de Saint-Maximin quatro vezes por ano. Eu aguardava esses encontros com impaciência. Ele me falava de Simone Weil, a filósofa cujo contacto com Gustave Tibon ele intermediou. Correspondi, por longo tempo, com Padre Perrin que, apesar da cegueira, batia à máquina. Um dos seus amigos dominicanos tornou-se bispo de uma diocese brasileira, grande como a França, na qual havia apenas três padres. Este bispo, Dom Du Noday, ia de uma paróquia a outra no lombo de uma mula e, durante o percurso, ia lendo São João Crisóstomo, em grego. Um dia a mula errou o caminho e o bispo caiu num esbarrancado, quebrando uma perna e a bacia... por causa de São João Crisóstomo! O Padre Perrin, por intermédio de Dom Du Noday, compreendia bem a situação missionária no Brasil. Ele me foi de grande apoio.

A tradição provençal diz que Santa Maria Madalena teria terminado seus dias em Saint-Maximin. Ela teria vindo para a Provença com Lázaro — o amigo de Cristo que teria sido bispo de Marselha, e com

Maximin, um dos 62 discípulos do Senhor. A figura de Maria Madalena teve influência em sua formação?

Sim. Nossos professores insistiam muito sobre a figura de Maria Madalena que eles, apoiando-se no Evangelho, nos faziam conhecer. O púlpito da basílica de Saint-Maximin fica bem debaixo do túmulo onde se veneram as relíquias da santa. Particularmente seu crânio, encontrado graças às pesquisas empreendidas pelo príncipe Carlos de Sarlene, filho mais velho de Carlos I, conde da Provença, rei de Nápoles e da Sicília. O corpo de Maria Madalena tinha sido escondido, em 710, por temor dos sarracenos. Durante o tempo de meus estudos em Saint-Maximin, nós invocávamos, freqüentemente, Maria Madalena nas preces. É uma santa próxima dos pobres pecadores, que todos nós o somos; e a devoção para com ela vai de par, ao meu ver, com a devoção a Santa Teresinha do Menino Jesus, apóstola, também esta, da ternura e da misericórdia de Deus para com este mundo. Eu gostava de me recolher à gruta de Saint-Maximin e rezar sobre o túmulo de Padre Etienne-Marie Vaysière, para quem Deus era “o verdadeiro tudo de tudo”.

Quem era esse Padre?

Um dominicano que tinha vivido solitário naquela gruta, para onde Maria Madalena teria se retirado. Filho de Roc Amadour, santuário venerado desde o século VI e do qual Domingos foi peregrino, Etienne-Marie Vaysière nasceu em Quercy, em 1864. Padre em 1892, celebrou sua primeira Missa em Saint-Maximin aos 20 de setembro daquele ano. A 30 de abril de 1900, na festa de Catarina de Sena, na idade de 37 anos, ele se torna o guardião da gruta de Sainte-Baume. Aí ele ficaria por 31 anos, doente... Durante esse período, terá se encontrado, provavelmente, com Charles de Foucauld que, por três vezes (em 1900, 1901 e 1913), teria ido venerar Maria Madalena

em Sainte-Baume. O Padre Vayssière era um homem tão próximo de Deus quanto é humanamente possível sê-lo. Ele era “a grande bondade branca”, como o chamavam os habitantes do Plan D’Aups. Não obstante sua enfermidade, foi eleito provincial da província dominicana de Toulouse no dia 14 de setembro de 1932. O que contava para ele era a fé que, o tempo todo, operava no amor que punha em tudo, mas, sobretudo, nos momentos de cruz. Ele era um apóstolo da vida de Nazaré, essa vida que a pequena Teresa de Lisieux vivenciou tão fielmente. Nada floresce no céu que não tenha germinado na terra; e aquilo que é humilde, escondido, perdido ao longo de nossas jornadas, sob a aparência de coisa sem valor, é alguma coisa que cai do céu sobre a terra: a preparação da verdadeira vida que nos espera e que desabrochará na eternidade. Ele morreu em 14 de setembro de 1940, por volta das três horas da tarde, hora em que se rezam as primeiras vésperas de Nossa Senhora das Dores, oito anos após ter assumido o cargo de provincial, que viveu dia-a-dia. Na sua agenda ele tinha escrito, naquela mesma manhã, esta frase de Santa Teresa do Menino Jesus: “Minha glória será, em mim, um reflexo, sobre minha fronte, da glória de minha mãe.” Ele definia assim a infância espiritual: “Ter Maria por mãe e sabê-lo.” Ele viveu um ciclo sem fim, em função de seu rosário, como que “envolto” por Cristo, por Maria – conforme sua expressão, comunicando a cada um sua vida, a cada um aspectos de sua graça, penetrando e permanecendo nos abismos do coração de Deus. “O rosário é um feitiço de amor a Maria e à Trindade.” “Tudo foi misericórdia em minha vida, e misericórdia de Maria”, dizia ele. Essa misericórdia se resume a três graças: a graça do sofrimento, a graça da solidão e a graça da revelação da Virgem à sua alma. A isso eu juntaria, prazerosamente, a graça da paternidade. Para o sétimo centenário da canonização de São Domingos, em 1935, ele escreveu uma bela carta circular à província de Toulouse, lembrando que o funda-

dor da Ordem falava de “*Deo vel cum Deo*”: de Deus ou com Deus. O Padre Vayssière citava o testamento de São Domingos: “Tende caridade, guardai a humildade, praticai a pobreza voluntária.” Foi esse testamento que ele viveu em Sainte-Baume. Padre Vayssière morreu no início da II Guerra Mundial. Mas, seu testemunho de vida cristã continuou a edificar os jovens em formação em Saint-Maximin. Ele era um contemplativo “madaleniano”. A propósito de Maria Madalena em Saint-Maximin, eu diria como Padre Vayssière: “Não me perguntem se ela esteve aqui... eu sei que ela está aqui!” E o Padre Lacordaire, restaurador da Ordem dos Pregadores, partilhava dessa opinião... Ele chegou a declarar em 1859: “O túmulo de Maria Madalena, em Saint-Maximin, é o terceiro túmulo do mundo. Ele vem imediatamente após o túmulo de Nosso Senhor em Jerusalém e o de São Pedro em Roma.” Não foi primeiro a Maria Madalena que o Cristo Ressuscitado apareceu? Um pedaço da carne que ficou intacto sobre o crânio venerado em Saint-Maximin lembra, quem sabe, o gesto de Cristo tocando a fronte de Maria Madalena, no momento em que lhe diz: “*Noli me tangere...*”, isto é, “não me detenha, pois ainda não subi ao Pai” (Jo 20, 17). Maria Madalena, aquela de quem o Cristo havia retirado sete demônios (Lc 8, 2), isto é, a plenitude do mal, evangelizou o futuro primeiro Papa, anunciando-lhe a Ressurreição.

Não se dá excessiva importância à lenda?

Quando a Divina Providência nos dá umas “piscadelas”, gratuitas e afetuosas, não faz mal sermos sensíveis a elas.

Desde quando os frades pregadores estão em Saint-Maximin?

Desde o Concílio que eles não estão mais lá. Mas a presença dominicana se mantém lá através de religiosas enclausuradas, assim como

através do Padre Philippe Devoucoux du Buysson, guardião da gruta de Sainte-Baume e dos frades dominicanos da hospedaria. “Os lugares santos são, no mundo, o que os astros são no firmamento: uma fonte de luz, de calor e de vida”, dizia o Padre Lacordaire. De minha parte, auguro-me que a Ordem volte a Saint-Maximin para aí fazer reflorescer a peregrinação que foi uma das mais importantes da Europa. Foi por uma bula de 6 de abril de 1295, há 700 anos, que o Papa Bonifácio VIII deu o poder a Carlos II – novo conde da Provença e rei da Sicília de estabelecer em Saint-Maximin e Sainte-Baume – os religiosos da Ordem de São Domingos, em lugar daqueles de Saint-Victor.

Como o Papa ficou convencido da presença do corpo de Maria Madalena em Saint-Maximin?

Carlos II apresentou-se em Roma ao Papa de Bonifácio VIII. Ele trazia consigo o crânio de Maria Madalena, ao qual faltava a mandíbula inferior; trazia os processos verbais redigidos em 1279 e 1280, assim como as inscrições encontradas no sarcófago. O Papa declarou que, justamente, se venerava na sacristia de São João de Latrão uma mandíbula inferior, atribuída à santa. Todos puderam constatar a perfeita conformidade das duas relíquias e a exatidão com a qual elas se correspondiam: foi surpreendente...

Por que Carlos II queria estabelecer os dominicanos nesses lugares?

Carlos de Serlene teve que combater, ao lado de seu pai, na Itália, contra a casa de Aragão. Feito prisioneiro, ficou detido seis anos em Barcelona. Foi lá que ele, verdadeiramente, conheceu os filhos de São Domingos, um dos quais se tornou seu confessor e confidente. Como seu tio São Luís, ele apreciava o dinamismo e a abertura dessa jovem Ordem. Tendo herdado a coroa de seu pai, em 1285, e após ter saído da prisão em 1282, ele concebeu o projeto de instalar os dominicanos

em Saint-Maximin, onde seria construída uma magnífica basílica em honra da “apóstola dos apóstolos”, Maria Madalena... Tudo isso se realizou com a bênção papal. Pode causar surpresa o fato de a basílica de Saint-Maximin não ter sido consagrada senão em 1776.

O que representa para o senhor a França, que o senhor descobriu através da “janela de Saint-Maximin”?

Uma nação missionária. A evangelização no Brasil deve muito aos cristãos da França. Penso naqueles velhos missionários que se doaram até ao extremo, como, por exemplo, esse bispo que quis terminar seus dias no convento de Montreaux, no Var, mas que não teve coragem de deixar o Brasil, ao qual ele tinha dado tudo de si mesmo. Isto posto, digo que havia uma distância entre a imagem que eu tinha da França e a realidade de ódio que encontrei em 1947. Vi, com meus próprios olhos, cancelarem as reservas, nos hotéis, dos primeiros turistas alemães ou italianos, após a guerra. Suas reações eram bem compreensíveis, mas elas doíam, pois a França, nação de coração generoso, era para mim o símbolo da abertura ao universal, terra onde o cristianismo germinou como em nenhuma outra parte. Testemunha isso o número de santos dados à Igreja pela França...

Há alguma outra figura dominicana contemporânea que o tenha marcado?

Aquela do Padre Lacordaire, sem dúvida. Convertido durante seu estágio de advogado em Paris, em 1824, ele era todo zelo no serviço do Evangelho. Jovem padre, ele colaborou com o abade de Lamennais na fundação e direção do jornal *L’Avenir*, em 1830. O empreendimento foi condenado pela Igreja e o abade de Lamennais a deixou; o Padre Lacordaire permaneceu fiel ao desejo de servir ao Evangelho. Ele pregou a quaresma em Notre-Dame, em 1835. “Com o orador acontece

como no monte Horeb”, dizia ele. “Antes de Deus o tocar, ele é uma rocha árida; mas depois que Deus o toca com seu dedo, torna-se uma fonte que fecunda o deserto.” Lacordaire declarou em 1839 sua intenção de restaurar a Ordem dos Pregadores, cassada na França em 1793. Ao fim de seu noviciado, completado na Itália, ele fundou casa no Chalais, em Flavigny... e, em 1850, foi nomeado provincial da província dominicana da França, oficialmente restaurada. Torna-se deputado de Marselha; mas, após o golpe de estado de 2 de dezembro de 1851, ele se consagrou à educação e à juventude. Lacordaire poderia ter fundado uma nova família religiosa. Preferiu, entretanto, restaurar a Ordem Dominicana. Seu exemplo pode ser seguido em todas as épocas, pela sua grande fidelidade “ao espírito de São Domingos”.

Há um santo ou santa da França que, desde o tempo de sua formação, o acompanhou?

Santo Tomás, no meio do século XIII, encarna a seriedade da pesquisa para uma melhor compreensão da fé. Gosto muito de Catarina de Sena, leiga que se afiliou à Ordem dos Pregadores e que usou a própria vida em favor da paz no mundo e da unidade da Igreja. “Meu Deus, minha misericórdia”, exclamava ela na sua prece. Era uma mística que importunava Deus pela salvação de todos os homens. Morta aos 33 anos, em Roma, ela correspondeu com os papas, os cardeais, os príncipes dos estados italianos... Não sabia escrever, mas ditava suas cartas e seus diálogos com Cristo... Aprendeu a ler apenas para recitar o ofício com o Senhor Jesus. Catarina nos ajudava a ver o Papa como sendo “o doce Cristo na terra”, segundo sua expressão. Ela é um modelo de amor à Igreja. Assim como Catarina de Sena, a bem-aventurada Isabel da Trindade e Santa Teresa do Menino Jesus me acompanham. O Padre Philippon soube me conduzir a elas. Em 1951, algumas semanas antes de voltar ao Brasil, tive a oportunidade

de ser levado pelo Padre Philippon ao Carmelo de Lisieux. Falei com as duas irmãs de Santa Teresa, Celina e Paulina, e recebi delas uma mensagem que ilumina meus passos. Elas confiaram a Teresa o meu futuro ministério. Em 1993 presidi às festas teresianas em Lisieux e, da pequena cidade lexóvia, escrevi ao Papa João Paulo II para lhe pedir que declarasse Teresa doutora da Igreja... Os lexóvios mais velhos lembram-se do Cardeal Pacelli, que veio em 1937 inaugurar a basílica de Lisieux, dez anos após Teresa ter sido proclamada por Pio XI “Patrona das missões do mundo inteiro assim como São Francisco Xavier”. O Cardeal Pacelli, tornado Pio XII, colocou a França, solenemente, sob a proteção de Teresa, fazendo-a “padroeira secundária” deste querido país, “assim como Joana D’Arc”; a padroeira principal da França já era a Virgem Maria. Li, várias vezes, os escritos da “maior santa dos tempos modernos” (segundo palavras de Pio X). Eu não posso deixar Teresa. Vejo nela “uma palavra de Deus dirigida ao nosso século” (segundo a expressão de Pio XI). E, com o Padre Congar, eu considero Teresa como “um dos faróis que a mão de Deus acendeu no limiar do século atômico”. Essa carmelita que jamais deixou a clausura, quis anunciar o Evangelho nos cinco continentes e até nas ilhas mais recuadas. Na hora da nova evangelização, eu acho que a “pequena via” proposta por Teresa é, mais que nunca, de atualidade. É necessário falar de revolução divina a propósito do caminho de confiança e de amor de que se serviu Teresa. A via de Teresa pode ser proposta como um caminho de santidade para todo batizado, embora fraco, imperfeito e pecador que seja. Foi folheando o jornal *A Cruz* que Teresa Martim soube como “*in extremis*” o criminoso Pranzini aceitou abraçar o crucifixo, antes de ser guilhotinado. Ela tinha rezado muito por esse homem e pareceu-lhe, claramente, que ele tinha sido atendido... Um ano mais tarde, na idade de 15 anos, ela entrou para o Carmelo de Lisieux. Aí ela morreu, tuberculosa, em 1897, aos 24 anos.

Foi canonizada em 1925... quatro meses antes de meu nascimento. Seu testemunho de vida me foi bastante contado, quando eu era criança. “Apesar de minha pequenez, eu gostaria de iluminar as almas como os doutores”, escrevia Teresa, sentindo-se tomada por “uma vocação de padre, de apóstolo, de doutor, de mártir”. Teresa veio remediar os efeitos do pacto de silêncio por que muitos cristãos tinham passado com o racionalismo das luzes...

Por que o senhor deseja que Teresa seja “Doutora da Igreja”? Sua doutrina não tem nada de muito “acadêmica”...

Pio XI, nos anos 30, recusou, categoricamente, proclamá-la Doutora da Igreja, pelo fato de ela ser mulher... Paulo VI abriu uma brecha para isso, em 1970, com Catarina de Sena (séc. XIV) e com Teresa de Ávila (séc. XVI), as duas primeiras mulheres Doutoradas da Igreja. Depois disso, muitas vozes se levantaram para que a pequena Teresa se juntasse a elas como “Doutora do Amor”. Em Lisieux, quando de minha nona peregrinação, em 1993, fui feito porta-voz dos bispos brasileiros que, unanimemente, assinaram um pedido em favor do doutorado de Santa Teresinha do Menino Jesus da Santa Face. Oito conferências episcopais – França, Brasil, Espanha, Irlanda, Haiti, Suíça, Bélgica, Romênia – já tomaram esse caminho, sem contar as inúmeras assinaturas endereçadas por católicos do mundo, das quais dez mil foram levadas a Roma, no dia 18 de fevereiro de 1933, por Dom Pican, bispo de Bayeux, e Dom Gaucher, bispo auxiliar particularmente encarregado da peregrinação a Lisieux. Quando falo de Teresa, Doutora da Igreja, não estou falando de uma doutrina acadêmica, mas de uma doutrina espiritual. A “pequena via” não é outra senão um retorno ao Evangelho. Teresa revela aos pequenos, aos sem voz, que a santidade evangélica está ao alcance deles... O relicário que contém as relíquias de Teresa foi ofertado, em 1923, pelo povo a Igreja e o governo brasi-

leiros. Espero receber esse relicário em Salvador – Bahia, em 1995, pois ele deverá correr o mundo para avivar em cada um o desejo de colocar o Evangelho em prática, a exemplo de Santa Teresa. Eu pretendo ir a Lisieux, em 1997, por ocasião do centenário do “nascimento para o céu” de Teresa... “Encontrei, enfim, minha vocação, minha vocação é o amor”, proclamava Teresa, alguns meses antes de morrer. Com Teresa, Doutora da Igreja, o século que vem e o novo milênio poderão beber, abundantemente, desse amor como numa fonte.

Nós falamos da Virgem Maria, de Maria Madalena, de Santa Teresa... tantas mulheres que o senhor considera; mas, além de Domingos de Caleruega, há um homem de Deus em sua vida?

Sim, João-Maria Vianney, um santo que desabrochou na terra da França... A 4 de agosto de 1993, sexto aniversário de minha nomeação para Salvador – Bahia, fui convidado para presidir sua festa em Ars e colocar a pedra fundamental da sede sacerdotal internacional. O patrono dos vigários do mundo inteiro, assim proclamado desde 1929, conta muito na minha vida de padre. O Cura d’Ars nos mostra que Deus é a glória dos santos. Ele cultivou o essencial e é através dele que a vocação do padre diocesano é exaltada. O importante não é o que faz o padre, mas o que ele é, intensamente. João-Maria Vianney convida cada padre a perseguir a comunhão íntima com Deus, numa busca humilde e ardente. Eu gostaria que se colocasse sobre o meu túmulo: aqui repousa um homem que, durante toda a sua vida, procurou o rosto do Senhor. Como o santo Cura d’Ars, nós, padres, somos chamados a viver essa tensão espiritual de homens da Eucaristia e da misericórdia, servidores da Palavra de Deus, semeada nos corações e nas consciências. Durante 41 anos de seu ministério em Ars, João-Maria Vianney, que faleceu em 1859 aos 73 anos, jamais rompeu o silêncio interior no qual vivia, anunciando Jesus Cristo sem parar... Esse con-

templativo, esse taciturno é apresentado aos padres como modelo para estes tempos em que o mundo procura, em todos os sentidos, o rosto de Deus, nas seitas e suas formas destruidoras da prática religiosa, que tem o gosto amargo da superstição. O Cura d’Ars irradiava alegria e esperança, deixava-se transformar pelo poder do Espírito, vencendo, assim, as tentações do entorpecimento e do desânimo. Como São João-Maria Vianney o padre deve amar Jesus Cristo *super omnia*, acima de tudo, acima de todos. A propósito da missa, o Cura d’Ars dizia: “Se soubéssemos o que é, o que é realmente, morreríamos.” O testemunho desse santo sacerdote nos lembra que amar é doar sua vida... (Jo 15,13). Ele tinha feito sua morada na Palavra evangélica: “Não julgueis”, pois se ele odiava o pecado, ele amava os pecadores, apaixonadamente, como Cristo.

A 4 de agosto de 1993, o senhor abençoou a pedra fundamental da Sede Sacerdotal Internacional almejada por Dom Bagnard, bispo de Belley-Ars. No canteiro apenas iniciado, a multidão cantava: “Pedro, tu és pedra e sobre esta pedra edificarei a minha Igreja.” Que impressão o senhor teve aoabençoar esse trabalho, num ambiente de tanto fervor?

Eu estava lá, a onze mil quilômetros de meu país, como testemunha da Igreja universal, nos mesmos lugares em que João Paulo II celebrara a missa, na sua peregrinação a Ars, em 1986, nos confins de Dombes e da região de Beaujolais, onde quinhentos mil peregrinos vêm todo ano... Nas fundações dessa sede sacerdotal internacional, fiquei feliz por terem depositado relíquias de Santa Teresinha do Menino Jesus e de São João-Maria Vianney, assim como muitas medalhas, uma das quais de São José. Essa casa deve acolher e formar padres. Espero vir para sua inauguração, mesmo que esteja velho e que uma bengala tenha substituído meu báculo... Vivemos um grande acontecimento; colocando a pe-

dra fundamental dessa casa tenho certeza de que o Senhor levará a cabo essa obra com o poder de sua graça, no tempo desejado pela Providência. Relator do Sínodo dos Bispos do mundo sobre os sacerdotes, que aconteceu em Roma em 1990, creio que é tempo de falar, corajosamente, da vida sacerdotal como de um valor inestimável e de uma forma esplêndida e privilegiada da vida cristã. A falta de padres é a tristeza de toda a Igreja. É preciso redobrar o ardor no apelo às vocações, determinar a missão do padre, melhorar as condições de sua formação primeira e permanente. Mas, se não se consegue criar, antes de tudo, uma cultura familiar perpassada de cristianismo e capaz de irradiar toda a nossa cultura, as outras tentativas dificilmente terão êxito.

O senhor conhece uma frase do Cura d’Ars que poderia definir seu apostolado?

“A palavra humana é encarregada de unir”... Meditei nessas palavras do Cura d’Ars antes de minha ordenação sacerdotal, esse momento extraordinário de minha existência.

Foi durante seus estudos de teologia em Saint-Maximin que o senhor foi ordenado padre?

Foi lá que fiz a profissão solene. Dom Provençères, então arcebispo de Aix-en-Provence e de Arles, me ordenou diácono. Mais tarde tive a alegria de recebê-lo na Congregação para os Bispos, da qual eu era secretário. Nós nos emocionamos às lágrimas. Foi de um bispo brasileiro, de passagem pela Europa, por ocasião do Ano Santo de 1950, que recebi a ordenação sacerdotal. Não me esquecerei dos dias de retiro em Sainte-Baume, antes da ordenação, no início do verão de 1950. Foi durante esse retiro, perto da gruta de Maria Madalena, onde eu ia rezar, que soube do falecimento de meu pai. Fiquei

penalizado até o fundo da alma. Daí em diante jamais conheci grandes graças que não tenham sido precedidas pelo signo da cruz. A presença da Virgem Maria, a quem me consagrei em 1945, segundo a fórmula de São Luís-Maria Grignon de Monfort, sempre me ajudou nos momentos de cruz.

Se o senhor tivesse que exercer uma profissão, qual teria sido?

Nunca pensei em outra coisa senão no sacerdócio. A maior alegria da minha vida é ser padre e religioso dominicano. Se tivesse que exercer uma profissão, eu teria me tornado um jornalista, teria me dedicado à literatura, ao ensino; certamente não a um ofício manual, pois para esse ramo não tenho dons particulares.

Quando o senhor pregou pela primeira vez?

Preguei, pela primeira vez, numa cidadezinha dos Alpes, durante as férias. Eu era diácono. Era a festa de São Domingos. Eu estava amedrontado, mas estava feliz de estar a serviço do Verbo de Deus. Recordei esse episódio ao pregar o retiro para o Papa João Paulo II, no Vaticano, em 1980.

Monsenhor Karol Wojtyla tinha sido chamado por Paulo VI para pregar os exercícios espirituais no Vaticano, em março de 1976, após ter atraído a atenção sobre si no Concílio e nos Sínodos de que participara. Depois de se tornar João Paulo II, ele o convidou, por sua vez, para pregar os exercícios espirituais... Isso não é um fato significativo?...

Isso se explica, sem dúvida, pela amizade que tínhamos um pelo outro, desde nossos primeiros contactos, em 1974, no Conselho Pontifical para os leigos, do qual ele era consultor, quando eu era vice-presidente. E, além do mais, sou um frade pregador...

O senhor prega sem precisar de ler?

Sempre. Prego em italiano, em espanhol, em português e em francês; mas não em inglês... Ninguém é perfeito!

Durante seus estudos em Saint-Maximin, Pio XII reinava sobre a Igreja. Sua personalidade o marcou?

Seus discursos eram raros, mas de um conteúdo intenso. Nós seguíamos suas intervenções, lendo um pouco o jornal *A Cruz*. Sua energia moral guiou a Igreja em tempos terrivelmente difíceis. Nós avaliávamos toda a importância de seu papel só após a guerra. Mais tarde, os motoristas de táxi romanos, mais idosos, me disseram que eu tinha o perfil de Pio XII; me senti lisonjeado. Confesso que ele marcou, fortemente, minha juventude e que fica para mim como um modelo pastoral. Revolto-me contra a injustiça com que se trata, às vezes, Pio XII, que soube ser digno na adversidade, condenando, firmemente, o nazismo através de uma encíclica. Ele foi ao encontro do povo romano, perto de São Lourenço-fora-dos-muros, nos piores momentos de bombardeios da Segunda Guerra Mundial. A coragem de Pio XII foi imensa. Ele soube proteger os judeus, dando prova de sabedoria e de prudência.

Era um asceta. Na manhã da sagração episcopal de Dom Pacelli, o futuro Pio XII, a 13 de maio de 1917, a Virgem Maria apareceu aos três pequenos pastores portugueses: Lúcia, Francisco e Jacinta. Essa coincidência de data não é um mero acaso. A mensagem de Fátima dirige-se, muito particularmente, aos papas do século XX, arautos da paz num mundo em fúria. O jovem bispo consagrado na Capela Sistina, no Vaticano, nesse 13 de maio de 1917, seria logo nomeado, por Pio XI, núncio apostólico na Alemanha; depois, em 1930, foi chama-

do a Roma como Secretário de Estado. Sucessor de Pio XI, o Cardeal Pacelli foi eleito papa no primeiro dia do conclave, em março de 1939, ano que viria marcar o início da Segunda Guerra Mundial... Seu brasão pontifical levava estas palavras do profeta Isaías: “*Opus justitiae pax*”, a paz supõe a justiça. Ao longo de seu pontificado, doloroso e glorioso, ele foi guardião e defensor dos valores essenciais. A fé, a vida familiar, a Palavra de Deus, a liturgia, a justiça social, a vida monástica e contemplativa, a pureza e a integridade doutrinárias no domínio teológico e pastoral: Pio XII esteve presente em todos os domínios da vida da Igreja e do mundo. Nada escapou à sua vigilância de apóstolo. Ele pensou, seriamente, em convocar um Concílio ecumênico, idéia que ele legou a seu sucessor, amadurecida na prece e no sacrifício.

Padre no Rio, Bispo em São Paulo

De volta ao Brasil, após esses quatro anos e meio na França, que encargos pastorais lhe foram confiados?

O Padre Tausin tinha se tornado provincial no Brasil e pediu-me para dirigir a revista editada, no meu país, pelos dominicanos: *O Mensageiro do Santo Rosário*. Dirigi a revista por oito anos, de 1954 a 1962. Meus pais, desde que ficaram noivos, assinavam essa revista que eu folheava em casa, freqüentemente. Em São Paulo, desde 1952, voltando de Saint-Maximin, tive muito contacto com os jovens, tendo sido capelão da juventude estudantil. Esse ministério, junto aos jovens, é uma constante em minha vida sacerdotal. Mais tarde, em Roma, até 1987 – ano de minha nomeação para arcebispo de Salvador – Bahia – estive próximo dos jovens, que buscavam a vocação sacerdotal ou religiosa e daqueles casais de namorados que se preparavam para o casamento. Chegando ao Brasil, fui vice-mestre de noviços e, ao mesmo tempo, capelão dos estudantes. Dois anos após minha volta ao Brasil, fui nomeado capelão de jovens universitários, no Rio de Janeiro. Em São Paulo, como no Rio, interessei-me

bastante pelo teatro. O Padre Carré, capelão do teatro em Paris, havia me encaminhado para esse ministério junto aos artistas. Lecionei, por exemplo, sobre o tema “Deus no teatro contemporâneo”. Era um curso aberto a todos que se interessassem pelo assunto. Deixei esse cargo em 1959, pois tinha muitas responsabilidades além dele, mas continuo amando o teatro, como encarnado, nesses últimos anos, por Jean-Louis Barrault e Madeleine Renaud.

Como jovem padre, que outros encargos pastorais o senhor teve?

A pedido de um jovem casal, engajei-me no Movimento Familiar Cristão, a partir de 1959. Esse compromisso durou 13 anos, com uma importante responsabilidade nacional, depois continental, o que me levou a escrever dois livrinhos que se intitulavam *Restaurar a Família em Cristo*. Um dos livros voltava-se para os padres dirigentes do Movimento; outro, para os casais. Nós insistíamos muito na educação dos jovens para o amor – e não somente para a sexualidade – assim como insistíamos que as crises do casal poderiam ser vividas como trampolins, e não como fracasso. Fui responsável, também, pela formação religiosa no seio da Conferência Nacional dos Religiosos do Brasil – CRB.

Como jovem padre, que sacramento o senhor tinha mais prazer em ministrar?

Sem dúvida, o sacramento da reconciliação. Antes de deixar a França, eu tinha confessado um grande número de padres, no contexto de uma peregrinação a Lourdes. Essas confissões me tocaram, profundamente, assim como aquelas dos peregrinos, muitos dos quais voltavam para Deus, após anos de afastamento. No Brasil, eu confessei pela primeira vez durante um retiro pascal que pre-

guei para jovens de uma paróquia do Estado de São Paulo. Lembro-me de ter atendido confissões até doze horas seguidas, com apenas meia hora de intervalo para refeição. Eu tinha 27 anos, em 1952. Aqueles momentos ficaram gravados em meu coração. “O que será dos pecadores?”, perguntava meu pai, São Domingos, desejoso de que seus filhos e filhas fossem instrumentos da misericórdia de Deus todo poderoso... “Deus nos ama como se fôssemos qualquer coisa dele mesmo”, escreveu Santo Tomás de Aquino na *Suma Teológica*. A cura interior faz de uma pessoa um ser novo, capaz de transmitir o amor que ele recebeu... Pensemos na samaritana que se tornou apóstola de sua cidade (Jo 4, 30).

O senhor algum dia pensou em ser bispo?

Eu tinha apenas 31 anos quando o Cardeal Arcebispo do Rio me deu a entender que ele desejava que eu me tornasse bispo. Isso não me preocupou, de forma alguma, e continuei a avançar na fé. Os boatos corriam e os padres me diziam, freqüentemente: “Tu serás bispo”. Portanto, essa idéia surgiu nos outros antes que florescesse em mim. A 5 de junho de 1967, o Conselheiro do Núncio me convocou e falou, longamente, comigo sobre a guerra dos seis dias... Eu estava muito interessado em sua conversa que, bruscamente, se interrompeu. Ele me comunicou minha nomeação para São Paulo, como Bispo Auxiliar, e me concedeu 48 horas para refletir. Fiz meu retiro junto aos beneditinos; retornei à Nunciatura para expor minhas objeções que foram, imediatamente, postas abaixo. A notícia de minha nomeação foi publicada a 16 de junho de 1967. Eu tinha 42 anos... Estava no Rio há 15 anos. Fiquei lá, ainda um pouco, até agosto de 1967, continuando a trabalhar, especialmente na Conferência Nacional dos Religiosos, no setor da formação. Vivíamos um tempo de crise na vida religiosa.

Passsei meses percorrendo o Brasil, a fim de aconselhar e ajudar a renovação das famílias religiosas. O Concílio do Vaticano tinha apenas acabado e a Igreja vivia uma revirada histórica na forma de seu funcionamento. A 26 de agosto de 1967, em São João del Rei, fui sagrado bispo pelo Cardeal Agnelo Rossi, arcebispo de São Paulo, na praça que fica defronte da igreja do Rosário, onde fui batizado. Mais tarde, em contacto com meu amigo o Cardeal Wojtyla, que se tornaria o Papa João Paulo II, fiquei sabendo que o dia 26 de agosto era a festa de Nossa Senhora de Czestochowa, a Virgem Negra, tão considerada na vida da Igreja universal, desde 1978... De 25 para 26 de agosto de 1987, antes de assumir minhas funções de Arcebispo de Salvador – Bahia, quis passar a noite orando, junto ao ícone da Virgem Negra de Czestochowa, na Polônia.

O que representa seu brasão episcopal?

Não é senão um signo para identificar os atos, as origens do Bispo... Esse brasão traz uma cruz dominicana, uma flor de lis, nas cores branca e preta, cores do hábito dominicano e dos canônicos regulares de Santo Agostinho. Sobre esse brasão, um cristal de neve lembra meu nome: Neves... Amo a montanha, lugar privilegiado para o encontro com Deus, como testemunha a história bíblica.

No mês de sua sagração episcopal, em agosto de 1967, o Papa Paulo VI oferecia uma coroa de ouro ao santuário brasileiro de Aparecida. O Cardeal Cicognani, então Secretário de Estado de Paulo VI, foi delegado para esse acontecimento. Ele foi recebido, no Rio, pelo núncio apostólico Dom Baggio. O senhor, que atenta para os signos, o que pensa a respeito dessa rosa de ouro?

Como você ficou sabendo dessa rosa de ouro?

Pelo Cardeal Jacques Martin, que eu conheci bem, quando de meu trabalho na rádio Vaticano, em 1984. Ele era prefeito da residência pontifícia e tinha acompanhado o Cardeal Cicognani na entrega solene da rosa de ouro ao Santuário de Aparecida.

Os papas manifestam sua estima aos soberanos enviando-lhes uma rosa de ouro. O costume é muito antigo. Historicamente, a primeira rosa de ouro foi dada pela Papa Urbano II ao Conde d'Anjou, no século XI. Urbano II tinha ido à França pregar a primeira cruzada. O privilégio foi, em seguida, estendido às igrejas e aos santuários. Pio X e Bento XV interromperam essa tradição, retomada por Pio XI. Em 1967, Paulo VI doou uma rosa de ouro ao Santuário de Aparecida pelos 250 anos da descoberta miraculosa, por três pescadores, de uma estatueta, no rio Paraíba. A igreja estava, então, em construção em Aparecida, na diocese de São Paulo. Eu tinha acabado de ser nomeado auxiliar dessa diocese, quando o Papa teve esse gesto benevolente para com a Igreja do Brasil. Ver, nisso, um sinal? Sim, o sinal de um encorajamento do soberano pontífice para uma Igreja em plena efervescência missionária e profética. Pela oferta dessa rosa de ouro ele confiava a Igreja do Brasil à solicitude de Nossa Senhora dos humildes, a amiga dos pobres e das crianças, Mãe do futuro...

Quais foram suas principais atividades como Bispo Auxiliar de São Paulo?

Fiquei três anos e três meses em São Paulo. Meu amigo, Dom Paulo Arns, era auxiliar da diocese também, da qual se tornou arcebispo. Em São Paulo, eu seguia, em nome do Cardeal, a pastoral da família e, depois, a dos meios de comunicação. A experiência de haver dirigido uma revista mariana no Rio até 1962, a revista *Mensageiro do Santo Rosário*, foi-me útil para compreender a mídia e amar aqueles que nela trabalham. Sempre desejo, com muito ardor, que a Igreja esteja presente

no mundo da comunicação. Ocupei-me dessa questão também no comitê central da Conferência Episcopal, assim como da ação social e dos leigos. Com essa qualificação, fui delegado da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil e na Conferência Episcopal Latino-americana, em 1968, em Medellín.

Paulo VI tinha vindo inaugurar a Assembléia do CELAM, em Medellín, em 1968...

Sim, foi lá que ele disse: “Não temais, tomai posição, abri as portas ao Cristo, abri a seu poder de Salvador as portas do Estado, dos sistemas econômicos e políticos, dos campos imensos da cultura, da civilização e do desenvolvimento.” Palavras que João Paulo II fará suas, dez anos mais tarde, aplicando-as à Igreja universal. “Falai, falai, pregai, escrevei, tomai posição, como se diz, na harmonia dos planos e metas, para a defesa e ilustração das verdades da fé, sobre a atualidade do Evangelho, sobre as questões que interessam à vida dos fiéis e à defesa dos costumes dos cristãos”, recomendava Paulo VI no discurso de abertura da conferência de Medellín. Essa conferência tinha ligação com aquela do Rio de Janeiro, em 1955, marcada pelo nascimento do CELAM. As conclusões de Medellín tiveram diversas interpretações incorretas. A exortação apostólica *Evangelii Nuntiandi*, de Paulo VI, recuperou, em seguida, em 1975, as grandes intuições de Medellín. Nessa exortação apostólica sobre a evangelização, o muito amado Paulo VI escreveu: “O Evangelho, do qual temos o encargo, é também a palavra da verdade... verdade sobre Deus, verdade sobre o homem e seu misterioso destino, verdade sobre o mundo...” O pregador do Evangelho será, portanto, alguém que, mesmo à custa de renúncia pessoal e de sofrimento, procura sempre a verdade que ele deve transmitir aos outros. Ele não trai jamais, e nem dissimula, a verdade, com a preocupação de agradar aos homens, de assustar ou chocar, nem por

originalidade ou desejo de aparecer... Pastores do povo fiel, nosso serviço pastoral nos estimula a guardar, defender e comunicar a verdade, sem considerar os sacrifícios.

Atribui-se à Conferência de Medellín ter delineado os primeiros esboços daquilo que foi, em seguida, desenvolvido como teologia da libertação por Gustavo Gutiérrez...

O esforço de atualização da Igreja Católica no continente não passava por aí. Nós devíamos tratar da “Igreja na transformação atual da América Latina à luz do Concílio Vaticano II...” Eu vivi essa época de transição com alegria e paixão. Mais tarde, na Assembléia de Puebla, em 1979, João Paulo II seguiu a trilha de Paulo VI para guiar, em direção de uma maior comunhão missionária, as 22 conferências episcopais nacionais com que conta a América Latina. Em São Domingos, durante a quarta conferência geral do episcopado latinoamericano, outubro de 1992, os frutos de Medellín e Puebla tinham amadurecido... A Igreja reafirmou a opção preferencial pelos pobres, dando continuidade às conferências de Puebla e Medellín. Uma opção que não é nem exclusiva nem excludente. A mensagem de salvação é destinada a todos. Essa opção baseia-se, essencialmente, na Palavra de Deus e não nos critérios vindos das ciências humanas ou ideologias opostas que reduzem os pobres, muitas vezes, a categorias sociopolíticas ou econômicas abstratas. Todavia, essa opção é “firme e irrevogável”, como o Papa João Paulo II já dizia em dezembro de 1984 aos cardeais e prelados da Cúria Romana. E, em Puebla, nós tínhamos afirmado: o melhor serviço que pode ser prestado a um irmão é a evangelização que o dispõe a se realizar como filho de Deus, livra-o das injustiças e promove-o integralmente.

Na sua opinião, como o Papa Paulo VI teve a idéia de o chamar a Roma, em 1974, para ser vice-presidente do Conselho Pontifical para os leigos?

Acho que Monsenhor Benelli propôs o meu nome. Ele sabia o que eu fazia no Brasil. E ele era, então, substituto na Secretaria do Estado do Vaticano.

O senhor conhecia bem Monsenhor Benelli?

Muito bem. Éramos muito próximos um do outro, muito fraternais. Ele se sacrificava para ajudar o Papa Paulo VI em sua pesada tarefa. Tinha sido conselheiro do Núncio do Brasil, no início dos anos 60. Tinha só quatro anos mais que eu. Quando foi nomeado Bispo de Florença, em 1977, pediu-me para ir pregar o retiro espiritual dos padres de sua nova diocese, na capital toscana. Morreu, misteriosamente, de uma parada cardíaca, em 1983. Foi Monsenhor Martinez Somalo, antigo assessor de Monsenhor Benelli, quem se tornou seu substituto na Secretaria de Estado, em 1979. O Papa João Paulo II havia apreciado sua eficiência na assembléia de Puebla.

Antes de ir para Roma, o senhor viveu momentos penosos no Brasil. Quais eram suas relações com os militares, então no poder?

Em São Paulo, essa diocese de 12 milhões de habitantes, as coisas não foram fáceis. A 31 de março de 1964, instalou-se a ditadura militar. No princípio, muitos bispos viam nesse regime uma proteção contra uma guerra civil sangrenta que teria, talvez, conduzido o país a uma tirania marxista. Eu tinha sido nomeado bispo, para São Paulo, três anos após a instalação dos militares no poder. As relações da Igreja com o Governo eram delicadas, particularmente porque a Ação Católica não podia trabalhar normalmente. Graças aos meus relacionamen-

tos, eu visitava os presos políticos, nas prisões da Polícia e naquelas do Exército. Algumas vezes acontecia de eu conseguir, dos militares, um tratamento mais humano para um ou outro prisioneiro.

O que o senhor acha de Tito Alencar, esse jovem dominicano brasileiro que tinha sido torturado ate o limite do suportável e que, após sua libertação e alguns meses passados na França, suicidou-se no convento de l'Arbresle? O Cardeal Decourtray, em Lyon, presidiu a celebração, antes da transferência do corpo de Tito para o Brasil...

Os guerrilheiros haviam prendido, como refém, o embaixador da Suíça. Eles tinham conseguido, em troca, a libertação de Tito Alencar. Esse jovem dominicano sofreu muito por uma causa que ele acreditava justa. Irmão Tito foi jogado na guerrilha por irresponsáveis que nada arriscaram. Frágil de temperamento, Tito foi vítima daqueles que o incitaram ao fanatismo. Ele tinha se engajado, politicamente, na esquerda. Os militares não quiseram ouvir a voz daqueles que procuravam explicar a atitude de Tito. Como Bispo de São Paulo, eu procurei visitar e consolar os prisioneiros, dentre os quais esse Frade. Que outra coisa poderia eu fazer? Jesus não aceita a posição daqueles que misturam as coisas de Deus com as atitudes puramente políticas (cf. Mt 22, 21; Mc 12, 17; Jo 18, 36). Ele rejeita o recurso à violência. Ele oferece sua mensagem de conversão a todos, sem excluir nem mesmo os publicanos. A perspectiva de sua missão consiste em uma salvação integral, através de um amor que transforma, pacifica, um amor de perdão e de reconciliação.

Diz-se que Paulo VI tinha chamado o Cardeal Agnelo Rossi a Roma para afastá-lo do Brasil, pois ele estava muito próximo dos militares. O que o senhor acha?

A imprensa disse igualmente o contrário...

Por que o senhor não denunciou publicamente a tortura?

Eu preferia conversar, cara a cara, com os chefes militares, para conseguir uma mudança de método, em vez de fazer declarações à imprensa que teriam, provavelmente, agravado a situação. A Igreja ficou sozinha, acompanhando as vítimas da ditadura nas situações mais desesperadoras, mas o bem não faz barulho... A abertura do regime começou em 1979, após 15 anos de sofrimentos.

Quando o senhor foi chamado a Roma, por Paulo VI, em 1974, o senhor conhecia as funções da Cúria Romana?

Eu era consultor do Conselho dos Leigos, desde 1972, e membro do Comitê da Família, desde 1973. Portanto, eu tinha uma pequena experiência do Vaticano. Foi lá que eu reencontrei Monsenhor Benelli, que participava das assembléias do Conselho ou do Comitê.

Um brasileiro no Vaticano

Quando o senhor chegou a Roma, em março de 1974, ainda não tinha 50 anos. O Papa Paulo VI, envelhecido, lhe pareceu abatido?

Durante as audiências que eu tinha com ele, parecia-me muito sereno. Ele sofria, fisicamente, mas em seu olhar vibrava uma bela esperança. Ele me tinha confiado a missão de ajudar o Cardeal Maurice Roy, canadense, então presidente do Conselho para os Leigos.

Qual era sua função como Vice-presidente do Conselho para os Leigos?

Esse Conselho havia sido organizado juntamente com o de “Justiça e Paz”. Paulo VI quis que eu trabalhasse para que tais conselhos, originalmente geminados, pouco a pouco, obtivessem a própria autonomia.

Que lembranças o senhor tem de Paulo VI, o Papa que, pode-se dizer, “descobriu” o senhor?

Paulo VI tinha 73 anos quando o conheci. A artrose o fazia sofrer horrivelmente. Morreu aos 77 anos. Próximo dos pequenos e dos

humildes, sensível ao extremo, exigente consigo mesmo e misericordioso com os outros, amava a Igreja com um amor imenso. Modelo de pastor, Paulo VI foi um grande Papa. Deve-se a ele, creio eu, o êxito do Concílio Vaticano II e o fato de a Igreja não ter se tornado uma estrangeira neste mundo que mudou, tão depressa, nas vésperas do terceiro milênio. Secretário de Pio XII, em seguida Arcebispo de Milão, o Cardeal Montini havia sido preparado pela Providência para levar a bom termo o Concílio Vaticano II. Perspicaz, equilibrado, paciente e constante, de formação intelectual, moral e espiritual muito sólidas, ele guiou a Igreja num período delicado de sua história. A primeira encíclica de seu Pontificado, *Ecclesiam suam*, abriu a porta... Depois vieram a *Populorum progressio*, a *Humanae vitae*, grandes textos que marcaram, de maneira decisiva, o pós-Concílio. A exortação apostólica *Evangelii nuntiandi* é um verdadeiro testamento espiritual do pontificado de Paulo VI. Ele coloriu com sua fé, com seu amor à Igreja, com seu equilíbrio e com sua inteligência analítica, as grandes reformas litúrgica e institucional. Os desvios e as más interpretações do Concílio o crucificaram. Esse Papa foi, para mim, um pai e um mestre. Ele foi comparado a Hamlet, dizendo-se que era muito hesitante; mas a história começa a lhe fazer justiça, demonstrando, sobretudo, sua infinita ternura e misericórdia. Ele ergueu sua voz, com firmeza, contra a contestação infecunda, as inovações arriscadas, as opiniões pessoais em matéria de teologia, de pregação e de catequese. Sua humanidade se manifestou, publicamente e com tanta força, na ocasião do seqüestro do líder democrata-cristão Aldo Moro. Ele enviou uma carta aberta, manuscrita, aos autores dessa malvadeza para lhes suplicar “de joelhos” que relocalassem em liberdade incondicional “esse homem honesto e bom”. Ele foi tomado de inspiração bíblica durante a celebração das exéquias de Aldo Moro, na catedral de São João de Latrão.

No Ano Santo de 1975 fiz minha primeira peregrinação a Roma. Eu estava com 12 anos. Vi Paulo VI na praça de São Pedro. Deu-me a impressão de ser muito frágil.

De fato o era, e essa era sua força. Podia-se dizer de Paulo VI que ele tinha “uma má saúde de ferro”. O poder de Deus se desdobra na fraqueza, diz-nos a Escritura. A Igreja é um barco sem remos nem vela, guiado pela Providência, e Deus age por intermédio daqueles que lhe deram tudo, inclusive sua fragilidade, sua idade avançada, sua má saúde... Não me esqueço, jamais, da última audiência que tive com Paulo VI. Estávamos completamente sós. Ele dividiu comigo um grande sofrimento e chorou, amargamente. Pedi-lhe autorização para beijá-lo na face, como um filho beija seu pai. Tive a impressão de beijar um crucificado. Morreu dias depois, a 6 de agosto de 1978, na festa da Transfiguração, como São Domingos...

O senhor se uniu ao Cardeal Baggio, na Congregação para os Bispos, em 1979, a pedido de João Paulo II..

Em novembro de 1976, os novos estudos do Conselho para os Leigos estavam concluídos. Foi nomeado um novo presidente, com o qual colaborei até 1979. Após ter participado da Terceira Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano, em Puebla, em fevereiro de 1979, fui trabalhar na Congregação para os Bispos com o Cardeal Baggio, que era seu prefeito desde 1973.

Na sua opinião, por que João Paulo II o nomeou para este posto chave de secretário da Congregação para os Bispos? Afinal, todos os processos de nomeações episcopais da Igreja Católica, de rito latino, iriam passar por suas mãos, daí por diante...

Conheci o Cardeal Wojtyla quando ele era consultor do Conselho para os Leigos. Ele participava, regularmente, das assembléias

plenárias. Desde sua eleição ao pontificado supremo, fui nomeado para a Congregação dos Bispos, instância cujos trabalhos o Santo Padre seguia de perto. Minha nomeação era, sem dúvida, um sinal de confiança. Como secretário da Congregação para os Bispos eu me encontrava, regularmente com o Papa João Paulo II. Algumas vezes acontecia de eu ter que substituir o Prefeito na audiência bimestral com o Papa.

O senhor conheceu o Cardeal Baggio, Prefeito dessa Congregação, quando ele era Núncio no Brasil...

Eu o conheci muito bem em 1964, quando se tornou Núncio Apostólico no Brasil. Ele deu prova de uma imensa atividade nessa grande nação, criando 17 novas dioceses, visitando as regiões mais pobres e indigentes, ajudando os missionários por todos os meios possíveis. Paulo VI o nomeou Arcebispo da Sardenha, no consistório de 1969. Quatro anos mais tarde, o Papa o designou para a chefia da Congregação para os Bispos. Ele foi também presidente da Comissão Pontifícia para a América Latina.

Como se dá a nomeação dos bispos e até que ponto intervém a congregação romana, da qual o senhor era secretário?

Cada vez que acontecia uma sessão plenária, eu ficava muito preocupado. Tinha que preparar os processos de nomeação e remetê-los aos cardeais da Congregação... Eu tinha que votar, mas tremia, interiormente, pois tinha consciência da importância desse voto para milhares e, até mesmo, milhões de fiéis. Votava, geralmente, por último, após os cardeais terem se manifestado e votado. A Congregação para os Bispos trabalha como última instância, com base nos processos enviados pelas nunciaturas dos diversos países.

Existe um perfil ideal de bispo, segundo o Vaticano II?

O capítulo 3.º da constituição conciliar *Lumen Gentium* e o Código de direito canônico, publicado em 1983, contêm os elementos desse *perfil ideal*. O bispo deve ser, antes de tudo, um homem de fé. Pelo intermédio do Núncio, nós interrogamos a muitos padres, religiosos, religiosas e leigos sobre as qualidades espirituais dos padres que podem vir a ser bispos. O lugar que eles reservam à oração, em sua vida sacerdotal, nos parecia prioritário, relativamente a outros elementos mais mundanos... O bispo é um companheiro de Jesus Cristo. Ele convive com Jesus, conversa com Ele e age em seu nome...

Qual é o seu modelo de pastor, na história da Igreja?

Cada vez que a Igreja celebra a festa de um apóstolo, eu rezo a Missa na minha própria intenção e na de meus colaboradores, invocando a ajuda do santo pastor festejado naquele dia. Muitas vezes invoco Santo Ambrósio de Milão e Santo Agostinho de Hipona. Gosto muito de Santo Inácio de Antioquia, de São Policarpo de Esmirna, de Santo Irineu de Lion. Igualmente de Santo Alberto Magno. O bispo é a imagem de Cristo, que é a imagem do Pai celestial, de quem descende todo dom perfeito.

O senhor se culpa pelos deslizes nas nomeações que foram feitas de 1979 a 1987, ao longo da primeira parte do pontificado de João Paulo II?

Houve *deslizes* também no meio dos doze apóstolos. E não somente um... Eles todos renegaram o Cristo na Quinta-feira Santa, na mesma noite da ordenação episcopal deles. Eu rezava muito, antes de levar os nomes dos futuros bispos para o Papa. Acontece que erros são cometidos, em nível de nação, pelo fato de algum processo ser transmitido

ao Núncio com muita facilidade, motivada por razões marcadamente afetivas. A vigilância se impõe, pois está em jogo a vida das comunidades cristãs e a unidade da Igreja. A humildade é uma qualidade necessária ao bispo, que é chamado a viver a colegialidade e a não se fazer de vedete, contradizendo, sem dúvida, seus confrades...

Sua nomeação como Arcebispo mudou alguma coisa em sua vida romana?

Os Secretários de Congregação são, normalmente, nomeados arcebispos; o que não implica, forçosamente, encargo concreto numa diocese.

Esses anos romanos não o “esclerosaram” um pouco?

Jamais deixei a atividade pastoral. Aos sábados e domingos, toda semana, estando em Roma, eu ia prestar serviço em alguma paróquia. Todo mundo me chamava, e continua me chamando, simplesmente, de “Dom Lucas”. Às vezes me tomavam por um leigo...

Qual paróquia o senhor tinha escolhido?

O Cardeal Polleti, então vigário do Papa na diocese de Roma, me considerava um pouco como um bispo auxiliar. Eu o atendia em função das necessidades: crismas, festas dos padroeiros... Em Roma, todos os anos eu era convidado, pelo seminário diocesano, para conferir as ordens aos futuros padres. Além disso, visitei toda a Itália, cada região. Os bispos me convidavam, regularmente, para pregar os retiros sacerdotais nas suas dioceses. Essa convivência pastoral na Itália, durante 13 anos, deu-me as maiores alegrias apostólicas de minha vida. Esse respiro pastoral equilibrou muito meu trabalho burocrático na Congregação para os Bispos. Meu sucessor no posto de Secretário da

Congregação para os Bispos, Monsenhor Rigali, teve o mesmo cuidado pastoral que eu. Ele é, desde janeiro de 1994, Arcebispo de São Luís no Missouri, nos Estados Unidos.

O senhor continua mantendo essas relações estabelecidas na Itália? Ao menos por correspondência?

Não tenho mais tempo, pobre de mim, para escrever cartas pessoais; graças, porém, às minhas funções de colaborador do Santo Padre em diversas Congregações, tenho, freqüentemente, ocasião de voltar à Itália e rever aquelas pessoas que conheci. Amo Roma e lá me sinto em casa. Meu coração é romano, porque ele é universal.

O brasileiro caloroso que o senhor é integrou-se, facilmente, ao microcosmo da Cúria?

A Cúria já era internacionalizada quando lá cheguei, dez anos após o Concílio... No Conselho dos Leigos o Secretário era um flamengo. O Prefeito da Congregação dos Bispos era um beninense.

O Cardeal Bernardin Gantin – decano do Sacro Colégio dos Cardeais – Prefeito da Congregação dos Bispos é beninense. Ele tem a nacionalidade francesa também. Vocês são muito amigos e foi a ele que pedi para prefaciara esta coletânea. O fato de o senhor ter uma ascendência africana, sem dúvida, aproxima-o dele...

Sim; um dos meus ancestrais veio, provavelmente, do Daomé, hoje, Benim. Veio para o Brasil para ser escravo. Quando o cardeal vem me ver em Salvador – Bahia, cidade cujos 80% da população são negros, ele se sente como em família. As senhoras idosas, nas ruas, o fazem pensar em sua mãe. Nós somos muito unidos, fraternalmente, pela história; mas, sobretudo, por um grande amor à Igreja una, santa e ca-

tólica. Nós nos simpatizamos desde minha chegada a Roma, em 1976. Em 77, ele foi feito cardeal por Paulo VI, no mesmo consistório que Monsenhor Benelli, esse pastor sem igual pelo qual nós dois temos uma admiração profunda.

Foi o Cardeal Gantin quem, em 1987, teve a idéia de nomeá-lo Arcebispo de Salvador – Babia e Primaz do Brasil?

Não sei. Creio que o Papa João Paulo II queria que eu fosse trabalhar com a nova evangelização, no meu país, depois da experiência universal que eu havia adquirido em Roma. Não foi fácil para mim deixar Roma, mas obedeci ao Papa, colocando toda a minha confiança na graça divina. O simples desejo do Papa era-me suficiente para aceitar essa missão...

Durante seus anos romanos, como foi viver a morte de Paulo VI, a de João Paulo I e a eleição de João Paulo II?

Nós sabíamos que Paulo VI estava doente, mas ninguém imaginava a Igreja sem ele, tão poderoso fora seu pontificado. Soube de sua morte quando estava de férias na Áustria, na manhã do dia 7 de agosto de 1978. Foi preciso retornar depressa para Roma, para assumir, interinamente, o Conselho dos Leigos. Quando morre o Papa, cessam os mandatos dos Prefeitos dos Conselhos, e é o Vice-Presidente quem assume. João Paulo I foi eleito no dia 26 de agosto, festa de Nossa Senhora de Czestochowa... Era também o aniversário de minha ordenação episcopal. Eu não conhecia bem o novo Papa, não tive audiência com ele. Morreu no dia 29 de setembro, trinta e três dias após sua eleição. Na véspera dos dois últimos conclaves, eu tinha sido convidado para ir ao Colégio Polonês a fim de jantar com o Cardeal Wojtyła. O Cardeal Deskur, seu antigo amigo, que era membro da Cúria, tinha lhe

perguntado: “Com quem o senhor quer jantar?”. Ele respondeu: “Com Dom Lucas.” Eu estava na praça, no meio da multidão, agitado e feliz, quando o vi aparecer na sacada de São Pedro. Uma intuição me dizia que seria ele o novo papa. Na Cúria, só dois pensávamos assim. Os outros não queriam nem pensar nisso, ou não podiam, eu não sei por quê.

Quando se vive assim, tão perto do Papa, e que se é seu amigo, não há o risco de se esquecer da ação do Espírito Santo e de se ver a Igreja como uma empresa humana com seus jogos de poder e de influência?

Tratando-se de João Paulo II, avalia-se, muito depressa, como sua vida é dirigida pelo Espírito Santo. Ele mesmo sentia que os cardeais iam escolhê-lo; na véspera do conclave, ele tinha rezado, longamente, diante do Santíssimo Sacramento, numa igreja do subúrbio romano onde, a seu pedido, o Cardeal Deskur o havia conduzido. Sua eleição é, verdadeiramente, o fruto da ação do Espírito e a história maravilhosa de seu pontificado testemunha isso. Os planos humanos são, sempre, frustrados pela Providência. E, além disso, não esqueçamos que a Providência se serve de instrumentos humanos, sendo importante consagrar-se totalmente a Deus como Maria o fez. O futuro da Igreja não se escreve nem ao leste, nem ao oeste, sul ou norte... Ele se escreve no céu!

Dizem que o Cardeal Benelli foi o grande perdedor do segundo conclave de 1978. Ele morreu no auge da saúde, em 1983. O que o senhor acha disso?

O Cardeal Benelli me telefonou na antevéspera de sua morte. Não estava passando bem. Sua voz estava estranha. Ele me disse que estava com uma gripe muito forte “talvez qualquer coisa nos

brônquios”. Ele tinha 62 anos, apenas. Infatigável, cheio de força, ele partiu de forma incompreensível. Os desígnios de Deus são, realmente, insondáveis.

Quando ele deixou a Cúria, certas pessoas teriam sussurrado: “Jerusalém está libertada”. Ele tinha muitos inimigos...

Aqueles que têm grande zelo pelo serviço da Igreja, que não agem como funcionários, mas como apóstolos inflamados, sempre encontram hostilidades em seu caminho. Eu tive a graça de não escutar essas pequenas sirenes da desmobilização. Conservei uma grande veneração pelo Cardeal Benelli. Certas pessoas viram a sede de poder lá onde não havia senão uma vontade ardente de anunciar o Reino de Deus, sem perder um minuto...

Em 1980, quando estava em Roma, o senhor foi escolhido para pregar o retiro para o Santo Padre e seus colaboradores. Qual foi o tema do retiro?

Eu tratei do tema do sacerdócio, diante do Santo Padre e de uma centena de membros da Cúria. Parecia-me essencial lembrarmos-nos dessa graça do sacerdócio, recebida em nossa juventude. Antes de sermos Papa, Cardeal, Bispo... somos padres, quer dizer, homens postos à parte pelo próprio Jesus Cristo, para o serviço absoluto do Evangelho. O Cristo é nosso cartão de identidade. A Igreja, nossa família. O Evangelho, nosso programa de vida... eterna. Em 1990, dez anos após esse retiro, o Papa me nomeou relator do Sínodo dos Bispos que tratava, justamente, do tema do sacerdócio.

O senhor é favorável à ordenação sacerdotal de homens casados? Para o senhor, o que é ser padre?

Eu defendo a posição da Igreja Católica de rito latino, que pede a prática do celibato, vivido pelo Reino dos Céus, a todo candidato ao sacerdócio. O celibato é “o sinal da nossa ligação a Cristo e à Igreja”, como diz o ritual da ordenação sacerdotal. A oração sacerdotal de Jesus, no capítulo 17 do Evangelho de São João, nos diz o que é o Padre. Na noite de quinta-feira santa, Jesus “ordena” os apóstolos. Eles são ordenados para render glória a Deus. O decreto conciliar *Presbyterorum ordinis* lembra isso. Os apóstolos deviam, igualmente, fazer conhecer o nome do Pai. Eles deviam ser princípio e sacramento da união na comunidade. Eles são consagrados na verdade e para a verdade. Todo padre pode dizer como São João da Cruz: “Tudo me pertence, o céu, a terra e a natureza que cantam a glória de Deus, pois eu pertenço a Deus em Jesus Cristo...” A prece sacerdotal de Jesus, no Evangelho de João, nos diz que Jesus consagra seus apóstolos para enviá-los em missão. A humanidade de Cristo é o sinal e o instrumento de sua divindade. O padre tem condição de compreender os pecadores sendo ele próprio cheio de fraqueza. A principal virtude do padre é a virtude da humanidade. Essa virtude praticada por Jesus, é compaixão, é misericórdia... O padre deve saber aliar a firmeza doutrinária com a bondade de coração. Ele é convidado a crescer, cada dia, nessa misericórdia que não se confunde com tolerância humana. Ele designa, pelo nome, tanto o mal quanto o bem. À semelhança do bom pastor, que vela por suas ovelhas, em meio ao nevoeiro e na obscuridade, ele fica mais próximo dos mais pobres. Pobres, materialmente, ou pobres porque não conhecem a verdade. Após o sínodo sobre a formação dos padres, João Paulo II publicou a exortação apostólica *Pastores dabo vobis*. Trata-se da questão de o padre se conformar ao Cristo, de se identificar com Ele, de imitá-lo... este Jesus Cristo, bom pastor, esposo da Igreja,

servo e sofredor que manifestou-se, no século XVII, a Santa Margarida Maria em Paray-le-Monial. Ele revelou a misericórdia de seu Sagrado Coração, essa misericórdia de que o mundo tem tanta sede, nestas horas de incerteza e de crenças disseminadas. Como disse João Paulo II, referindo-se ao Coração de Jesus, do qual o padre deve ser testemunha: é importante favorecer essa devoção face a “uma concepção impessoal de Deus... e às concepções do sagrado que não fazem outra coisa senão mascarar uma trágica vida espiritual”.

Quais foram seus primeiros atos, ao tomar posse em Salvador – Bahia?

Eu tinha 62 anos quando o Papa me nomeou Primaz do Brasil, título ligado à sede arquiiepiscopal de Salvador – Bahia. A publicação dessa decisão foi feita em julho de 1987. A 4 de agosto, festa do Santo Cura d’Ars, eu estava em Lourdes para confiar esse novo ministério à Virgem Maria. Fui, em seguida, a Czestochowa e a Fátima, onde pude me entreter, longamente, com Irmã Lúcia, uma das videntes dos fatos que se desenrolaram em Portugal, em 1917... Portugal é a nação mãe do Brasil, o maior país católico do mundo, pelo número de batizados, neste fim do segundo milênio. Em Salvador – Bahia, na minha entronização, setenta bispos brasileiros me cercavam e me encorajavam. Meu querido irmão, o Cardeal Gantin, estava lá. Desde 1991 eu tenho bispos auxiliares, Dom José Marques e Dom José Meloné, nascidos em 1948 e 1930, respectivamente.

Qual o porquê dessa viagem a Fátima, após sua nomeação para Salvador – Bahia?

A devoção a Nossa Senhora de Fátima é muito grande na América Latina e, sobretudo, no Brasil, devido aos laços que nos unem a

Portugal. Eu quis confiar meu ministério de Arcebispo de Salvador da Bahia àquela que, por primeiro, pôs a palavra de Deus em prática: ela deu corpo ao Verbo da Vida. Sua solicitude, renovada para a humanidade no vigésimo século, expressou-se, de maneira luminosa, em Fátima. Nós não exploramos, ainda, tudo quanto a mensagem de Fátima contém; ela não se resume a uma mensagem contra o comunismo, como muitos querem. Ela é muito mais vasta: é uma mensagem de paz, de reconciliação. Não tardemos a nos pôr à escuta do que o Espírito Santo, através de Maria, diz às Igrejas. Oração, penitência, conversão: eis os segredos da paz que devemos proclamar do alto dos telhados... Eu me esforço para salientar a atualidade da mensagem recebida pelos pastores da Cova da Iria. O ateísmo prático, que se infiltra por toda parte, é tão destruidor, ou mais, que o ateísmo do Estado, militante, que vimos desmoro-nar-se no Leste europeu, a partir da eleição do Arcebispo de Cracóvia ao trono de São Pedro. O século XXI será religioso ou será desumano, como foi anunciado, em formas diversas, por Arnold Toynbee, André Maurois ou Albert Camus... Face à crise moral e atual e ao hedonismo, que semeia a morte, a Igreja deve interpelar as consciências, seguindo os ensinamentos da Virgem Maria de Fátima, para que um sobressalto de fé dê à humanidade um alívio para a alma... Acho interessante observar que, durante a viagem profética de João Paulo II ao Brasil, em 1991, o Santuário de Fátima recebia, pela primeira vez e oficialmente, o Arcebispo de Moscou e um grupo de peregrinos russos. A celebração desse 13 de outubro de 1991 foi retransmitida pela televisão russa, 74 anos depois das aparições de 1917.

O que lhe disse João Paulo II, quando o “enviou” ao Brasil?

Mais que qualquer coisa, ele deu-me uma estola, de seu uso particular, quando me confiou o manto de arcebispo, ao fim de uma Missa que concelebrei com ele. Essa estola vermelha foi tecida para o Santo Padre pelas carmelitas de Palermo. Eu a uso toda vez que vou pela primeira vez a uma paróquia, ou por ocasião de um evento diocesano.

Arcebispo de Salvador – Bahia

*O Cardeal Avelar Brandão ficou 15 anos como Arcebispo da Bahia...
Foi um grande bispo. Não foi difícil sucedê-lo?*

Dom Avelar morreu, em Salvador – Bahia, seis meses antes da idade de se aposentar. Ele era Cardeal. Sua popularidade, imensa. Orador e escritor, de origem aristocrática, mas próximo do povo. Foi um bom pastor para a diocese, cujo encargo me foi confiado em 1987. Ele vivia muito perto de seus diocesanos, muito amado pelos pobres. Falo dele, freqüentemente, nas paróquias e as pessoas, às vezes, me chamam de Dom Avelar. Acontece que os fiéis continuam a vê-lo através de mim, tão forte é sua marca aqui. Passei apertado para suceder a tão grande personalidade. Ele tinha sido chamado ao episcopado desde a idade de 34 anos. Gostaria de ter, como ele, uma bondade sem limites. Ele foi o equilíbrio do episcopado brasileiro. Dirigiu o CELAM. Esforço-me para me inscrever na trilha pastoral traçada em Salvador por meus antecessores, todos vigilantes para que se abram novos caminhos de evangelização na alvorada do ano 2000.

A etiqueta romana não se colou na sua pele?

As etiquetas são feitas para insetos nos laboratórios. Tenho uma soberana indiferença por aqueles que colocam etiquetas nas pessoas. Há tanto trabalho missionário a fazer, por que perder tempo com isso?

O senhor acha tempo para andar, com frequência, pela região?

Sim, vou por todo lado, sem parar, quando minhas funções, em Roma, não me obrigam a estar na Europa. Vou a todas as paróquias da cidade, em particular nas mais pobres, nas favelas, nos “alagados”: essas casas construídas sobre pilotis, na periferia da cidade, à beira d’água. Uma religiosa extraordinária, Irmã Dulce – verdadeira Madre Teresa da cidade – ajudou muito a Igreja, por seu carisma de servir aos doentes, aos órfãos... Ela morreu agora e todos nós a veneramos como uma santa. O Papa pôde cumprimentá-la durante sua viagem de 1991, quatro meses antes de ela partir para o Reino. A diocese deve muito a uma outra mulher, leiga, fundadora de uma associação que ajuda, discretamente, as crianças. Sim, eu ando muito pela região e, geralmente, fico maravilhado com a obra que as comunidades eclesiais realizam, silenciosamente, eficazmente.

Como foi evangelizada Salvador – Bahia? Dizem que seu primeiro bispo foi comido pelos índios...

Talvez seja bom situar geograficamente minha cidade. Salvador, cidade do Nordeste brasileiro, está a 1.971 km de São Paulo, a 1.700 km do Rio de Janeiro e a 2.100 km da capital federal, Brasília. O Estado da Bahia é um pouco maior que a França... mas tem apenas 18 dioceses. A cidade de Salvador foi fundada em 1549. A diocese foi criada em fevereiro de 1551. O primeiro bispo, português, Dom Pedro Sar-

dinha, foi devorado pelos índios, em 1556. Sua estátua foi erguida na Praça da Sé, diante da Catedral. Na época, a diocese de Salvador abrangia todo o Brasil. Depois do “descobrimento” do Brasil, em 1500, e até a fundação da diocese de Salvador da Bahia, esses territórios eram administrados, pastoralmente, pela sede da Ilha da Madeira. Esse imenso país de oito milhões e meio de km² era, assim, o prolongamento da Ilha. Dom Sardinha, que visitava sua vasta diocese, naufragou quando ia em direção ao norte do país. Ele sobreviveu ao naufrágio, não, porém, aos índios... A diocese de Salvador permaneceu a única diocese do Brasil durante 120 anos. Em 1672, o Papa criou as dioceses do Rio de Janeiro e de Olinda, esta transformada, em seguida, em diocese de Olinda-Recife. Salvador tornou-se, então, uma arquidiocese. Hoje em dia, há mais de duzentas dioceses no Brasil e cerca de quatrocentos bispos.

80% da população da Bahia é constituída de negros. Pastoralmente, o que isso implica?

Salvador foi, durante dois séculos, a capital do país. Era para lá que se dirigiam, a partir do século XVIII, os escravos africanos que vinham, primeiro, da Nigéria, de Angola e da Guiné; depois, de Daomé. Pode haver, atualmente, umas vinte e cinco graduações de mestiçagem negra em Salvador. Certos antropólogos dizem que a população da Bahia é constituída de 70% de negros. Um dos desafios pastorais da Bahia é constituído pela presença do Candomblé, culto afro-brasileiro herdado do animismo, importado da África pelos escravos. Alguns brancos entregam-se a esse culto, mas sem idealismo. O Padre François de Lespinay, que foi capelão-chefe da Armada Francesa durante a guerra da Algéria, terminou seus dias em Salvador – Bahia, entre os adeptos do Candomblé, em 1985. Ele tinha esperança de conduzi-los a Cristo... Respeito sua posição, cuja qualidade do empenho missio-

nário me foi relatado. Julgo, entretanto, que se deve evitar todo o sincretismo. Embora favorável ao diálogo com aqueles que praticam o Candomblé, eu proibi a dupla maneira de pertença. Não duvido que haja “sementes da Palavra” no Candomblé, mas é preciso escolher entre esse rito e aquele proposto pela Igreja Católica. E quem fala é um descendente de escravo. Meu avô negro era católico; e se eu tivesse sido tentado pelo Candomblé, ele teria sabido me corrigir. Eu disse isso na igreja do Bonfim, pequeno santuário muito freqüentado, perto do porto de Salvador, a dois passos do Mercado dos pescadores... Aí se encontram imagens de diabinhos, vendidos pelos comerciantes, em meio às imagens de santos... Todas as primeiras sextas-feiras do mês, no santuário do Bonfim, os padres são obrigados a recusar a comunhão a uma parte dos peregrinos. Um terço dos fiéis presentes são adeptos do Candomblé. Nesse santuário, construído há 240 anos, venera-se um crucifixo vindo de Portugal. O Cristo crucificado não é um Orixá, uma divindade africana... Não condeno ninguém, mas digo “não” à confusão. É a condição do diálogo. Eu denuncio o sincretismo. São Martinho, que veio evangelizar a Gália, não abraçou as práticas druidas! Pouco mais de um século após a abolição da escravatura, podemos, de cabeça erguida, reconciliar negritude e catolicismo. Figuras conhecidas, originárias de Benim, tais como o Cardeal Gantin e o padre Teófilo Vilaça, mostram que é possível romper com os cultos africanos e pertencer, totalmente, à Igreja de Jesus Cristo. Quatrocentos anos após a chegada dos primeiros escravos negros, vindos do antigo Daomé para o Brasil, seus descendentes são integralmente católicos. Paremos de dizer que o Candomblé deve ser a religião dos negros da Bahia. Esse culto animista pertence ao passado. O catolicismo dos indo-europeus e dos brancos, em geral, não rompeu com Júpiter, Marte e Diana? É preciso escolher entre os cultos afro-brasileiros e o cristianismo... Não se pode, ao mesmo tempo, render um culto a Olo-

rum e seus “intermediários”, os Orixás, e à deusa Iemanjá, proclamando-se discípulo do Cristo e Senhor, mestre do tempo e da história... A cultura Iorubá pode se completar na cultura cristã, libertando-se dos grilhões do paganismo. Eu denuncio a utilização política e turística do Candomblé. Apenas 20% dos negros praticam esse culto. Devemos respeitá-los, sem utilizá-los. Este problema do sincretismo é consequência do fato de os proprietários portugueses obrigarem seus escravos a serem católicos. Eles continuaram a praticar, secretamente, seu culto. O sincretismo é uma falsa cultura e as sacerdotisas do culto afro-brasileiro dizem agora: “o arcebispo tem razão, sejamos cada um o que somos, mas escolhamos”.

Por que a Igreja não impediu a escravidão dos negros?

A Igreja foi vítima das idéias dominantes da época. É um problema grave sobre o qual devemos refletir. O Papa Alexandre VI proibiu a escravidão dos índios, pedindo a Cristóvão Colombo que reconduzisse os índios que ele havia trazido para “oferecer aos reis católicos” aos lugares deles. Quanto aos escravos africanos, eles eram considerados, de um ponto de vista paternalista, como fazendo parte da família que os empregava. Essa escravatura era organizada pelos muçulmanos árabes. A liberação progressiva e o respeito dos direitos do homem progrediram, na América Latina, ao ritmo da própria Europa, já que, no princípio do século, ela punha a trabalhar as crianças nas minas... Note-se, todavia, que, no tempo dos reis católicos, não se tratava de tráfico ou de contrato, mas de negros, feitos prisioneiros, nas guerras contra o Islã conquistador. É preciso mencionar o belíssimo gesto do Papa João Paulo II, que foi à África pedir perdão no nome de todos os cristãos. Em março de 1992, na ilha de Gorée – santuário africano da dor negra – João Paulo II rezou para que, no futuro, os discípulos de Cristo se mostrem, ple-

namente, fiéis à observância do mandamento do amor fraterno. Sua visita à “casa dos escravos” nos traz à memória o tráfico dos negros – do qual foram vítimas meus antepassados – que Pio II qualificou, em 1462, de “crime enorme” – *magnum scelus*. Esses escravos guardavam, como última imagem de sua África natal, a massa do rochedo basáltico de Gorée... Eles se apoiaram, em seguida, em Jesus Cristo como sobre uma rocha, para encontrar a verdadeira libertação.

Existe discriminação racial em Salvador e no Brasil, em geral?

Há 70 milhões de negros na América Latina, 60 milhões dos quais no Brasil. Eles falam 500 línguas diferentes... Eu continuo a crer que a discriminação não é racial, mas social. Acontece que muitos dos negros são pobres. Carregam eles os estigmas de sua ascendência? Inconscientemente eles se sentem, talvez, humilhados pelo peso da história e nós devemos, juntos, fazer um esforço para libertá-los de um eventual complexo. A educação, a promoção humana na Bahia, como em toda parte no Brasil, é uma urgência: fazer cada pessoa tomar consciência de sua dignidade, de seu valor aos olhos de Deus e de suas potencialidades extraordinárias. A Igreja trabalha nesse sentido. O papel da Igreja não é provocar o ódio e a revolta. A Igreja encoraja os brasileiros negros a se libertarem interiormente, e a não ceder à tentação ideológica dos brancos.

Uma de suas prioridades pastorais é a família...

Mais da metade das crianças nascem de ligações adúlteras. Não é raro uma mulher ter dez filhos com dez homens diferentes. Conheço uma mulher que cria, sozinha, seus vinte filhos e que teve oito companheiros: é mais do que a Samaritana! A taxa de casamento é muito baixa. A taxa de crianças nascidas fora do casamento é muito elevada. A Igreja faz o que pode, por meio dos organismos diocesanos, para vir

em ajuda das famílias desestruturadas. Nosso povo é constituído de uma mistura de africanos, índios e portugueses. Nossas tradições comuns respeitam muito os valores familiares. Uma sociedade não pode ser equilibrada a não ser sobre a base de famílias harmoniosas. A pastoral familiar, no Brasil, faz tudo o que pode: uma gota d'água num oceano de miséria.

Como o senhor responde a todos esses apelos, quando se sabe do reduzido número de padres em Salvador?

Existem apenas 13.000 padres no Brasil. Minha diocese conta com 230 padres para três milhões de habitantes, o que é muito pouco; além do mais, a metade é de padres estrangeiros. E essa proporção é representativa do resto do país. A catequese é prioritária, mas há tanto a fazer. Seria preciso ter mais leigos formados; a falta de padres para formar tais leigos faz-se sentir cruelmente. A crônica falta de vocações sacerdotais se explica porque, no século XVI, os padres enviados ao Brasil eram, muitas vezes, aqueles indesejáveis. Eles deixaram uma imagem detestável junto ao povo... No século XVIII as famílias pobres davam seu segundo filho à Igreja: essa geração de padres “forçados” não deu um testemunho muito bom... Por outro lado, as famílias ricas impediam seus filhos de se tornarem padres. Os pobres obtinham uma “promoção social”: um desastre apostólico. Somente a partir do século XIX foi que se constituiu uma salutar, mas difícil, pastoral das vocações. Se quisermos vocações é preciso evangelizar profundamente através de uma catequese permanente em todos os níveis.

O senhor fundou um seminário logo que chegou à sua diocese. Os candidatos enfrentam a pressão da sociedade, do modo de vida, etc.?

Em 1998 não entrou senão um seminarista para o seminário. Compreendi que precisava agir. Fundei uma casa para acolher jovens que se

colocam a perspectiva do sacerdócio. Um padre italiano a dirige: Dom Petrini, membro do movimento “Comunhão e libertação”. Uma dezena de jovens chega a essa casa, por ano. Aceito também aqueles jovens que vêm de outras dioceses e que querem ter um tempo de discernimento. O seminário diocesano tem, assim, uma base de um ano de propedêutica, verdadeiramente fecunda, sobre o plano pastoral. Ela permite formar futuros quadros para a vida eclesial. Eu me aconselhei com o Cardeal Lustiger antes de empreender essa fundação, e visitei a casa de Santo Agostinho, em Paris, que nasceu da mesma intuição. A propedêutica acolheu nove jovens em 1990, treze em 91, quinze em 92 e vinte e sete em 94. Em 95 serão dezoito. É um seminário “de sapiência”, onde se aprende a viver segundo as três sabedorias designadas por Tomás de Aquino: a sabedoria filosófica, a sabedoria teológica e a sabedoria mística. É uma formação humana, doutrinária, pastoral e espiritual que se oferece a esses jovens. Sua perseverança é notável, no seminário central, que não é em Salvador. Espero fundar, em seguida, um seminário diocesano onde os jovens poderão seguir os estudos da filosofia e da teologia. Santa Teresa de Lisieux já é reitora desse seminário nascente... e eu confio a ela o seu próximo desenvolvimento. Temos, também, um instituto católico em Salvador, do qual sou o grão chanceler. Esforço-me para que lá seja ensinada uma filosofia que conduza a uma teologia fiel à tradição e aberta às grandes questões do presente.

De que forma o senhor mantém o relacionamento com os padres da diocese?

A rádio diocesana é muito popular. Entro no ar toda semana, desejando feliz aniversário a este ou àquele padre, por meio das ondas... Renovei a equipe e a infra-estrutura dessa rádio. Umas trinta pessoas trabalham nela. Isso é muito caro, mas eu luto para encontrar o dinheiro necessário, pois a rádio é um instrumento de comunhão diocesana.

Essa rádio atinge, verdadeiramente, as comunidades da diocese?

Eu escrevo, regularmente, num diário local e no *Jornal do Brasil*, grande diário nacional, para poder chegar até aqueles que o rádio não pode alcançar.

Em 1992 o senhor levantou uma tempestade com um artigo escrito no Jornal do Brasil sob o título “Eu acuso”...

Eu lancei um apelo à resistência, em vista do “despotismo” e da “tirania” da mídia. É uma verdadeira “guerra de defesa” que eu propus aos católicos do meu país. A morte de Daniela Perez, uma atriz da novela *Corpo e Alma*, divulgada pela rede de televisão Globo, desencadeou paixões na opinião pública. A atriz foi assassinada pelo seu parceiro da famosa novela, assistida, toda noite, por milhões de brasileiros. A realidade foi, assim, além da ficção, e vezes se levantaram para pedir o restabelecimento da pena de morte. Eu escolhi a crônica semanal, que mantenho no *Jornal do Brasil*, para me ater à raiz do mal: a televisão e suas leis mercantis ditadas pelo curso da audiência. Roberto Marinho, o diretor geral da Rede Globo, tentou entrar em contato comigo quando eu estava em reunião em Roma. Quando de um Congresso Eucarístico em Natal, em outubro de 1991, cujo tema era a família, eu já havia atacado a televisão que destrói a família e gangrena a sociedade. Os folhetins televisados destroem a família e desonram o verdadeiro amor. A televisão não somente não educa, mas perverte e fabrica uma geração de expectadores. Como membro do Conselho Pontifício para a Família, eu nomeio os dois venenos destilados pela televisão: a violência e a pornografia. Não hesito em falar dos “clipes de propaganda” e de uma vontade deliberada de demolir os mais autênticos valores familiares. Os valores da fidelidade, do respeito mútuo, da renúncia são ridicularizados em favor dos contra-valores: o divórcio, a libertinagem, o adultério, o incesto...

Eu acuso a caixa mágica da pequena tela de fazer apologia do aborto e de veicular idéias ligadas aos cultos satânicos. A televisão oferece, como ideal, à população pobre, a imagem de uma burguesia em decomposição. Criam-se clubes, por exemplo, na Bahia, a exemplo daqueles que as novelas apresentam, para permitir a mulheres casadas se encontrarem com rapazes que se prostituem...

O que o senhor propõe?

Eu visitei mais de 60 países e em nenhum deles vi uma televisão tão destruidora como no Brasil. A Assembléia dos Bispos do Brasil, a CNBB, está, unanimemente, perfilada comigo para exigir um código de ética dos meios de comunicação de massa. Parece-nos uma proposição construtiva.

No plano mais pessoal, que lugar a oração ocupa na sua vida?

Eu rezo todas as horas do breviário, mesmo a terça, a sexta e a nona, que são horas mais “antigas”. A missa diária dura 40 minutos. Faço, pelo menos, meia hora de meditação, o que dá sentido à minha jornada. Levanto-me às 5h 30min da manhã e me deito à 1 hora da manhã.

O seu anjo da guarda intervém na sua vida espiritual?

Estou sempre em sua presença, sem, todavia, o invocar automaticamente em minhas preces. Quando recito o *Angelus*, penso em Maria, rainha dos anjos, penso em meu anjo da guarda, nos anjos guardiões de todas as almas. Todas as vezes que, pela recitação do rosário, meditamos os mistérios de nossa salvação, imitamos a função, muita santa, confiada aos anjos. Eles revelaram esse mistério no tempo marcado. Eles desempenharam um papel importante, numa atitude alegre, dolorosa e triunfante. Peçamos, particularmente ao arcanjo São Miguel, para defender e

proteger a Igreja para que os batizados tenham coragem de dar testemunho da verdade, sem compromissos e sem acordos. Gosto muito do santuário de São Miguel, no Monte Gargano. Ali o arcanjo é invocado, oficialmente, desde o Papa Gelásio I, em 493. Santo Tomás de Aquino, Santa Catarina de Sena estiveram lá, em peregrinação.

O senhor se confessa frequentemente?

Sim; tenho um confessor no Brasil, como tinha em Roma. Um padre e, com mais razão, um bispo que não se confessasse, regularmente, não poderia viver seu ministério.

Em que época o senhor gostaria de ter vivido?

Amo a Idade Média, mas suas sombras são terríveis. Prefiro viver a época em que vivemos, dado que Deus me colocou nela. Procuo dar valor ao que é belo e bom, criticando esta cultura falsificada, apodrecida, que se difunde, sem respeito pela pessoa e, sobretudo, pela alma humana. A falsa cultura, desumana, que corrompe a juventude – essa cultura de morte – deve encontrar diante dela os profetas da vida e do amor. Em Salvador fiz um apelo aos tais “profetas”, principalmente aos Irmãos da comunidade de São João, fundada pelo Padre Marie Dominique Philippe e por Marthe Robin. Chamei também os servidores de Jesus e de Maria, do Padre Thierry de Roucy, para acolher as crianças pobres, levados que são por seus corações entusiasmados.

O senhor é um bispo itinerante, entusiasta e comunicador. Quais são suas atuais paixões?

A Igreja é a grande paixão de minha vida. Esforço-me para não ser um “bispo notário”, como se diz. Não tenho secretário. Recebo, pelo

menos, doze pessoas por dia e tenho pouco tempo para mim. Amo a caminhada, a música, a leitura...

Que gênero de músicas e quais leituras?

As sinfonias de Beethoven, a música de Mozart e de Brhams... aquela de um austríaco do século XIX: Bruckner. A música é uma tradição familiar. Amo os poetas Rimbaud, Verlaine, Rilke. Entre os escritores do Brasil, minha preferência vai para Machado de Assis, romancista do século XIX, assim como para Castro Alves.

O senhor gosta de pintura?

Eu passaria horas a contemplar a pintura italiana clássica de Rafael, Miguelângelo. Gosto muito, também, de El Greco, esse pintor espanhol que dá uma dimensão espiritual a todos os personagens que ele representa. Eu poderia falar de Velásquez... Na França, é o claro-escuro de Latour-Dupin que fala à minha sensibilidade.

O que o senhor gostaria de pintar?

Uma paisagem de montanha.

Ocorreu ao senhor, alguma vez, de duvidar ou de querer deixar o sacerdócio?

Não. Eu tive a graça de me deixar levar por um amor que dá sentido a todo outro amor. Respeito aqueles que passam por dificuldades e que caem. Penso em Santo Agostinho, em Charles de Foucauld. Posso dizer, como São Domingos disse no fim de sua vida, que eu fui preservado; mesmo que, como ele, eu prefira a companhia de mulheres jovens àquela de mulheres mais idosas.

Primaz do maior país católico do mundo

O título de Primaz do Brasil é honorífico...

Salvador – Bahia é a primeira cidade fundada no Brasil. A sede episcopal dessa cidade é, também, a mais antiga do país. Meu título é, portanto, honorífico, e ele se perde quando se é transferido. Assim aconteceu, por exemplo, com o Cardeal Eugênio Sales, hoje Arcebispo do Rio de Janeiro, que antes era Arcebispo de Salvador – Bahia e, por isso, Primaz do Brasil.

O Brasil é o maior país católico do mundo. É uma grande responsabilidade para sua Igreja...

O número de batizados é elevado, no Brasil, mas a prática religiosa diminui e muitos são atraídos pelas seitas. Milhares de pessoas deixam, todo dia, o catolicismo e vão para as seitas. É uma hemorragia espiritual. Isso ocorre por causa do desespero, nascido dos problemas sociais. O desemprego, o analfabetismo, as dificuldades de moradia e de saúde, os assassinatos de crianças, a violência e a marginalidade: todas essas realidades levam os fiéis para o sonho que as seitas oferecem.

O desafio maior, porém, não é tanto o das seitas, mas o da indiferença, na medida em que muitos – descrentes após sua passagem por uma ou mais seitas – não têm mais gosto por nada e se entregam ao materialismo prático, cujo epicentro está na América do Norte. A Igreja no Brasil deve se tornar uma frente de resistência a esse materialismo prático, como foi a Polônia frente ao materialismo teórico nos anos 79-80.

Que papel desempenharam as ordens religiosas durante a colonização?

O país foi evangelizado pelos franciscanos que acompanhavam o almirante Álvares Cabral, em 1500. Eles procuraram humanizar a conquista. Em 1537, uma bula do Papa proibiu a escravatura dos índios. Os primeiros jesuítas chegaram aqui, em 1549, quando ainda vivia Santo Inácio, e quando Salvador – Bahia foi fundada e se tornava a capital. Até então, Porto Seguro, ao sul de Salvador, era a cidade-mãe, local da chegada dos colonizadores portugueses. O jesuíta Padre Anchieta, que fundou um colégio para educar as crianças indígenas, foi beatificado por João Paulo II, em junho de 1980.

Alguns de seus predecessores, no fim do século XIX, trabalharam muito para que a Igreja, no Brasil, permanecesse ligada a Roma...

Depois do domínio português, o imperador do Brasil queria nomear os bispos, criar dioceses... Na época do Imperador Pedro II – segundo e último imperador do Brasil – os bispos se insurgiram para defender a primazia do Papa e a liberdade da Igreja. Um deles, Dom Vital – que havia estudado na França – e que foi bispo aos 26 anos, revoltou-se contra a franco-maçonaria, a que pertencia o Imperador. Preso, com outro jovem bispo, morreu, na prisão, aos 33 anos de idade... Outros bispos, inflamados, se chocaram com o Império. Dom

Luís, por exemplo, Arcebispo de Salvador – Bahia em 1880, foi precursor da “romanização”, ao tentar fazer com que a América passasse do catolicismo colonial, concentrado nele mesmo, para o catolicismo universal...

Esses bispos bateram-se, também, pela abolição da escravidão?

Sim. Dom Luís, por exemplo, era abolicionista. Num salão da residência episcopal de Salvador – Bahia, está exposta uma cruz que a filha do Imperador tinha enviado a Dom Luís para dar-lhe força. A Princesa Isabel era casada com um francês. Ele fez muito em favor da abolição da escravidão dos negros, o que, felizmente, ocorreu em 1888. A Lei do Ventre-livre, de 1871, considerava livres os filhos de escravos nascidos após sua promulgação. Os grandes proprietários estavam descontentes e, para melhor proteger seus interesses, fizeram proclamar a República... Com ela, a Igreja ganhava liberdade, tendo a República renunciado à tentação irrealista de criar uma Igreja nacional.

Como evoluiu o Brasil, politicamente?

Um almirante português partiu de Portugal em busca das Índias e “descobriu” o Brasil, em 1500, oito anos após a descoberta da América por Colombo. Nosso país é bem jovem. No ano 2000 celebraremos o meio milênio da descoberta do Brasil. O primeiro nome dado ao país foi “Santa Cruz”, com certeza por causa da data em que ocorreu o desembarque, provavelmente a 3 de maio. Em seguida, o país tomou o nome de uma madeira muito bonita, vermelho-fogo, da cor da brasa... Essa madeira foi objeto de um grande comércio. No momento da invasão holandesa, que trazia com ela a ameaça calvinista, os jesuítas participaram da resistência, chegando até a interpelar, publicamente, o Santo

Sacramento... Em 1637, os holandeses foram expulsos. Só em 1762 o Rio tornou-se a capital do Brasil, suplantando Salvador. Os jesuítas tinham sido expulsos em 1759. A independência do Brasil foi proclamada em 1882 e Dom Pedro I coroado imperador. A 13 de maio de 1888 a Lei Áurea aboliu a escravidão e a 15 de novembro de 1889 foi proclamada a República... por um marechal... De 1964 a 1985 os militares governaram o país até a eleição à Presidência de meu primo Tancredo Neves, ao qual sucedeu José Sarney, ainda muito popular...

Em sua opinião, a Igreja deve estar presente na política?

Uma interferência direta, da parte dos eclesiásticos ou religiosos, na prática política, ou a eventual pretensão de impor, em nome da Igreja, uma linha única nas questões que Deus deixa ao livre debate dos homens, constituiria um clericalismo inaceitável. O Papa João Paulo II lembrou isso em Campo Grande, quando de sua segunda viagem ao Brasil, no mês de outubro de 1991. Além de tudo, desde 1984, o novo Código de Direito Canônico proibiu aos padres candidatarem-se às eleições que os conduzissem ao exercício do poder civil; é por essa razão, por exemplo, que na França, o abade Pierre não aceitou encabeçar a lista dos ecologistas às eleições europeias. Os fiéis leigos devem se engajar, politicamente, mas não podem agir em nome da Igreja ou sob a proteção da hierarquia eclesiástica. É necessário compreender quando se fala de Igreja; distingamos, primeiro, entre Igreja universal e Igreja local diocesana. O magistério da Igreja universal se ocupa da conjuntura e se exprime, de forma solene e extraordinária, pela voz dos Concílios ou pelo Papa, quando fala *ex cathedra*. O magistério de um bispo diocesano não tem a mesma autoridade. Igrejas são também os fiéis leigos, que assumem as suas responsabilidades. Um bispo ou um padre não tem que favorecer uma opção partidária. A missão dos pastores é congregar, superando as diferenças de

ponto de vista, para o serviço da Igreja. O pastor, mestre da verdade, educador da fé, guia do povo de Deus, deve esclarecer as consciências individuais, salientando as exigências do bem comum, o dever de votar... Aos fiéis leigos cabe administrar as realidades deste mundo, em vista do reino de Deus. Convém a eles estar atentos aos ensinamentos do magistério da Igreja universal em matéria de doutrina social, qualquer que seja sua escolha política. A Igreja age por meio dos leigos competentes, honestos, militantes na política. Essa complementaridade dos pastores e leigos permite uma presença evangélica fecunda da Igreja no campo público.

Concretamente, como a Igreja pretende fazer frente ao avanço da secularização?

Não falemos de política cristã, mas de uma maneira cristã de fazer política. Os fiéis leigos, presentes nos diversos partidos, contribuem para um debate construtivo. O cristianismo não é uma ideologia que serve de substrato a esse ou àquele partido. Os desgastes causados pelo integrismo religioso nos Estados teocráticos deviam nos livrar das tentações de um “partido cristão” ... É útil citar o parecer expresso, há meio século, pelo filósofo tomista Jacques Maritain, que tanto contribuiu para a minha formação desde aquele primeiro encontro com o Padre Tauzin... Maritain falava do engajamento cristão, frisando que o fiel leigo é convidado a se engajar na base de suas convicções evangélicas. O fermento cristão vem aumentar a ordem natural, mas não destruir, por suas leis, a meta da política, que é o bem comum. Nada do que é humano pode ser estranho ao cristão. A fé, o Evangelho são, para o cristão politicamente engajado, pontos de referência, critérios para tomar decisão, particularmente em favor dos pobres, dos oprimidos, dos marginalizados. Um político é reconhecido como cristão por suas atitudes, mais do que por suas declarações de caráter partidário.

O pluralismo político é riqueza democrática e eu creio, firmemente, que uma política inspirada nos valores cristãos é possível, mesmo num universo secularizado e ateu. “Não são as bandeiras que fazem a força de uma procissão, são os corações puros”, diz o Cura de Manon des Sources, no célebre filme de Marcel Pagnol (1952). O Evangelho propõe um corpo-a-corpo, tendo por único estandarte o amor vivido e comunicado em termos de solidariedade, de justiça e de paz.

O Presidente Collor foi demitido a 29 de dezembro de 1992. Eleito em março de 1990, ele encarnava a esperança de uma renovação. Como os católicos do Brasil vivem os processos que desestabilizam a vida política do país? Existe, acaso, diante das dificuldades por que passa a democracia no Brasil, o perigo de uma volta dos militares ao poder...

O mandato do Presidente Collor – primeiro presidente eleito em sufrágio universal, no Brasil, desde 1980 – devia acabar em janeiro de 1995. Ele o tornou curto. Itamar Franco, vice-presidente, o substituiu e tomou como lema “primeiro, os pobres”. O Brasil tem 65 milhões de miseráveis para 150 milhões de habitantes. A revelação do amplo tráfico de influência, que rendeu a Fernando Collor milhões de dólares para financiar sua campanha, poderia ter provocado um golpe de Estado, é verdade. Os militares permaneceram mudos. Os católicos do país – perto de 90% da população – perseguem uma maior maturidade democrática e uma verdadeira justiça social. Existe uma relação estreita e profunda entre o anúncio evangélico e a promoção do homem. Um século após a queda do último imperador, os brasileiros ainda estão em pleno desenvolvimento político e econômico. Pelo referendo de abril de 1993, eles se pronunciaram a favor da República Federativa. “Ordem e Progresso” é a divisa do Brasil; mas esse país, muitas vezes, conheceu uma sem a outra... e vice-versa! Se o Brasil se

desse ao trabalho de, finalmente, conciliar ordem e progresso, ele poderia, rapidamente, tornar-se, no plano econômico, o Japão ou a China da América Latina. Em novembro de 1995 haverá uma nova eleição presidencial. Ela coloca em discussão, principalmente, o ex-presidente José Sarney, cuja popularidade é, realmente, considerável na opinião pública, o que é preciso destacar bem.

A dívida do Brasil é “astronômica”: é a mais alta do mundo. Como pagá-la?

A economia do Brasil titubeia, alterna entre a recessão e uma inflação galopante, que passa raspando pelos 2.000%... A dívida deve ser paga, mas é preciso que os países credores sejam solidários. Eles deram de seus excedentes, crendo recuperar muito mais. Eles favoreceram a realização de projetos faraônicos no Brasil. A Igreja clama pela necessidade de uma grande solidariedade, agora que o planeta se torna uma aldeia.

Dezessete vezes e meia maior que a França, o Brasil é o único país de língua portuguesa no continente latino-americano. Quais são as relações de sua nação com Portugal, em nível socioeconômico.

O Brasil, oitava potência industrial do mundo, não pode deixar-se marginalizar pela Europa, América do Norte e Ásia. Ele tenta obter o apoio de Portugal. Ora, o novo Presidente Itamar Franco nomeou, para o posto de embaixador do Brasil em Portugal, José Aparecido de Oliveira, antigo Ministro da Cultura, ex-governador de Brasília. Foi uma jogada estratégica. Esse embaixador é muito querido em Portugal e o Brasil queria colocar o pé no seio da comunidade européia, por intermédio de sua pátria-mãe. A França mantém suas relações com Magheb e África, em geral; a Espanha faz o mesmo com relação aos

países hispânicos da América Latina... Portugal fez do Brasil, esse imenso país, candidato a uma cadeira permanente no Conselho de Segurança das Nações Unidas. A terceira conferência ibero-espanhola, que aconteceu em 1993, em Salvador da Bahia, na minha diocese, demonstrou claramente que Portugal e Brasil precisam um do outro.

A maior parte das terras cultivadas dos vinte estados federais do Brasil pertence a grandes proprietários de terra. Onde está a reforma agrária?

A reforma agrária está muito atrasada. Nós aguardamos para ver como vai ser posta em prática a nova vontade política do Presidente Itamar Franco. Penso, como João Paulo II: se a reforma agrária se restringir à simples distribuição de terra ela vai fracassar. É preciso, primeiro, formar, social e tecnicamente, os camponeses, sem o que eles revenderão a terra distribuída... ou a deixarão improdutiva. “A forte concentração de propriedade de terras no Brasil... exige uma reforma agrária justa” proclamou João Paulo II com candentes palavras ao estilo do profeta Isaías, em São Luís, no Estado do Maranhão, em outubro de 1991. A metade das terras agrícolas pertence a 2% da população, enquanto apenas 5% das terras são cultivadas.

Os caçadores de ouro e os colonos matam os índios, particularmente no Nordeste. Que ações o senhor desenvolve, junto às autoridades, para acabar com tais execuções?

A Anistia Internacional publicou um relatório pesado, em janeiro de 1993, denunciando as violações dos direitos humanos de que são vítimas as comunidades indígenas no Brasil que representam 2% da população nacional. À medida que sobem as pressões para a exploração dos minerais e da madeira, os índios são, cada vez mais, e cada vez

com mais freqüência, expostos aos ataques armados... Desde o célebre dominicano Seivillau Bartolomé de las Casas – que se tornou bispo de Chiapas, no México, em 1545 – a Igreja Católica tornou-se advogada dos aborígenes maltratados. Las Casas – que havia desembarcado em 1502 em São Domingos com a frota do comandante Nicolas de Ovanda – era filho de um dos primeiros companheiros de Colombo. Ele libertou a evangelização dos entraves da conquista. Profeta do direito dos índios, em quem via o Cristo ultrajado, injuriado, crucificado, Las Casas nos encoraja, ainda hoje, a levantar a voz para que cessem os massacres entre os 180.000 índios brasileiros. A 16 de outubro de 1991, os índios, reunidos em Cuiabá, escutaram o Papa repetir as frases que ele havia pronunciado, quando de sua primeira visita ao Brasil, dizendo ser necessário “garantir aos índios o direito de habitar suas terras, em paz e segurança, sem o medo de serem desalojados”. Os bispos das dioceses envolvidas são corajosos e Dom Aparecido José Dias, presidente do Centro Indígena Missionário, manifesta-se, freqüentemente, em seus nomes. Eu recebi, com uma alegria profunda, a notícia da atribuição do Prêmio Nobel da Paz à jovem guatemalteca Rigoberta Menchu, uma das figuras proeminentes do Conselho Internacional dos Índios. Isso se deu durante a 4.^a Conferência Episcopal Latino-Americana em São Domingos, em outubro de 1992. Filha de uma fervorosa catequista, ela é o símbolo da luta de todos os índios do continente. Quando da 31.^a Assembléia Geral do Episcopado Brasileiro, na primavera de 1933, foi publicado um documento intitulado “Ética, Pessoa e Sociedade”. A Conferência Nacional dos Bispos do Brasil – CNBB – empenhou-se em exprimir sua “solidariedade a tantas pessoas que têm fome e sede de justiça”, desejando que “a sociedade brasileira desperte sua consciência moral e, aí, beba o sentido da responsabilidade e da solidariedade”.

O problema dos meninos de rua, no Brasil, é muitas vezes evocado na Europa. Em média, três menores de 18 anos são, diariamente, assassinados no continente latino-americano, que conta, segundo dizem, com 115 milhões de crianças, das quais 7 milhões são menores abandonados... Quando de minha primeira visita à sua diocese, vi uma dessas crianças que acabava de ser morta por assassinos contratados...

A incompetência dos dirigentes mergulhou o país numa crise sem precedentes. O capitalismo selvagem engendrou uma pobreza cruel. As crianças são as primeiras vítimas dele e a Igreja tenta suprir as carências dos poderes públicos. Os assassinos, patrocinados pelos comerciantes cansados de serem saqueados, matam as crianças. Segundo eles, essas crianças são irrecuperáveis... Os esquadrões da morte gozam, parece incrível, de uma grande impunidade. As famílias têm medo. O que se passa no Brasil pode ser um alerta para todas as grandes cidades modernas. Os alagados, essas favelas sobre pilotis de Salvador – Bahia, são o teatro de tais mortes. Um jesuíta, o Padre Bruno, que queria defender as crianças de Salvador – Bahia, foi espancado até quase à morte. Em julho de 1990, por exemplo, um jovem chamado Jair foi morto em plena noite “para exemplo”... Seu cadáver foi arrastado por todo o bairro pobre, pelos assassinos. O Padre Clodoveo Piazza acolhe as crianças no Escritório de Ajuda Fraterna de Salvador – Bahia. Esse padre reconstitui “famílias artificiais”: mães solteiras se encarregam dos pequenos órfãos e lhes dão um pouco desta afeição de que elas carecem cruelmente. Creio que, como tão bem escreveu um jornalista brasileiro, “o futuro do Brasil passa pelo respeito a suas crianças”. A Anistia Internacional denunciou essas atrocidades de que somos testemunhas no Brasil. Em 1991, o Congresso brasileiro votou o “Estatuto da Criança e do Adolescente”. Ele não é aplicado porque a corrupção é um mal endêmico. Em 1991 uma passeata pública foi organizada, em São Paulo, pelo Movimento dos Meninos de Rua. Muitas associações se mobilizaram, mas o pro-

blema deve ser resolvido na raiz. A crise é, ao mesmo tempo, moral, social e política. A CNBB frisou, no fim de sua 31.^a Assembléia de 1992, a “deformação das consciências que considera como ‘normal’ ou ‘inevitável’ aquilo que é despojado de toda justificação ética”. Os bispos brasileiros dizem: “Há uma ruptura entre o indivíduo que se fecha sobre si mesmo e a via pública com os valores comuns sobre os quais se edifica a sociedade.”

Essas crianças, na maioria das vezes, não têm uma família verdadeira. Algumas pessoas planejam limitar o nascimento de tais crianças. Seria essa a solução?

O Cardeal Lopez-Trujillo, presidente do Conselho Pontifício para a Família, evocou, recentemente, certo relatório Kissinger, que ele qualificou de “complô contra as famílias”, capaz de provocar um novo massacre de inocentes. A união passageira, sem consciência e sem responsabilidade, é o resultado do encontro de dois instintos. O remédio lançado pela “biopolítica” é aquele dos métodos “zootécnicos” de esterilização. Eu prefiro formar as consciências, proteger a vida como a chama de um círio e repetir, por toda a parte, que a vida humana é o encontro de dois amores.

Não se pode confundir, de uma parte, São Paulo e o sul do Brasil — que são tão modernos e dinâmicos como a Europa ocidental — e, de outra, o Nordeste, que lembra mais a África. Ora, o Brasil, que se afronta com esses múltiplos problemas sociais de difícil solução, é presa das seitas que proliferam em todo o território. É verdade que, no ritmo em que os católicos “bandeiam para as seitas”, a Igreja será, muito brevemente, minoritária no Brasil?

Entre as duas viagens de João Paulo II ao Brasil, de 1980 a 1991, quase a metade dos fiéis católicos teriam se bandeado para as seitas pentecostais. Trata-se de católicos que não praticavam mais, por causa

da politização do culto católico em certas paróquias, ou por causa da falta de padres. Haveria sessenta milhões de membros de seitas, “made in USA”, na América Latina. No Brasil, estima-se em vinte milhões o número de adeptos dessas seitas; e em oitenta mil o número de seus templos que proliferam como cogumelos. A falta de padres, de diáconos permanentes, de catequistas e leigos formados, arrastam os batizados para os sessenta mil auto-proclamados “pastores”, que já se manifestaram. Muitos dos que aderiram às seitas, decepcionados pelas promessas tolas, terminaram no indiferentismo, o que reforça o movimento de secularização. A injustiça social é uma das causas da fuga para as seitas, que oferecem sonhos. Em 1991, no Brasil, o Papa falou, longamente, sobre a doutrina social da Igreja que tem valor de instrumento de evangelização (*Centesimus Annus*, n.º 54). Ele utilizou palavras proféticas para denunciar o comportamento de grandes proprietários de terra e o capitalismo selvagem. Aproveitando a miséria das pessoas, as seitas arvoram uma aparência messiânica como se elas pudessem resolver todos os problemas... Na situação atual, um canal de televisão cristão no Brasil pode representar um papel determinante para conter a hemorragia de católicos que se juntam às seitas. Nós decidimos na 31.ª Assembléia Geral do Episcopado Brasileiro, em 1993, criar esse canal de televisão.

Quando de sua segunda viagem apostólica ao Brasil, em 1991, o Papa João Paulo II falou de uma “evangelização falha”. A expressão é forte, muito forte?

As Igrejas-irmãs nos ajudam, há 30 anos: os padres Fidei-Donum são numerosos. O Brasil também envia missionários, sobretudo religiosas, para os países da América Latina, da África, Ásia, Indonésia... Nós temos poucos recursos humanos, mas colocamos em comum,

com as outras Igrejas, o pouco que temos. É a lógica cristã. Pedro não ficou em Jerusalém, ele foi para Roma. Paulo não ficou em Tarso, ele percorreu os caminhos do mundo. A 3.^a Assembléia da Conferência do Episcopado Latino-Americano, em 1979, insistiu muito na necessidade de se dar da própria pobreza... O Brasil precisa de missionários, mas o Brasil é uma nação missionária. Quanto à evangelização falha, de que o Papa falou, trata-se de um apelo a uma segunda evangelização, mais profunda, mais evangélica, menos ligada às estruturas do poder temporal.

Os padres Fidei-Donum, que lhes chegam da França, por exemplo, compreendem bem a Igreja do Brasil? Eles são amados? A primeira vez que ouvi falar do senhor foi através de um desses padres que, aliás, criticava sua nomeação para Salvador – Babia... Depois, no Brasil, reencontrei um deles, originário de Lille, que era vigário no bairro pobre dos alagados, esses bairros inundados onde se amontoam as casas sobre pilotis, em baixo de uma água onde se misturam os esgotos e o mar. Velho padre da Missão da França, o Padre Mathon está no Brasil há bem tempo. Ele tem, na sua escrivaninha, os retratos de Cardjin e de Newman: programa de abertura e de fidelidade...

Pio XII, na encíclica *Fidei Donum* (o dom da Fé), em 1957, convidou as Igrejas européias a praticar a ajuda mútua pastoral e, desde 1962, sobretudo, muitos padres da França vêm para a América Latina. Acontece que esses padres fazem o neocolonialismo espiritual, querendo realizar conosco o que não puderam realizar na própria terra... Houve abusos litúrgicos, disciplinares, devido a uma interpretação tendenciosa do Concílio Vaticano II. Alguns desses “missionários”, vindos da Europa e de outras partes, não ousariam

fazer, em suas terras, o que eles experimentaram no Brasil. Um zelo mal esclarecido os leva a vias sem saída. Por causa deles tivemos muitas dificuldades e surgiram muitos erros. Na volta a seus países de origem, acontece que eles procuram transplantar as experiências vividas no Brasil. Tudo isso é prejudicial. Entretanto, eu não quero ser injusto: a maioria desses padres é humilde e discreta, verdadeiramente servidores do Evangelho, no nosso país. Um terço do clero em Salvador da Bahia é “Fidei-Donum”. Esses padres são ameaçados de serem engolidos pela ternura do povo. Quero render uma homenagem vibrante a esses missionários que testemunham que o amor não tem fronteiras.

João Paulo II disse: “O Brasil precisa de santos”. Por que há tão poucos santos no seu país?

Nossa Igreja é muito nova. Tem apenas 500 anos. É pouco, mesmo que seja mais que a idade das Igrejas da África. Em Florianópolis, a 12 de outubro de 1991, João Paulo II beatificou uma religiosa brasileira, nascida na Itália. Madre Paulina do Coração Agonizante de Jesus sofreu muito, por causa do Evangelho. Foi ao longo da homília dessa beatificação que o Santo Padre declarou: “O Brasil precisa de santos, de muitos santos.” Outro bem-aventurado é o jesuíta José de Anchieta, beatificado por João Paulo II em 1980, quando de sua primeira viagem ao Brasil. Ele também veio da Itália. Enviado ao Brasil por Inácio de Loyola, ele fundou a cidade de São Paulo em 1554... Nós temos muitos santos, ocultos, mas o apelo do Papa nos convida, aos padres em particular, a viver, totalmente, as exigências evangélicas para dar testemunho de Cristo até o martírio, se for preciso.

Aparecida é o maior centro mundial de peregrinações, com seis milhões de peregrinos por ano. As peregrinações, no Brasil, são suscitadas e dirigidas, pastoralmente, como na Europa?

O santuário nasceu em 1717, depois que três pescadores encontraram uma estatueta da Virgem no rio Paraíba. Em 26 de julho de 1745, o Bispo do Rio de Janeiro aprovou o culto à Imaculada Conceição de Aparecida. Em 1894, os Redentoristas, vindos da Baviera, assumiram o santuário e desenvolveram a devoção à “Nossa Senhora Aparecida”. As missões populares, pregadas por esses redentoristas, tiveram uma grande irradiação espiritual na população. A 8 de setembro de 1904, a imagem foi, solenemente, coroada e, nessa ocasião, Nossa Senhora Aparecida foi proclamada rainha do Brasil. O santuário foi elevado à categoria de basílica pela Santa Sé em 1909. Em 16 de julho de 1930, o Papa Pio XI declarou, por decreto, a Virgem Aparecida “padroeira principal do Brasil”. Em 1980, João Paulo II, pessoalmente, consagrou o novo santuário, designando-o como catedral da arquidiocese de Aparecida. Trata-se de um santuário missionário que sabe restituir ao mundo homens profundamente renovados... O continente latino-americano conta, assim, com cerca de 500 lugares para peregrinação, dos quais cerca de 30% da população tira renda. As pessoas muito pobres vão a pé a Aparecida: seis milhões de peregrinos cada ano... Nós não temos meios de organizar peregrinações no estilo “turismo religioso”. Os brasileiros têm problemas econômicos, quase inimagináveis na Europa. A inflação galopante obriga o povo a gastar seu salário sem poder fazer economias. A peregrinação, como é organizada em Lourdes, nos é estranha. A romaria é popular e espontânea. Uma outra peregrinação importante no Brasil é aquela ao túmulo de Padre Cícero...

Por que Padre Cícero é venerado assim?

Padre Cícero, morto há pouco mais de meio século, é considerado santo pela população. Milagres são atribuídos a ele. A Igreja não é nem a favor nem contra. O Padre Cícero tinha 28 anos, em 1872, quando chegou ao lugarejo de Juazeiro, ao norte de Crato, no Nordeste brasileiro. Como o Cura d’Ars, ele desaconselhou as danças, obrigou os homens a parar de beber, convidou as prostitutas a mudar de vida. Tomou sob sua autoridade um grupo de “beatas”, mulheres ricas e pobres, jovens e viúvas. Ele viveu em comunidade, pregando o Evangelho integral contra a maçonaria, o liberalismo e o protestantismo. Seu movimento durou uns cinqüenta anos. Em 1896, o Bispo suspendeu o Padre Cícero de todas as ordens. Ele obedeceu, convencido de ser vítima de perseguição. Seus funerais, em 1934, foram uma apoteose.

As Comunidades Eclesiais de Base, que também querem viver o “Evangelho integral”, são expressão posterior do movimento de Juazeiro?

Não; o messianismo do Padre Cícero era, antes de tudo, místico.

Um encontro intereclesial das Comunidades de Base desenrolou-se, em 1992, na diocese de Santa Maria. Leonardo Boff estava lá, reclamando um Concílio Vaticano III para a Igreja. O que o senhor diz?

Eu não estava lá e isso não me interessa. No dia 28 de junho de 1992, Boff deixou o ministério sacerdotal, tirando, ele mesmo, as conclusões de seus exageros. Contudo, um dia ele tinha declarado, publicamente: “Eu prefiro caminhar com a Igreja a avançar sozinho com a minha teologia...”. “A quem tu obedeces, a Cristo ou à Igreja?” per-

guntavam os juízes a Joana d'Arc. “Ao Cristo e à Igreja; mas minha opinião é de que são uma coisa só”, respondeu ela inspirada pelo Espírito Santo. Jesus Cristo bem disse aos apóstolos: “Quem vos rejeita, a mim me rejeita” (Mt 10, 40). A confissão de fé de Pedro “Tu és o Cristo, o Filho de Deus vivo” (Mt 16, 15-16) funda a Igreja. Não se pode jogar um contra o outro: o Cristo e a Igreja são uma só coisa...

Essas Comunidades Eclesiais de Base consideram que são a melhor defesa contra as seitas...

A teologia da libertação que se baseava na análise marxista não tem nada a dizer ao mundo. Ela se apóia numa prancha podre. A outra teologia da libertação pode seguir sua busca de maneira oportuna, analisando as questões de justiça social à luz do Evangelho de Jesus Cristo. O Cristo, e somente Ele, vem nos trazer a libertação. As ideologias modernas todas mostram seus limites, até mesmo seu caráter anti-social e desumano.

A Conferência Nacional dos Bispos do Brasil não tentou fazer uma leitura de cunho marxista?

“Eu tenho a impressão de sentir nessas palavras o fervor da cristandade primitiva”, disse o Santo Padre a propósito de um documento da CNBB, datado de 1991, intitulado “Evangelizar com um novo ardor”. O episcopado brasileiro é muito mais unido hoje que há uma dezena de anos. Ele não tem facções. Nossa solidariedade fraterna é grande. Nós nos reunimos uma vez por ano, praticando a partilha das despesas de viagem. A Conferência se realiza a 300 km de São Paulo. O Arcebispo de São Paulo paga a mesma quantia que o Bispo vindo do Amazonas, que fica a 2.500 km de distância... Nosso país tem 247 dioceses e a Conferência Episcopal é constituída de mais de 300

bispos. Esses reencontros anuais, que se dão geralmente na primavera, tecem nossa comunhão. Nós compreendemos que a missão da Igreja é, fundamentalmente, religiosa, mas que ela deve, ao mesmo tempo, defender a dignidade do homem. Os bispos procuram, cada vez mais, ser fiéis a essas duas dimensões da missão... No Brasil, estamos situados numa encruzilhada das civilizações e temos a oportunidade de realizar uma simbiose dos povos, profetizando a unidade do mundo. O episcopado deve ser o primeiro a dar testemunho dessa unidade. Não se deve confundir o Conselho Permanente da CNBB com os 300 bispos... Quero dizer que pode acontecer de o Conselho Permanente expressar opiniões que não refletem, forçosamente, os bispos tomados um por um... Nós devíamos nos indagar por que, após haver pregado a opção preferencial pelos pobres, durante tantos anos, os pobres se tornam cada vez mais pobres. A CNBB, por certo, jamais optou pela análise marxista e o Conselho Permanente tem lembrado, sem cessar, o amor preferencial da Igreja pelos pobres. É preciso, agora, refletir e indagar por que nossos esforços não foram seguidos de resultados. De minha parte, estou convencido de que nós não exploramos, ainda suficientemente, as proposições da doutrina social da Igreja. Essa doutrina, bem compreendida e bem aplicada, conforme a encíclica *Centesimus annus*, dá respostas às questões maiores em matéria de justiça social, de problemas econômicos, etc. “A doutrina social tem, por si mesma, o valor de um instrumento de evangelização. Ela revela o homem a ele próprio”, diz João Paulo II na citada encíclica (n.º 54).

Como tornar conhecida essa doutrina, concretamente?

Nós, pastores, devemos nos esforçar para criar espaços de ensino da doutrina social da Igreja nas nossas dioceses. É preciso fazer com que os legisladores, juízes, militares, políticos, economistas e sociólogos se in-

teressem por ela... Se, em vez de falar dos pobres, nós instruíssemos, com essa doutrina, aqueles que têm o poder de decisão, a responsabilidade da gestão dos bens deste mundo, a injustiça poderia ser reprimida. É preciso conseguir mudar a mentalidade daqueles que governam. É o que fizeram os primeiros cristãos, que se dedicaram a levar, a todo o império romano, aquilo que tinham recebido dos apóstolos, a fé católica, apanágio de justiça e de paz, de amor e de verdade. Na Igreja há uma tendência, às vezes, de rejeitar aqueles que são considerados muito “ricos” intelectualmente, materialmente, e que têm o poder de decisão. Eles precisam ser acolhidos e ouvir falar da doutrina social da Igreja, porque o futuro do planeta depende, em boa parte, de sua conversão.

Essa era a grande idéia de Dom Leme. Essa figura de pastor é atual para o senhor?

Dom Leme tinha 28 anos quando foi sagrado bispo. Aos 32 já era Arcebispo de Olinda e Recife. Ele publicou uma carta pastoral, em 1916, que vale ainda hoje. Depois foi Cardeal Arcebispo do Rio de Janeiro. Os bispos do Brasil tinham total confiança nele. Ele tinha constatado a pouca influência da Igreja na vida da nação e queria remediar isso. Sob seu impulso, os católicos do Brasil entraram na vida pública. Dom Leme não queria o exercício do poder, mas defendia os direitos da Igreja. Ele conseguiu o direito de voto para os clérigos, melhorou a situação jurídica das Congregações, deu ao casamento religioso o valor do casamento civil. O divórcio foi proibido e a Igreja foi autorizada a dar catecismo nas escolas públicas. Os movimentos religiosos populares animaram Dom Leme e, nos anos 30, após 40 anos de separação do Estado, a Igreja voltou à cena, apoiando-se sobre a Ação Católica brasileira, fundada em 1935, no modelo italiano. A Igreja dizia com orgulho: “Ser brasileiro é ser católico”.

O senhor procura imitar Dom Leme?

Admiro-o muito, invoco-o e procuro imitá-lo. Ele morreu jovem, aos 60 anos, mas tinha atrás de si mais de 30 anos de episcopado. Não se calcula a economia do tempo. O essencial é ser fiel aos objetivos que nos propomos para alcançá-los com a graça de Deus.

Um bispo do Brasil, Hélder Câmara, foi, até o final dos anos 80, um símbolo da Igreja do Terceiro Mundo. Quais eram suas relações com ele? O que o senhor pensa do sucessor dele no Recife?

Como Secretário da Conferência dos Bispos do Brasil, durante doze anos, Dom Hélder estreitou relações de confiança com os presidentes Kubitschek, Quadros e Goulart. Ele era favorável à idéia segundo a qual os poderes espiritual e temporal – outrora se dizia as duas espadas – são complementares ou co-responsáveis no governo da terra. O problema que se apresentou aos bispos é que os militantes do MEB – Movimento de Educação de Base, fundado por Dom Eugênio Sales, em 1954, e financiado pelo governo após 1961, quiseram que a revolução fosse condição prévia da evangelização. Dom Hélder teve que administrar essa crise e dar prova de paciência, de misericórdia pastoral. Uma coisa é certa: é que a teologia da libertação que se baseia na análise marxista da sociedade é inaceitável. Os defensores dessa teologia estão atrasados com relação ao trem da história. Contudo, é uma teologia da libertação que é necessária, como explicou João Paulo II aos bispos brasileiros. Ela consiste – eu repito – em interpretar os acontecimentos vividos no Brasil à luz da revelação e da doutrina social da Igreja.

Dom Sobrinho, em Recife, é objeto de numerosas críticas na Europa. Dizem que ele é “retrógrado em relação às audácias de outrora”.

Fala-se que se trata de bispos “notários”, substituindo bispos “profetas”...

Trata-se de uma leitura tendenciosa do que a Igreja vive no Brasil. Dom Sobrinho é um homem crucificado, é um carmelita que vive com intensidade seu ministério episcopal. Mas ele enfrenta muitas dificuldades. Ele é o único juiz de seu modo de proceder. Antes de tudo, indagemo-nos quem tem interesse em dividir a Igreja católica no Brasil, quem tem medo dela e por quê?... Quando a Igreja é fiel à sua doutrina social, ela impede os donos do dinheiro de enganar o povo e servir-se dele, indefinidamente. Esses poderosos querem politizar a Igreja, arrastá-la para os caminhos da violência, para melhor acusá-la e destruí-la. Estejamos vigilantes.

A 4.ª Conferência geral do Episcopado Latino-Americano, em outubro de 1992 em São Domingos, acentuou a profissão de fé em Jesus Cristo... Foi uma retomada por causa de Medellín e de Puebla?

Os três temas dessa Conferência, a nova evangelização, a promoção humana e a cultura, foram contemplados à luz da fé em Jesus Cristo. Como no Rio, em Medellín e em Puebla, os bispos situaram-se como homens de fé e não como políticos. Em São Domingos nós reafirmamos, de modo original, forte e muito explícito, essa profissão de fé, que se constituiu no coração dessa assembléia geral do CELAM.

Essa 4.ª Conferência geral do Episcopado Latino-Americano coincidiu com o V Centenário da evangelização da América Latina. Muitas vozes se levantaram contra esse aniversário...

Nós não celebramos a colonização, mas a evangelização como obra de Deus... Nós celebramos a luz do Cristo. Não é possível julgar os primeiros missionários com os critérios atuais. Lembremo-nos de

todos aqueles que – como Las Casas, por exemplo – foram perseguidos, porque denunciaram os horrores da escravidão e da opressão aos índios. Rendemos graças pelo Evangelho que nos foi anunciado pelos missionários católicos, vindos da península ibérica. Não era preciso se deter numa leitura ideologizada desse V Centenário. Não tenhamos uma consciência malvada! Coloquemos nossas forças a serviço da nova evangelização, sonhada por João Paulo II, e da qual ele falou, pela primeira vez, em março de 1983, no Haiti, bem perto de São Domingos, na mesma ilha... Foi lá que ele iniciou uma novena de anos, conducentes ao quinto centenário da evangelização do continente americano, em 1992.

João Paulo II é um novo Cristóvão Colombo?

João Paulo II, peregrino da fé, prepara os caminhos do futuro, apontando os lumes da atualidade para a América Latina, onde a metade dos católicos do mundo estará vivendo em 2000. O terceiro milênio se descortina diante de nossos olhos e João Paulo II quer fazer ressaltar as fontes cristãs da América Latina. Ele lembra às nossas nações que elas foram fundadas, embasadas nos valores morais do catolicismo. A 3.^a Conferência do Episcopado Latino-americano, em Puebla, teve a audácia de falar do substrato católico de nossas nações e o Papa referiu-se a isso em outubro de 1992, quinhentos anos após a descoberta da América por Colombo. Foi na ilha batizada La Española – hoje República Dominicana e Haiti – que foi celebrada a primeira Missa e que se recitou, pela primeira vez, a Ave Maria em honra de Nossa Senhora. Cristóvão Colombo não é, apenas, um aventureiro dos mares. Sua figura excepcional aparece muito bem no drama de Claudel, levado ao palco de modo extraordinário por Jean-Louis Barrault e Madeleine Renaud. Homem de fé, Cristóvão Colombo é um

exemplo de vida cristã e eu desejo sua canonização. O Papa, novo Cristóvão Colombo? A expressão é muito jornalística, mas não quer dizer muita coisa. Sejam claros. João Paulo II não é um “deus autômato”, um feiticeiro do céu. Se na América Latina nós escutamos sua palavra e seus conselhos de pai, e se uma mudança acontece nas consciências, então o Reino de Deus avançará. A Igreja do Brasil e da América Latina não deve perder de vista sua missão sobrenatural. João Paulo II, o velho apóstolo, veio nos falar, repetidas vezes, dos sacramentos, da santidade do casamento e da família, da contemplação, da vida religiosa, da formação dos padres e seminaristas, do mistério da caridade e do “amor preferencial pelos pobres”, expressão utilizada pela Congregação para a Doutrina da Fé, da qual eu sou membro.

O que conservar da Conferência de São Domingos, onde estavam representadas todas as 675 dioceses da América Latina?

A exortação de Paulo VI *Evangelii Nuntiandi* resume o que nós julgamos essencial a propósito da evangelização. “Se o nome, o ensinamento, a vida, as promessas, o Reino, o mistério de Jesus de Nazaré, Filho de Deus, não são anunciados, não há evangelização verdadeira” (n.º 22). Nós quisemos definir, para os próximos anos, uma nova estratégia evangelizadora, um projeto global de evangelização que leva em consideração as novas situações dos povos latino-americanos e que constitui uma resposta aos desafios do presente, dentre os quais figuram, em primeiro plano, a secularização crescente, o grave problema do avanço das seitas e a defesa da vida num continente em que uma cultura de morte faz sentir sua presença destruidora. É preciso estar atento àqueles que consideram os documentos do Magistério como a expressão de uma teologia particular, dando lugar a uma espécie de magistério paralelo dos teólogos que se opõem ao Magistério autêntico.

A pressão de Roma e dos “neoconservadores” foi denunciada pela imprensa durante a Conferência de São Domingos... Os brasileiros Casaldaliga e Boff e o peruano Gutiérrez apoiaram essas contestações...

Eu mesmo estive em Medellín e Puebla. São Domingos situa-se ao lado direito desses encontros. Certos grupos da Igreja, voltados para a politização da fé, tentaram pressionar a Assembléia. Portanto, eles são responsáveis por uma liturgia sem vida, tornada muito intelectual, que afasta os fiéis. Para reconquistar ao amor de Deus os católicos, que se evadiram para as seitas, é preciso apelar para a imaginação, os sentimentos, e respeitar a piedade popular que, de certa maneira, “evangeliza” a Igreja... Eu abençôo, por exemplo, a renovação carismática, pois graças a esse movimento, que se desenvolve há dez anos, grande número de paróquias foram reanimadas. É preciso ir avante agora e, apesar dos ataques desses grupos politizados, a Assembléia de São Domingos terminou numa atmosfera de paz e serenidade.

Foi o senhor quem redigiu o documento final de São Domingos?

Eu fui responsável pela equipe que redigiu o texto. Três bispos trabalharam comigo. As quatro chaves dessa mensagem são a reconciliação, a solidariedade, a integração e a comunhão. Em Medellín, em 1968, a palavra-chave era “libertação”. Em Puebla, em 1979, eram as palavras “comunhão e participação”. Eu acho que, em São Domingos, como que sintetizamos resumindo as grandes intuições das conferências precedentes. “Reconciliação”, porque, apesar da unidade de língua – exceção feita do Brasil onde se fala português – os conflitos persistem. A guerra entre o Chile e Argentina não está tão distante. Há também os problemas de fronteiras: Salvador e Honduras. É preciso pregar a reconciliação como base da comunhão, deixando de lado polêmicas estéreis.

E as outras orientações de São Domingos...

A Igreja lembra a necessidade de uma grande solidariedade, quando o planeta se torna uma aldeia. Simon Bolívar queria que a América Latina fosse uma só grande pátria. Os países da América Latina devem começar por serem solidários entre si. O Papa nos propôs, no seu discurso em São Domingos, um sínodo pan-americano, aberto à Igreja da América do Norte. É importante construir essa integração. A integração de nossos países, uns com os outros, uma vez abatidas as barreiras do isolamento, as discriminações e os desinteresses recíprocos, é um “fator que pode, notavelmente, contribuir para vencer os problemas angustiantes que, hoje em dia, afetam este continente”, como disse João Paulo II durante seu muito belo discurso inaugural dessa 4.^a Conferência Geral. Enfim, nós suplicamos a Nossa Senhora, estrela da nova evangelização, que enchesse nossos corações de ardor para proclamar, com novos métodos e novas expressões, que Jesus Cristo é o mesmo ontem, hoje e sempre (He 13, 8).

Presidente da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil

Como se deu sua eleição para Presidente da Conferência dos Bispos do Brasil, em maio de 1995?

Eu não aspirava ser eleito. Após três escrutínios, fui tomado de surpresa: para não decepcionar as expectativas dos bispos, expressas de modo insistente, foi necessário aceitar a escolha.

Qual era seu objetivo para esse mandato?

Eu tenho plena consciência de que a maioria dos bispos que me levaram à presidência quer uma melhoria nas relações com o sucessor de Pedro. Por formação, pela minha história pessoal e por convicção, sou muito ligado ao Santo Padre. Agirei de sorte que a unidade entre nossa Igreja local e a de Roma seja forte. É necessário, entretanto, evitar todo sentimento revanchista. Apraz-me trabalhar em favor de uma continuidade sobre o essencial.

O peso de seu novo encargo não o incomoda?

O Brasil, dezessete vezes maior que a França, é o país do mundo em que a Igreja católica conta com o maior número de batizados. Eu não tenho medo desse encargo, a que não aspirava, de presidente da CNBB. Depois de vinte anos de episcopado, treze dos quais em Roma, tenho uma experiência pastoral, a um só tempo particular e universal, que é um trunfo. As “diretrizes para a ação evangelizadora”, publicadas pela nossa Conferência episcopal, constituem uma verdadeira carta de princípios, sobre a qual me apóio. O recente texto de João Paulo II *Na Aurora do Terceiro Milênio* e a encíclica sobre a vida vão me servir de referência para os anos vindouros.

E a teologia da libertação?

Uma parte da teologia da libertação baseava-se na análise marxista. Essa caducou. Outra teologia da libertação pode continuar sua pesquisa de forma oportuna, analisando as questões da justiça social à luz do Evangelho. O Cristo, e somente Ele, nos traz a libertação. Todas as ideologias modernas mostraram seus limites, basta ver seu caráter anti-social e inumano.

No Brasil, muitos católicos seguem as seitas. O que o senhor fará para estancar essa hemorragia?

O problema das seitas não constitui minha primeira preocupação. A questão verdadeira é aquela da falta de pastores em nossas comunidades. Os católicos, que não praticam mais sua fé, são presa fácil de múltiplos interesses. É necessário chegar até esses milhões de batizados que sofrem com a confusão doutrinal que os envolve, seja através de padres e ministros leigos, seja através da televisão, do rádio e dos jornais. A carência religiosa que eles têm é grande. As seitas praticam o

espírito de acolhida e colocam em xeque o comportamento eclesial, às vezes muito burocratizante. A Igreja não é nem um partido nem um sindicato. Reaprendamos a viver em comunidade fraterna, reunidos em Cristo, e tudo andar­á melhor.

É possível conciliar fidelidade ao magistério romano e simplicidade evangélica?

Esse equilíbrio me é espontâneo. Não consulto jamais o manual de minha formação e sinto-me plenamente livre. Gosto muito de reencontrar e escutar as pessoas. Eu lhes digo, simplesmente, que os ensinamentos do sucessor de Pedro são uma fonte que dessedenta e reaviva, hoje, o espírito do Evangelho, feito de exigência e de alegria.

Como julga o senhor a situação da Igreja na Europa?

As raízes que a Europa possui faltam para nossas comunidades, cuja história remonta a apenas quinhentos anos. Pobres de meios, nós temos, no entanto, o frescor e a juventude. E é necessário que, entre Igrejas, se favoreçam tais relações. Nossa religiosidade cordial, levada adiante através dos valores do coração e do corpo, pode ajudar o catolicismo europeu a se desvenilhar de certo academicismo racionalista para reencontrar, por exemplo, o sentido do sofrimento. Os missionários europeus dizem que o que aprendem conosco é mais que aquilo que ensinam.

Qual é sua reação diante dos rumores que o apresentam como eventual sucessor de João Paulo II?

Eu trabalho com o papa atual em favor da nova evangelização. Ele tem como ponto de partida a certeza de que existe em Cristo uma riqueza insondável que cultura alguma, que época alguma podem es-

gotar, e à qual podemos sempre recorrer para nos enriquecermos. Tal riqueza é, antes de tudo, o próprio Cristo em pessoa. Creio que a função da Igreja é, fundamentalmente, religiosa, mas que ela deve, ao mesmo tempo, defender a dignidade do homem. Os bispos procuram, cada vez mais, ser fiéis a essas duas dimensões da missão. Meu desejo não é aquele de agradar aos homens ou de granjear-lhes a estima. É aquele de ser fiel a Jesus Cristo, que é a medida de toda ação humana. O futuro da Igreja pertence a Deus e se escreve no céu.

A sua aparência mestiça testemunha o enraizamento do cristianismo nas diferentes culturas. Eu diria que, através de sua história e do esplendor de sua pessoa, vê-se como os valores culturais autênticos podem ser, intimamente, transformados, graças à integração no cristianismo (Redemptoris Missio, n.º 52). Uma revista popular na França, de tiragem muito grande, apresentava-o, no outono de 1993, à frente dos possíveis sucessores de João Paulo II. “Este brasileiro – comentava a revista – arcebispo de Salvador – Bahia, é um dos homens de valor mais considerados do Terceiro Mundo. Antigo Secretário da Congregação para os Bispos, ele deixou a Cúria – fato bastante raro, aliás – quando foi promovido a Primaz do Brasil, a 9 de julho de 1987. Ser nomeado ‘Primaz’ é honorificância. Sinal do atual Papa para ajudar na escolha de seu sucessor? Nada confirma isso. Mas, ele faz parte dos ‘possíveis’... Desconhecido até hoje, ao menos do grande público, como era certo Cardeal Wojtyla, antes de 1978.” O que o senhor pensa destas palavras e daquelas do Cardeal Silvestrini que “profetizava”, recentemente, numa entrevista, a eleição de um papa latino-americano? Houve, na história, no século XVI, um célebre frei dominicano, que se fez papa após ser notado por Paulo IV. Michel Ghislieri, Pio V, instaurou a festa de Nossa Senhora das Vitórias depois da vitória de Lepanto... Foi Pio V quem fez aplicar as reformas litúrgicas do Concílio de Trento...

“Eu vigio desde a aurora”, tal é minha divisa episcopal, que inspira o título que o senhor escolheu para este pequeno livro. Eu vigio na prece e na adoração. Eu vigio para guiar o rebanho, mantendo-me perto dos mais pequenos. Eu vigio para que a doutrina não seja desvirtuada, para repreender, com amor e respeito às pessoas, aqueles que estão no erro. Quanto ao futuro, ele pertence a Deus. Eu já lhe disse: o futuro da Igreja escreve-se no céu! João Paulo II é, ainda, um Papa jovem e nós temos rezado para que ele sirva à Igreja por um longo tempo. Seu pontificado solar faz a Igreja entrar, de pé firme, no terceiro milênio, no entusiasmo da nova evangelização. Essa evangelização tem como ponto de partida a certeza de que existe no Cristo uma “insondável riqueza” (Ef 3, 8), que nenhuma cultura, em nenhuma época, pode esgotar e à qual podemos sempre recorrer para nos enriquecer. “Essa riqueza é, antes de tudo, o próprio Cristo, sua pessoa, porque Ele é a nossa salvação”, afirmou João Paulo II em São Domingos. Eu sou um velho cardeal. Meu desejo mais caro não é “agradar aos homens”, ou “ganhar seu favor” (cf. Gl I, 10); é ser fiel a Jesus Cristo, que é a medida de toda ação humana... Não esqueçamos a história bíblica da burra de Balaão que conduz o profeta lá onde ele não quer ir. “Procuramos, primeiro, o Reino de Deus” (Mt 6, 33).

Segundo as profecias de São Malaquias, a divisa do próximo Papa – que deve ser o último, segundo as mesmas profecias – será: “De gloria olivæ”, a glória da oliveira...

Eu não dou importância a isso. Essas profecias não existem. A divisa de Pio XII, “Pastor angelicus”, era regularmente citada na imprensa. A de João Paulo II, “De labore solis”, não é citada, freqüentemente. De toda maneira, há sempre um meio de estabelecer alguma relação entre a divisa proposta por Malaquias e o Papa que acaba de ser eleito. Isso não prova nada. O próximo pontificado será o último? Acho es-

sas alegações ridículas. Entretanto, é possível que, no futuro, com respeito ao pontificado supremo, ocorram mudanças de estilo, até mesmo de domicílio. Mas não é necessário ser profeta para vislumbrar tais possibilidades.

O senhor, particularmente pelas suas funções nas diversas Congregações romanas, é um servidor da Igreja universal. Por conseguinte, sua palavra abrange, de certa forma, a Igreja inteira. O senhor pensa que estamos no final dos tempos ou no início da era cristã, de uma nova era que verá o mundo unido?

Sim, creio que estamos no início do cristianismo. Vinte séculos não são grande coisa, já que “mil anos são como um dia”, segundo a Escritura... Devemos nos comportar como os primeiros cristãos, cheios de alegria evangélica. Partilho dessa grande visão de esperança que João Paulo II tão bem manifesta na *Redemptoris Missio*, a encíclica farol de seu pontificado.

O senhor foi vítima, nos Estados Unidos, de informações preocupantes relativas à sua saúde. Tais informações se colocam na rota de uma “guerra de sucessão”?

Em maio de 1996, viajava de avião para Nova York, onde ia pregar um retiro. Pedi aos comissários de bordo que me arranjassem um remédio, de que fazia uso constante, e que tinha esquecido de levar. Eu estava muito bem. O pessoal de bordo, incomodado por não ter o remédio que eu desejava, tomou a iniciativa de avisar o aeroporto. Por razões de ordem climática, nosso avião – bem como outros naquele 3 de maio, teve que dirigir-se para Washington, onde aterrissamos. A imprensa americana modificou esses fatos, anunciando que eu havia sido vítima de um coma diabético e que meu avião tinha devido pou-

sar, de urgência, para que eu fosse hospitalizado. E eu estava, no entanto, em perfeita forma. Essas falsas informações provocaram emoção até em Roma. O próprio Papa enviou-me um fax em testemunho de sua amizade. A quem serve esta campanha de desinformação? Por que os jornais quiseram me matar? O clima da mídia é malsão e muitos homens da Igreja são vítimas dele. O Santo Padre sabe dessas coisas. E, durante sua viagem à França em 1996, ele mostrou quanto um forte carisma pode fazer calar os falsos profetas. Eu creio no triunfo da autenticidade, na força irresistível da verdade, no brilho do Evangelho vivido de forma transparente. Juntamente com os outros membros do colégio cardinalício, nós nos apresentamos confiantes, ao lado de nosso grande Papa que, ademais, se recupera, tranqüilamente, de sua operação. Espero acolhê-lo no Rio de Janeiro, em outubro de 1997, quando as forças vivas da Igreja no Brasil se consagram, vivamente, à preparação do Jubileu do ano 2000.

*O problema da escolha de um novo Papa vai se colocar, cedo ou tarde.
Como o senhor vê o conclave?*

Quem os cardeais vão eleger Papa? O Espírito Santo está atento e Ele não age de acordo com as evidências. É necessário entrar em conclave numa perspectiva de escolha iluminada por uma boa teologia da história. Mais uma vez ainda, provavelmente, será dado um sinal de contradição, desconsertando todos os cálculos humanos. Recordemos, por exemplo, a surpreendente eleição do “velho” Cardeal Roncalli, ou aquela do “jovem” Cardeal Wojtyla. De qualquer modo, pessoalmente creio – como dizia o Cardeal Wyszynski – que João Paulo II é quem fará a Igreja entrar no terceiro milênio. Perfilamos na sua escola feita de coragem e de audácia. Ousaria dizer mesmo que, pelos seus sofrimentos e pelo seu testemunho, ele é o primeiro pontífice-mártir vivo!



Missa solene na Comemoração do Jubileu Áureo Sacerdotal (09.07.2000).



Dom Lucas entre Dom Serafim (MG) e Dom Eugenio (RJ), bispos e padres de dioceses do Brasil, no adro da Basílica N.ª S.ª do Pilar, em São João del Rei.

Prefeito da Congregação dos Bispos, Servidor da Igreja Universal

*Que avaliação faz o senhor de seus onze anos como bispo de Salvador
– Bahia?*

Eu era Secretário da Congregação dos Bispos, em Roma, quando o Santo Padre pediu-me – em julho de 1987, para suceder ao Cardeal Avelar Brandão Vilela à frente da Arquidiocese de Salvador – Bahia, historicamente a primeira diocese do Brasil. Essa missão pastoral me ocorria após anos de serviços prestados na cúria romana. Desde minha chegada a Salvador dei-me conta de vários desafios. Antes de qualquer outro, aquele das vocações. Faltam-nos padres. Corri, então, o risco de abrir um novo seminário. E os frutos de tal iniciativa não tardaram a aparecer.

Outro desafio: a catequese. Era necessário nutrir o desejo de formação cristã no seio de uma população confrontada com as derivações sincréticas e a sedução das seitas. Terceiro desafio, o sincretismo. Para responder a isso, tomei posições muito claras de respeito aos cultos afro-brasileiros, mas sem confundir-los com a liturgia católica. Com efeito, embora interditados por muito tempo, os crentes vindos

da África negra continuavam a praticá-los, clandestinamente, sob as aparências litúrgicas católicas. Uma vez reencontrada a liberdade, essa “fusão espiritual” pode ser, finalmente, evitada. Sendo eu mesmo um descendente africano, por parte de mãe, consegui manter bom relacionamento de diálogo com os chefes desses cultos, pregando abertamente Jesus Cristo, o filho de Maria, único Salvador, que não pode ser confundido com uma entidade animista, um orixá. Creio que o povo me entendeu, ainda que certas facções, ideologicamente manipuladas, tenham se mostrado descontentes.

No plano social, procurei sustentar a instituição familiar, muito frágil em meu país. Com a soma de dinheiro doado por João Paulo II, por ocasião de sua viagem a Salvador, em 1991, pudemos construir um centro para menores, instalado, estrategicamente, na periferia da cidade. Nessa região, jovens meninas, vindas do interior do Estado da Bahia, são, com frequência, tomadas pelas mãos e exploradas por todo tipo de traficantes.

Quando o senhor foi nomeado Arcebispo de Salvador – Bahia, foi apresentado ora como um conservador enviado para “pôr as coisas no devido lugar” na Igreja do Brasil, ora como “o olho de Roma”. Sua popularidade cresceu progressivamente e o senhor acabou sendo eleito presidente da mais numerosa conferência episcopal do mundo. Como o senhor explica essa reviravolta?

Minha convicção era de que a imagem feita de mim, por certas pessoas, não correspondia à realidade. Mantive a cabeça fria, buscando, unicamente, ser um pastor devotado e atento à minha diocese, sempre perto dos mais pobres. Meus irmãos bispos elegeram-me presidente da Conferência episcopal, a CNBB, em 1995. Creio ter contribuído para aumentar a unidade dentro desse episcopado, unidade um dia confrontada com grandes dificuldades internas, aliás exageradamente

colocadas em relevo no exterior. A presidência da CNBB, a comissão episcopal e pastoral, a comissão permanente e a assembléia trabalharam em harmonia e num clima de grande fraternidade. A palavra-chave de meu mandato foi: unidade.

O senhor está feliz com este retorno a Roma?

Eu estava feliz em Salvador – Bahia e pensava viver lá até aos 75 anos, idade de aposentadoria para um bispo. Sem dúvida minha alegria é grande em reencontrar o ambiente da Cidade Eterna, as pessoas que conheço da Cúria e, sobretudo, a proximidade do Santo Padre, o trabalho direto com ele, a serviço de seu ministério de sucessor de Pedro. É muito raro que um velho secretário de Congregação volte para essa mesma congregação como Prefeito. O fato de ter sido arcebispo de uma diocese de três milhões de habitantes, presidente da Conferência episcopal mais numerosa do mundo, irá me ajudar muito a compreender os bispos de todo o planeta, vendo neles mais as pessoas que seus dossiês. Além do mais, conheço muitos deles, desde o tempo em que era secretário dessa Congregação.

Ainda há pouco tempo, em comparação com a longa história da Igreja, o próprio Papa presidia a Congregação dos Bispos...

Sim, o Papa presidia essa Congregação assim como aquela da Doutrina da Fé. Os cardeais que presidem atualmente essas duas Congregações têm o privilégio de ver o Santo Padre, face a face, ao menos uma vez por semana, numa absoluta relação de confiança.

Como vai João Paulo II, quase octogenário?

Eu o vejo muito presente em todas as questões. Quando eu lhe levo os dossiês de nomeações, preparados graças às informações das nun-

ciaturas, das Conferências episcopais e dos próprios bispos, o Papa decide pessoalmente. É ele quem escolhe, sempre depois de ter rezado longamente. Ele vai nos surpreender ainda por muito tempo.

Que estilo de bispo gostaria o senhor de fazer emergir no alvorecer do terceiro milênio?

Na perspectiva do sínodo ordinário, que será dedicado, no ano 2000, à missão do bispo, já estamos recebendo, em Roma, numerosas contribuições e reflexões pastorais sobre o assunto. Isso me ajuda verdadeiramente. Eu creio que o futuro bispo deverá ser capaz de apontar rumos em todos os domínios da vida, a partir de uma escuta pessoal de Deus. Ele deverá ter, cada vez mais, um coração compassivo, a par de uma compreensão lúcida dos problemas do mundo, à luz do magistério da Igreja. Testemunho da infinita ternura de Deus, ele será firme na fé, sólido nas questões da doutrina.

O episcopado francês ficou fragilizado com a morte de vários bispos ainda em plena atividade. Muitos dos bispos na França estão cansados, até mesmo esgotados, diante da missão que lhes é confiada. Como pensa o senhor ajudá-los?

Os bispos vivem esse tipo de dificuldade em todo o mundo. Não se trata de um problema francês. Eu, no entanto, estou disposto a escutar cada um, como um amigo. Juntos poderemos encontrar soluções... A Igreja não é uma administradora, é uma família!

Se o senhor caísse doente, qual seria o seu “testamento”?

Após minha morte, eu gostaria de ser útil aos jovens, espiritualmente, a todos os jovens. No céu, gostaria de trabalhar na evangelização dos jovens, apoiando os pais que se encontrem aflitos... E se eu

viver até 75 anos, após meu afastamento, desejo viver a vida conventual numa comunidade dominicana e continuar prestando serviço no campo da direção espiritual e da pregação.

Onde o senhor quer ser enterrado?

Não importa onde, por que não no dia de uma festa da Virgem Maria, ela cujo olhar é o que melhor reflete aquele de Deus? Gostaria de ser semente de vocações na Igreja; o lugar, porém, do “campo da semente” importa pouco.

Ao chegar “ao céu”, quem o senhor sonha ver, por primeiro?

Meus pais.



*“Por amor de Sião não me calarei,
por amor de Jerusalém não descansarei,
até que a sua justiça raie como um clarão
e a sua salvação arda como uma tocha.”*

(Is 62, 1)



Carta ao Presidente da Academia Brasileira de Letras

8 de janeiro de 1996

Ilustríssimo Senhor

Professor Antônio Houaiss

DD. Presidente da Academia Brasileira de Letras

Av. Epitácio Pessoa, 4560 – apto. 1302 – Lagoa

22471-001 – RIO DE JANEIRO – RJ

Estimado Senhor Presidente:

À margem do recente e lamentado passamento do insigne Professor Abgar Renault, estou recebendo simpáticas e generosas manifestações vindas de pessoas de dentro e de fora desta nobre Academia, da qual ele foi, por muitos anos, um dos mais egrégios membros. Sugere-me essas pessoas inscrever-me como candidato à Cadeira até há pouco ocupada pelo grande escritor e poeta, notável cultor da língua

Dom Lucas Moreira Neves na tribuna do Salão Nobre da ABL,
em 18.07.1996.

luso-brasileira, grande humanista e educador, grande brasileiro e servidor do seu País – meu ilustre coestaduanu.

Ainda que ditada exclusivamente pela amizade e benevolência de alguns, a lembrança do meu nome me honra e desvanece, seja pelo respeito e admiração para com essa Instituição, em mim inculcidos pelos meus mestres nas aulas de literatura brasileira no velho Seminário de Mariana, seja pelo alto apreço e consideração que me merecem os ocupantes desta Casa.

Estes sentimentos explicam, por outra parte, minha perplexidade inicial diante da sugestão dos amigos. Totalmente entregue às solitudes e fadigas de um intenso pastoreio, jamais colocara entre as minhas aspirações pertencer ao mais prestigioso espaço da cultura das letras em nosso País. De outro lado, não seria descabida presunção o simples ato de pleitear um lugar na Academia?

Já que o recesso do verão adia para bem mais tarde a abertura oficial da vaga e o tempo hábil para as inscrições de candidatos, pretendo, neste período, refletir sobre o significado que uma eventual apresentação do meu nome possa ter, quer para a própria Academia, quer para alguém que, como eu, é cidadão brasileiro, intelectual e Pastor-Maior de sua Igreja na condição de Membro do Colégio dos Cardeais.

Se, após um sério discernimento, exigido pela singular qualificação desta Casa, confirmar-se em mim, graças às mesmas pessoas amigas, a convicção de poder, com minha apresentação, ser útil à própria Academia e, por meio dela, à sociedade brasileira e à nossa Pátria, estarei disposto a propor a minha candidatura ao sufrágio dos Senhores Acadêmicos, tão logo se declare oficialmente aberta a vaga deixada pelo imortal Abgar Renault.

Com esta carta dirigida a Vossa Senhoria, pedindo-lhe o especial obséquio de comunicá-la aos seus Pares, cumpro o que me parecia ser um dever da minha parte: o de informar o ilustre Presidente e, por seu

intermédio, os digníssimos Membros desta Casa acerca da minha disposição a inscrever-me em tempo oportuno para a eventual sucessão do citado Acadêmico.

Com a expressão da minha cordialidade e respeito, seu

† Lucas Card. Moreira Neves, O.P.
Arcebispo de Salvador – Bahia
Primaz do Brasil

☞ COMPOSTO EM MONOTYPE CENTAUR 11/15 PT: NOTAS, 9/12 PT.

